




Publicações Periódicas

Autorizado a circular em invólucro fechado de plástico ou papel

Taxa Paga Portugal Linda a Velha



Director: Carlos Nuno Vaz | Ano LXXV - N.º 1444 | 1 Novembro de 2020 | Preço Avulso Euros 1,50  
Assinatura Anual: Portugal 20 Euros - Estrangeiro 25 Euros | Membro da: AIC - Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

Prioritário

## Faleceu Dom José Pedreira, bispo emérito de Viana P.9

## Fratelli Tutti, um abanão aos 'bons' que nada fazem P.14-16



## Melgaço inaugurou a primeira torre de comunicações ilustrada com a identidade do concelho P.32



## Explosão mortal na Aflex P.11



## Mais uma centenária em Melgaço P.3



ARTE, MÚSICA E GASTRONOMIA P.3

OE 21 : SETE MEDIDAS AMIGAS DE SI P.6

INCENTIVO AO EMPREGO NO INTERIOR APRESENTOU 95 CANDIDATURAS P.10

A SERRA DA PENEDA - P2 P.12

AUTARQUIA CONVIDA PORTUGUESES A 'VIVER EM MELGAÇO' P.18

ANGELINA GONÇALVES INVESTIGOU RELAÇÃO «HOMEM-LOBO» EM MELGAÇO P.17

LIVRO DE RECLAMAÇÕES P.19

DIREITO À INDIGNAÇÃO, POR RUI PINHO P.22

SEGUNDA VAGA COVID-19 E OUTRAS NOTÍCIAS P.24-25

HOMEM DE VILADRAQUE (PAÇOS) MORRE EM PADRENDA DE MANEIRA TRÁGICA P.27

A 'CASA DOS 24' - UM CONCEITO SINGULAR P.30

# Quinta do Regueiro

Um pequeno produtor a produzir vinhos gigantes

Quinta do Regueiro - Coto - Alvaredo  
4960-010 Melgaço

Contactos: 966 854 542  
comercial@quintadoregueiro.com



O Foral obteve 91 pontos na lista de "Best of the Year 2020" da Wine Enthusiast. Este vinho soma assim duas excelentes pontuações de 91 pontos a nível internacional. Apenas disponível nos Estados Unidos e em Portugal em qualquer loja Continente.



# O casamento

José António Barreto Nunes

Na sua última edição, o jornal mensal *A Voz de Melgaço* publicou a primeira parte de uma tese de licenciatura em Agronomia/Silvicultura, do ano de 1958, da lavra do meu tio e padrinho de batismo, eng. Renato Raúl Dantas Barreto.

Entretanto, foi enviado à família do eng. Renato Barreto um exemplar desse jornal, que suscitou uma interessante conversa telefónica entre a minha pessoa – José António Barreto Nunes – e a minha tia D. Maria do Carmo Lobato Barreto.

Começou por agradecer, muito sensibilizada, em seu nome e no do meu tio Renato Barreto, a publicação da referida tese de licenciatura, altura em que lhe disse que o director do jornal era o Sr. Padre Doutor Carlos Nuno Salgado Vaz, de Melgaço.

Disse-me então que o seu casamento com Renato Barreto tinha sido celebrado no dia 8 de Março de 1959, no Bom Jesus do Monte, em Braga, pelo Sr. Padre Júlio Vaz e perguntou-me se seriam familiares, tendo-lhe respondido, conforme era do meu conhecimento, que havia uma relação de parentesco tio/sobrinho.

De seguida, perguntei-lhe a razão de o casamento ter sido celebrado pelo Sr. Padre Júlio Vaz, que conhecíamos de Braga, mas de quem não percebíamos o relacionamento.

A sua resposta foi rápida e esclarecedora.

Os pais de D. Maria do Carmo Lobato Barreto viviam em Ponte do Lima, sendo ele Álvaro Morais Lobato, comerciante de tabacos, e ela, D. Maria José Barbosa Lobato, doméstica.

Álvaro Morais Lobato, que faleceu no início dos anos 40 do século passado, era oriundo de Melgaço e, segundo se lembra a filha, parente distante da família dos Padres Vaz. Daí o conhecimento e a amizade respeitosa, sincera e profunda com o Sr. Padre Júlio Vaz.

E acrescentou a minha tia que na primeira metade do século XX faziam férias em Vila Praia de Âncora, numa casa de gaveto na actual Praça da República e que o sr. Padre Júlio Vaz passava com eles cerca de 15 dias, todos os anos, provavelmente desde finais dos anos 30, toda a década de 40 e mesmo alguns anos na

de 50. Naquela época do ano fazia parte da “móvel da casa”, como se costuma dizer. E o que de mais marcante recordou a minha tia D. Maria do Carmo, do alto dos seus quase 90 anos, foi que, todos os dias, ao final da tarde, os quatro irmãos (João, Pedro, Maria do Carmo e Álvaro, todos Lobato) tinham de permanecer em silêncio absoluto, já que era a hora de o Sr. Padre Júlio Vaz ler o *Breviário* e refletir sobre o mesmo. E ai de quem prevaricasse!... Certo é que o sr. Padre, tão bem se sentia naquela casa de família, brindava diariamente as crianças com guloseimas e ensinamentos.

E não fica por aqui a ligação entre o sr. Padre Júlio



Vaz e a família Lobato, já que celebrou os casamentos dos quatro irmãos acima identificados e também o de um sobrinho.

Quanto à fotografia do casamento, ao qual, então com 10 anos de idade, estive presente, reconheço familiares de um e do outro lado dos noivos, que passo a identificar, tanto quanto a minha memória me permite.



Em cima do lado esquerdo, de negro, o Sr. Padre Júlio Vaz.

Do meu ramo familiar – Barreto –, vindos

de Monção, Valença, Ponte do Lima, Paredes de Coura e de Braga, entre outros, o pai do noivo, nosso avô materno Manuel Luís Guerreiro Barreto, e sua irmã e madrinha D. Maria Deolinda Guerreiro Barreto (Tia Micas); a cunhada D. Flámina Vieira de Sequeiros; primas Eduarda e Armando Fontainhas, Regina e Adelaide, Ana e Maria José; Dr. Viriato Amaral Nunes e D. Georgina Cândida Dantas Guerreiro Barreto Nunes e filhos Henrique, José António (ambos de laço) e Isabel, que foi a menina das alianças; Dr. Fernando Sá Dantas e D. Maria Armada Ferreira da Silva Sá Dantas; Dr. Rúben Gomes e D. Regina Sá Dantas Gomes e filha; D. Cândida Sá Dantas e irmão arquitecto Fernando António Sá Dantas.

Do lado da noiva – Lobato –, vindos de Ponte do Lima, Coimbra, Braga e Guimarães, entre outros, os padrinhos Professor Doutor João José Lobato Guimarães da Universidade de Coimbra, e a mãe da noiva D. Maria José Barbosa Lobato; o irmão da noiva Pedro, com a senhora, D. Maria da Conceição e filho Pedro José, e o irmão Álvaro; o arquitecto Fernando Barbosa e Silva e senhora; enfermeira Pilar e marido António.

Resta findar esta breve evocação, dizendo quanto um simples texto permite trazer tantas recordações a unirem famílias e famílias com ligações ao nosso Minho.

Braga, 16 de Outubro de 2020

## Orçamento de Estado para 2021 Não Contempla novas medidas de apoio à Imprensa Regional

Paulo Ribeiro\*

É com profundo desagrado que a AIC – Associação de Imprensa de Inspiração Cristã constata que a proposta do Orçamento de Estado para 2021, apresentada pelo Governo na Assembleia da República, não reflecte nenhuma melhoria para a imprensa regional, sector extremamente importante para o fortalecimento democrático e da coesão do país.

Apesar das nossas propostas terem sido, em devido tempo, apresentadas ao Governo, na pessoa do Sr. Secretário de Estado do Cinema, Audiovisual e Media, infelizmente nenhuma foi acolhida, pelo que o OE para a imprensa regional é igual ao documento em vigor para este ano, não reflectindo a gravíssima crise causada pela epidemia e que

atingiu fortemente este sector da comunicação social.

A AIC apresentou ao Governo apenas três medidas urgentes para integrarem o OE: que as assinaturas de jornais e revistas possam ser contempladas com uma majoração em sede de IRS, de forma a beneficiar directamente os leitores e, indirectamente, os títulos; outra proposta, em sede de IRC, passa por uma majoração às empresas que façam publicidade na imprensa regional, de forma a incentivar a economia regional; finalmente, que neste período pandémico pudesse ser aumentada a taxa de comparticipação estatal na distribuição postal dos jornais e revistas.

Infelizmente, nenhuma das propostas foi contemplada pelo Ministério da Cultura, ao contrário de outros

sectores debaixo da mesma tutela que viram, felizmente, aumentar os apoios estatais, pelo que o nosso grau de preocupação é agora muito maior dada a magnitude dos problemas que afligem a comunicação social.

Daí que este OE, para a imprensa regional, não protege as pessoas e não apoia nem a economia, nem o emprego, pelo que a AIC vai agora procurar junto dos partidos com assento parlamentar, cuja discussão vai iniciar-se na Assembleia da República, explicar as consequências nefastas que a ausência de alterações das políticas públicas, traduzidas neste documento, irá trazer para a imprensa regional em 2021.

\* Presidente da AIC - Associação de Imprensa de Inspiração Cristã

### A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105  
4710-926 BRAGA  
Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:  
jornal.vozmelgaco@gmail.com  
redacao@vozemelgaco.pt  
Site: www.vozdemelgaco.pt  
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:  
n.º 163455/01

Registo de Imprensa  
n.º 101960

Tiragem deste número  
1.900 ex.

Director  
Carlos Nuno Salgado Vaz,  
*Cartão de Jornalista, n.º TE-68A*

Colaborador - CO 257  
João Martinho Silva

Editor  
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção  
Júlio Nepomuceno Vaz  
Manuel Luís Vaz

Correspondente  
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:  
Abílio Francisco Conde – Melgaço  
Alberto Magno P. Castro – Valença

Alcídio Silva Figueiredo – Porto  
Álvaro Carvalho – Braga  
António Costa Guimarães – Braga  
António Jorge Tavares – Açores  
Armada Urze – Melgaço  
Arménio Augusto de Melo – Braga  
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos  
Helena Matos – Braga  
José Afonso Marques – Orense  
José Albano Domingues (Dr.) – Melgaço  
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro  
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga  
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana  
Júlio de Sousa Domingues – Âncora

Manuel José Pereira – Penso  
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço  
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Lisboa  
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga  
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa  
Maria Nadelete Costa Lopes (Dra.) – Braga  
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria  
P.º Manuel Domingues – Viana  
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa  
Rui Ribeiro – Melgaço

### PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«Jornal A Voz De Melgaço, Lda.»  
Largo da Senhora-a-Branca, 105  
4710-926 BRAGA  
jornal.vozmelgaco@gmail.com  
Telef. 253 214 284  
Contribuinte n.º 502668636

NIB: 0018 0000 28639224001 05

Gerência:  
Carlos Nuno Salgado Vaz e  
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:  
Carlos Nuno Salgado Vaz,  
Maria do Rosário Salgado Vergara  
Vaz,

Júlio Nepomuceno Vaz,  
António Luís Vergara Vaz  
e Manuel Luís Vergara Vaz,  
20% cada.

Pré-Impressão:  
Amigos de “A Voz de Melgaço”

Impressão e Expedição:  
Empresa Diário do Minho, Lda.  
Rua de S. Brás, n.º 1  
4710-073 Gualtar Braga  
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:  
Portugal – 20 Euros  
Estrangeiro – 25 Euros



# 100 Anos marcados na Memória

Foi no passado dia 05 de Outubro de 2020, que a Dona Gracinda de Araújo Pereira Lima, Natural de Arcozelo - Ponte de Lima, mas a viver na freguesia de Alvaredo, concelho de Melgaço em conjunto com o seu marido João de Carvalho (90 anos), há mais de 55 anos, completou um século de vida e faz parte da história do mundo de uma forma mais profunda, autêntica e rara. Esta guerreira foi mãe de 5 filhos(as) (infelizmente um deles faleceu ainda em criança), avó de 8 Netos(as) e bisavó de 6 bisnetos(as).

Nesse mesmo dia, a sua família teve imensa pena de não poder festejar como “ELA” verdadeiramente merecia, mas devido à situação de Pandemia que o Mundo atravessa tivemos de nos restringir ao número de pessoas para a podermos proteger a Ela, a Nós e aos Outros. Mas não podíamos deixar passar esta data em branco e conseguimos organizar uma festinha restrita apenas a família mais próxima.

Ela alcançou esta grande meta e nós não podíamos estar mais felizes. Parabéns por celebrar 100 anos de

vida. Você tem tantas e boas histórias para contar que até é um privilégio para nós podermos ouvir a sua voz. É um ser humano incrível, onde a idade nunca se revelou um problema. Pelo contrário, é uma pessoa maravilhosa, lutadora, amiga do seu amigo, sempre pronta a ajudar o próximo. Nunca perca essa juventude no olhar, até porque envelhecer é uma coisa que nunca a incomodou. Por isso, lhe desejamos hoje e também todos os dias da sua vida, muita paz, saúde, amor e felicidade.

E por fim, mas não menos importante, um MUITO OBRIGADO a todas as pessoas que lhe desejaram um



feliz aniversário tanto pessoalmente, como por Telefone, SMS ou através das redes sociais. Um muito obrigada do fundo do coração, ela ADOROU!

A sua Família.

# Arte, Música e Gastronomia

António Jorge Tavares

**Tem sido extremamente difícil, nos tempos desta pandemia, o trabalho e a sobrevivência da área da restauração. Muitos restaurantes ainda se encontram fechados (ou em vias de nunca mais abrirem, devido ao aumento das restrições impostas), enquanto outros lutam por conseguirem sobreviver.**

O Restaurante “Alcides” de Ponta Delgada, é disso um grande exemplo, pois continua a prestar com elevado profissionalismo e grande dedicação da sua equipa de cozinha e de sala, a oferecer um serviço de qualidade, respeitando todas as normas de exigência impostas pela DGS.

A par disso, tem levado a efeito em algumas noites de fim-de-semana ao jantar, momentos de música extremamente agradáveis para aqueles que procuram o restaurante para jantar.

Já tive aqui oportunidade de enaltecer o trabalho levado a efeito pelo responsável Pedro Melo, em anterior artigo. A provar o que já disse sobre o serviço prestado, não quero deixar de referir os elogios que recebem, quer de estrangeiros quer de nacionais, nos livros que o Pedro Melo guarda dos visitantes.

Este restaurante, a quem a cidade de Ponta Delgada muito deve, é uma referência na cidade, pelo trabalho deixado pelo seu fundador, senhor Alcides, que ainda tive oportunidade de com o mesmo privar, homem de referência, deixou um legado ao seu filho Pedro Melo a que este tem sabido dar continuidade.

Recentemente o restaurante e o hotel sofreram obras, encontrando-se o restaurante bastante agradável na sua decoração, com as paredes pintadas num vermelho/florentino, obras essas da autoria do irmão



do Pedro, o arquitecto Francisco Melo, num ambiente confortável, mas sem ostentação.

Gostaria de referir o “must” do restaurante. É o quadro a óleo em tela que se encontra ao fundo da sala, da autoria do pintor açoriano Domingos Rebelo, intitulado “Alegoria ao Trabalho”, datado do ano de 1956, de generosas dimensões, o qual muitas pessoas admiram, mas sem imaginarem a importância que o seu autor tem na pintura açoriana e o seu valor.

O pintor Domingos Rebelo nasceu em Ponta Delgada, em 1891 e faleceu em Lisboa, em 1975. Deixou uma vasta obra de pintura, a qual se encontra patente no momento no Museu Carlos Machado, sendo um dos seus quadros mais conhecidos, “Os Emigrantes”, datado de 1926, o qual representa bem a experiência da emigração nas gentes açorianas. O próprio artista teve oportunidade de produzir outras versões sobre



a problemática da emigração açoriana. Contudo, este quadro, exposto na sala do “Alcides”, representa bem o tema do trabalho agrícola na época pelo olhar desse grande pintor açoriano.

Gostaria de destacar o modo como a gerência deste restaurante tem levado a efeito o ultrapassar desta crise, mormente no seu sector, criando um ambiente diferente aos fins de semana, com momentos musicais de bom nível, como já tivemos oportunidade de assistir. Já houve uma sessão de fados, de viola portuguesa e de um duo de jazz, interpretando temas de Miles Davis e o bonito tema da garota de Ipanema, proporcionando desta forma um ambiente diferente, respeitando essencialmente sempre as distâncias impostas por lei.

Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

## Agora connosco:

Miriam Silva

Fisioterapeuta com experiência nas áreas de Ortopedia, Reumatologia, Neurologia, Cardiorrespiratória, Geriátrica, Pediátrica, Desportiva e Uroginecológica. Formações em ATM, Acupuntura para Fisioterapeutas, entre outras.



Telefones:  
00351 251 404 002  
WhatsApp:  
00351 938491261

Consulte-nos na  
**EstheticSmile**

Largo da feira - Melgaço



Agora Connosco:  
Dra. Rosália Pereira

Dedicada a patologias que requerem intervenção imediata e supervisão continuada. Experiência em urgência/emergência clínica geral, geriátrica, pacientes polimedicação com comorbidades diversas, entre outras. Profissional com diversas formações em Espanha, Portugal, Brasil, França e Suíça.

Telefones:  
00351 251 404 002  
WhatsApp:  
00351 938491261

Consulte-nos na  
**EstheticSmile**

Largo da feira - Melgaço

## Agora connosco:

Telma Gonçalves

Enfermeira com experiência nas áreas de Bloco Operatório, Geriatria, Psiquiatria, Pediatria, Obstetria, Médico-cirúrgica e reabilitação. Formações em Ozonoterapia entre outras.



Telefones:  
00351 251 404 002  
WhatsApp:  
00351 938491261

Consulte-nos na  
**EstheticSmile**

Largo da feira - Melgaço



# Do “Vale do Lima” XXIII

P. M. Domingues

No mês de Novembro, recordamos com mais sentimento os familiares falecidos. Dos meus, faço memória todos os dias. Mas, fora dos meus consanguíneos, amigos houve que não esqueço. Um, o saudoso Prudêncio Lima, o “homem da Serra Brava”. Era um amigo e os amigos dele, meus eram também. Através dele, conheci pessoas maravilhosas! O Prudêncio deixou em testamento verbal que no seu funeral tinha que ser eu a presidir. Na família todos sabiam disso e logo que faleceu fui avisado. Apesar de já não estar na paróquia, desloquei-me e cumprui-se a sua última vontade. Da minha parte, foi mesmo uma excepção. Com outros amigos poderia dar uma desculpa (que me perdoem), com o Prudêncio, não.

Cedo, como muitos outros soajeiros, demandou a capital e por lá se empregou como padeiro. Esta profissão voltaria a exercê-la mais tarde em França para onde emigrou. De volta à terra natal, construiu, em Paradela, a sua casinha simples e acolhedora, arroteou um pedaço de terra dura e piçarrosa e dela tirava fruto com predominância para o vinho morango, “america-

no” – “o petróleo da candeia” – que tantas vezes regou e alegrou belos almoços de amigos. O Prudêncio tinha a sua, embora pequena, biblioteca, gostava de ler e de escrever, foi correspondente de *Notícias dos Arcos*, chegou a ser, por minha indicação, Director de *A Voz de Soajo*, lutava pelos interesses da sua “serra brava”. Perpetuar o seu nome, é de justiça.

As memórias também são como as cerejas, uma puxa a outra. Uma outra figura de grande humanidade era o *senhor Necas de Matosinhos*. Armador de profissão, tinha barcos de pesca em sociedade. Com sua esposa Lídia e cunhada Cilinha inculturaram-se na alma soajeira e tive o gosto de entrar na esfera das suas amizades. Gente maravilhosa! Simples e dedicada aos amigos! Quantas coisas lindas *concelebrámos!* Falecido precocemente, lá estive eu e outros devotados amigos no seu funeral. É doloroso perder amigos, mas no coração eles vivem.

Amigo não empata amigo. Assim sendo, e também dos meus tempos do Soajo, a terra onde eu vivi a maior parte e a melhor da minha vida, deixo aqui a memória doutro amigo de quem não digo o nome. Dizia-se des-

crente, ateu e tudo o mais à volta disto. Um dia passou à minha porta, cumprimentamo-nos com um bom dia, dois dedos de conversa e eis que ele repara numas luvas de boxe e num saco de areia onde me entretinha, às vezes, na brincadeira. Perguntou-me se eu era boxista e ele, com a mania de que o era, contou-me episódios de “tareias” ocorridos lá pela França. Concluindo, as minhas luvas de boxe aqueceram aquele primeiro contacto conquistando um amigo. Em conversas de esplanada, em sua casa e em passeios, até ao seu adeus a esta vida, amigos até ao fim! Nos últimos tempos de vida, já acabado, raro era o dia que o não visitava. Sempre me dizia que não era crente, que nem funeral religioso teria. Falávamos sobretudo doutras coisas. Num dia, porém, atirei-lhe com a proposta: e se recebesse a Santa União, sinal do amor de Deus para com os que sofrem?!... Um bocadinho de catequese - eu já sabia todos os pecados da vida dele, *confessados* nas nossas conversas informais - diz-me que sim (a semente estava lá) e se no céu há alegria por um pecador que se arrepende, eu também fiquei feliz por aquele amigo.

## GAZETILHA

Álvaro Carvalho

**O que lá vai, lá vai!...**

Este 2020 tem dado “água pela barba”!...

Quem pôs as “barbas de molho” na Primavera entra agora no Outono com o “credo na boca” porque este maldito vírus ainda não está controlado (nem de perto... e parece que nem de longe...) e cada vez se alastra mais.

Não há “panos quentes” capazes de mitigar toda esta catástrofe epidémica que tomou de assalto tudo e todos e tem posto à prova o mundo inteiro. Não são só os pobres e os velhos que morrem com este Covid-19.

A desgraça bate à porta de todos.

**O que é que estará para vir?!...**

Se não respondermos todos à chamada, para fazer frente à pandemia de forma eficaz, todo o esforço que foi feito até ao momento irá por “água abaixo”!...

As famílias têm que assumir o seu papel e resguardar-se. Não pode haver descuidos pensando que o Governo com as suas directrizes e leis tem uma poção mágica capaz de dizimar todos os malefícios.

Para o bem de todos é imprescindível que cada um faça a sua parte. A situação que se vive não pode ir “de mal a pior”!... Todo o esforço que foi feito parece ter sido em vão.

Se não formos capazes e responsáveis não haverá forma de manter tudo nos “eixos”. Não se pode adiar o futuro de toda uma Nação se desperdiçarmos o tempo presente.

O Covid-19 não pode servir de desculpa para a confusão e inoperância dos serviços de saúde.

**E tudo passa, tudo passará!...**

Tudo vai ficar bem!

Sim, tudo tem que ficar bem depois de tudo o que aconteceu.

Não há abraços!

Não há beijos!

Há medo.

Há desconfiança.

Onde estão os nossos velhos?!...

Onde estão as nossas crianças?!...

Uma coisa é certa:

**- O Natal está a chegar e traz todo um espírito de amor e benevolência.**

As eleições no nosso encantador Açores vieram dar uma rica lição a quem se pôs a jeito nas penúltimas eleições legislativas portuguesas. Agora é que é:

- Não faças aos outros o que não queres que te façam a ti!...

Às vezes custa entender que “cá se fazem e cá se pagam”!

## Flashes do Ciclo

Arménio Melo

Marcelo, com a ética Republicana e Costa, com os aniversários de Amália Rodrigues, comemoraram o 5 de Outubro.

Efectivamente, Marcelo, brindou os portugueses, com argumentos que julgo lamentáveis. Com efeito, o presidente da República dizer que: -“A recuperação económica deve ser norteada, pela ética republicana, que repudia, compadrios, clientelas e corrupções,- O Presidente da República, naturalmente, referia-se à República Portuguesa, com os Governos socialistas, nomeadamente, os governos de Guterres e Sócrates, ou a Republica da Venezuela, com Chaves e Maduro, ou a do Brasil de Lula, ou a de Angola com Eduardo dos Santos. De facto, corrupção, é difícil combater, porém, nestas repúblicas que citei, é impossível, visto o cerne da questão estar nos governantes e, quando os governos ,são corruptos, como é o caso, obviamente torna-se impossível o combate.

Por sua vez, o primeiro ministro, deslocou-se ao Panteão Nacional, em Lisboa, para presidir, à cerimónia das comemorações, do centenário do nascimento, de Amália Rodrigues e também, 21 anos da sua morte. Ali, no discurso de homenagem, com o malabarismo, que lhe é peculiar, disse o seguinte:-“Amália, não nasceu num país livre, mas libertou-o nos versos que cantou e nos compositores, a que deu voz. Permitiu e permite, a redescoberta, do fado, como algo que está, acima de qualquer regime, que o procure apropriar. Amália, soube dar, uma nova musicalidade ao fado resgatando-o do travo

ácido de taberna, tornando-o numa melodia.” Os Portugueses conhecem muito bem, os dotes de Amália, quer no cantar, quer como Atriz, no cinema. Porém, os factos que Costa citou, apenas um, é verdadeiro. Efectivamente, Amália, nasceu em 1920, precisamente, no ano, que um punhado de lacaios, de Moscovo, criaram o partido comunista. Portugal, já estava mal mas, com o partido comunista, na clandestinidade, a actuar, sob a égide, de Moscovo, piorou, o que levou ao Movimento, do 28 de Maio, em 1926. Portugal, encontrava-se sem dinheiro e sem alimentos. Obviamente que, Amália, como ela contou várias vezes, sendo duma família, de poucos rendimentos, passou a sua infância, com muitas dificuldades. Porém, 1848 o Ilustre Escritor, Júlio Dantas, havia criado, a Historia de uma cigana, muito bonita e com uma voz encantadora, encantando príncipes e fidalgos, porém, a Severa apaixonou-se por um cigano, que tocava muito bem guitarra e realejo, quando ela cantava. Dando assim ao livro, o título de o “FADO DA SEVERA.” Em 1931, Leitão de Barros, transformou-o para cinema, com o título de “A SEVERA”, sendo o primeiro Filme Português, Sonoro. O livro tinha a letra, de vários fados, aos quais, o também brilhante compositor, Frederico de Freitas, deu a música em melodia como é o caso do fado da Rua do Capelão, para fazer o papel de Severa, chamou a cantora Dina Teresa que, em beleza, coincidia com a descrição, da fictícia Severa. Nessa altura, já Amália, com 11 anos, cantava em tabernas, onde a sua voz, era atraente e, teve

a sorte de, também nessa altura, haver um leque de cineastas, autores, atores e compositores que, tornaram o período, entre os anos 30 e 50, do ciclo, hoje considerado, o tempo de ouro, do cinema português. É certo, que Amália, beneficiou muito, mas eles, também beneficiaram, visto que, nos filmes, em que Amália, fazia parte, era a cabeça de cartaz. Mas, não era Amália, quem fazia a música, eram os compositores, com realce para Frederico de Freitas e Frederico Valério, a letra com realce para Homem de Melo e Mourão Ferreira, os quais preparavam os fados próprios para a voz de Amália. Assim, Amália entre os anos trinta e o 25 de Abril de 1974 pode-se dizer que foi a pessoa que mais liberdade teve em Portugal. Com efeito, Amália, visitou os 5 continentes, sendo desejada, em todos os locais, que visitava, incluindo Moscovo. Em contraste, também se poderá dizer que a pessoa que teve menos liberdade, nesse período foi Salazar, porque sabia, que tinha a vida em perigo. Os comunistas, se tivessem oportunidade, cumpriam os interesses de Moscovo. Como fizeram, com Sá Carneiro. Mas, Amália com o 25 de Abril, sofreu, com a ira, comunista e o apoio socialista. Foi presa, em Caxias e acabou por se exilar no Brasil, onde permaneceu, 5anos, regressando, a Portugal, no governo da AD, de Sá Carneiro. Agora, entramos em Novembro, temos a comédia da união de Belém e o governo, com os partidos de esquerda sobre o Orçamento do Estado, bem como, a Novela, do caso de Tancos em julgamento. A ver vamos.



# Viver não custa, o que custa é saber viver!

Helena Matos

Somos pessoas de bem com direito à liberdade e privacidade.

Vamos andando e aprendendo quando temos bons mestres e tentamos ser melhores aprendizes.

Sempre aprendi que o trabalho dignifica o homem e a educação é uma mais valia no percurso de vida que seguimos.

Devemos trabalhar sem ser necessário mendigar o que é nosso por direito. Devemos aprender para nos superarmos a nós próprios e não para ultrapassar de forma menos ética e profissional os que fazem parte da mesma equipa de trabalho. Devemos saber ocupar o nosso lugar sem menosprezar o lugar de cada um.

Temos o direito de abraçar uma profissão e ver reconhecido o nosso trabalho sem termos que “roubar” tempo e espaço à família.

Não podemos parar no tempo à mercê da sorte e

da caridade quando, por circunstâncias que nos ultrapassam, temos que nos dirigir a organismos estatais que dão primazia à burocracia e não respondem pelos direitos de quem quer trabalhar.

É cruel chegar à idade da reforma e receber um “côdea de pão com bolor”! Magoa saber que as reformas mínimas não dão para pagar habitação, pão e remédios a uma maioria silenciosa que por vergonha vai calando sua miséria.

Como é possível legislar no sentido de uma reforma mínima ser inferior ao subsídio de refeição de um deputado?!...

Que vergonha e que afronta os impostos não cobrirem as despesas do nosso povo que morre de fome e de solidão.

Aos poucos os velhos têm sido despojados de seus haveres e de seus direitos. A maioria vive só e ao aban-

dono.

Nesta altura de crise aproveitemos o que temos ao dispor e não deixemos ninguém pelo caminho.

As crianças precisam ser crianças. Precisam de seu espaço familiar e escolar. Precisam de espaços abertos para brincar e conviver.

Quem trabalha precisa de pôr pão na mesa e ter tempo de qualidade para viver em família.

Precisamos celebrar a vida e cultivar os afectos.

Miguel Torga dizia que “só havia três coisas sagradas na vida: a infância, o amor e a doença. Tudo se podia atraiçoar no mundo, menos uma criança, o ser que nos ama e um enfermo. Em todos esses **casos a pessoa está indefesa**”.

Não podemos atraiçoar o melhor que a vida nos dá.

Saibamos homenagear os nossos mortos com a devida vénia e respeito.

## Curcuma ou açafrão-da-terra

Teresa Tábuas

Já há tempos escrevi um texto sobre o açafrão, o verdadeiro, utilizado na nossa Terra para dar cor à aletria, prato que não podia faltar numa ceia de Natal ou em dia festivo, como era usual nos tempos da minha infância. Esse açafrão, especiaria extraída do estigma das flores da planta de nome científico *Crocus sativus*, originária da região do Mediterrâneo era comprado, pela minha mãe, em Espanha quando se atravessava a fronteira, sem passaporte, dando a volta pelo rio em S. Gregório ou atravessando mais acima em Pousafoles e na Cela de Baixo, se não estou em erro, para ir ao chocolate, caramelos, azeite, figos passos e outras compras como o açafrão, que era usual serem feitas no nosso país vizinho. O Açafrão vinha embrulhado nuns papelinhos e cada dose era usada para fazer meio kilo de aletria. Quando, mais tarde, tentei repetir a receita para os meus três renetos, que adoravam a aletria da avó, comprei açafrão-da-terra ou curcuma e tentei a minha sorte. A aletria fica amarelinha, como o açafrão verdadeiro, mas o cheirinho a Natal não é o mesmo. O açafrão é muito mais caro do que a cúrcuma, já que são neces-

sárias cerca de 150 mil flores para se obter um quilo de açafrão seco - e os estigmas dessas flores precisavam ser extraídos manualmente. Pesquisando sobre estes assuntos fiquei a saber que o açafrão-da-terra, é muito mais barato, porque é feito a partir do caule da curcuma e não é o “açafrão da minha mãe”.

A curcuma, de nome científico, *Curcuma longa*, pertence à mesma família do gengibre (*Zingiberaceae*), o seu sabor e coloração às vezes são associados aos do açafrão verdadeiro, daí o nome açafrão-da-terra. A parte usada como especiaria é o caule subterrâneo da curcuma, que é limpo, seco e moído. Além de ser comum na culinária indiana e asiática, a curcuma também é muito usada na medicina alternativa. Entre os benefícios da curcuma estão sua ação digestiva, propriedade inibidora de gases intestinais, ação anti-inflamatória e cicatrizante, entre outros. Na Ásia, o vegetal integra receitas de cosméticos como máscaras faciais e pomadas para pele oleosa. A curcuma também é utilizada como corante natural para o tingimento de tecidos. Na Índia, foi muito usada para tingir de amarelo os mantos de monges budistas.



A curcuma, é uma planta perene com ramificações laterais comprimidas. A parte utilizada da planta é o rizoma (caule parcialmente ou totalmente subterrâneo, horizontal) que apresenta uma coloração interna amarelada. Do rizoma saem as folhas e as hastes florais. Reproduz-se por pedaços dos rizomas que apresentam gemas (olhos). Depois da planta adaptada ao local, alastra-se, pois, o rizoma principal emite numerosos rizomas laterais. A colheita deve ocorrer na época em que a planta perde a parte aérea, depois da floração. Nesta fase, os rizomas apresentam pigmentos amarelos intensos.

## Aos nossos amigos, prezados assinantes

Carlos Nuno

Estamos já no final de 2020, mas ainda há muitos assinantes que não pagaram a assinatura deste ano, entre eles umas centenas que devem 2019 e até 2018, isto é, dois ou 3 anos. É uma penalização muito forte, pois precisamos de todos os euros para correspondermos às despesas com o jornal.

Compreendemos as dificuldades por causa da pandemia, porque muitos não vieram à terra no Verão, onde gostam de pagar a assinatura. Mas até muitos melgacenses residentes no concelho se esqueceram de pagar a assinatura.

Caros amigos: olhem bem para o papelinho com a direcção de cada um de vós. Logo na primeira linha diz: «Ano pago» e à frente tem : 2018, 2019 ou 2020. O ano que vier indicado é o ano que está pago. A partir dessa informação, para quem não saiba, é só fazer as contas: 1 ano são 20 euros no Continente e 25 euros no estrangeiro; dois anos são 40 euros ou 50 euros, conforme os casos, e assim para os demais.

Se optarem por pagar por transferência multibanco, as referências são estas:

**NIB = 0018 0000 28639224 00105**

**IBAN = PT50 0018 0000 28639224 00105**

**Para os residentes no estrangeiro o BIC /SWIFT é: TOTAPTPL**

Por favor, verifiquem que o nome de quem está a conta bancária é o mesmo do do assinante de quem está a pagar a assinatura. Se houver dúvidas, enviem um mail para: [jornal.vozmelgaco@gmail.com](mailto:jornal.vozmelgaco@gmail.com)

### Prestem atenção

Há pelo menos duas transferências cujos nomes não consigo encontrar no ficheiro de assinantes. São eles: André Guerreiro Rodrigues, que enviou 60 euros em 11 de Agosto, que deve ser para pagar 3 anos, mas não consta esse nome no ficheiro; Tiago José Barros Fernandes, que remeteu 75 euros em 4

de Agosto; Paulo José Cavalcante, que remeteu 84 euros em 7 de Setembro e deve ser para pagar uma publicação do cartório Notarial; MR OU MME DIAS MANUEL, que enviou 50 euros e é para pagar dois anos, mas este nome, com esta designação não está no ficheiro nem é a que vai na etiqueta. Por favor, ajudem a esclarecer, pois trabalho de pesquisa já deu que chegasse.

Queremos muito continuar com o jornal enquanto Deus me der vida, saúde e forças, pois necessita de muita dedicação gratuita para conseguir responder a todas as solicitações e tarefas que exige. Mas precisamos mesmo da colaboração de todos. E o pagamento directo da assinatura, se possível adiantada, como já fazem bastantes assinantes no estrangeiro, é uma das ajudas mais preciosas e insubstituíveis que todos podem e devem dar.

Escrevo este texto (28 de Novembro) no dia de São Judas Tadeu, advogado das causas difíceis. A ele peço a intercessão para que esta causa obtenha conveniente resposta da parte dos prezados assinantes.



# Atenção Combatentes do Ultramar

## PETIÇÃO Ex-combatentes milicianos

Nós, abaixo assinados, ex-combatentes milicianos da Guerra do Ultramar (entendendo-se como milicianos as três classes: Oficiais; Sargentos; e Praças não pertencentes ao Quadro Permanente das Forças Armadas), que, por imperativos patrióticos e em defesa da Soberania, fomos arrancados da vida civil com gigantescos sacrifícios, sujeitos a perder a vida...

### NÃO ESQUECENDO QUE:

1) A maioria dos deficientes da guerra ultramarina nunca foram ressarcidos pelo Estado Português porque a Caixa Geral de Aposentações, a quem era dada a última palavra nas suas juntas médicas, na maioria dos casos, não respeitou os seus legítimos direitos, nem a Constituição da República Portuguesa;

2) Muitos dos ex-combatentes sofrem do síndrome pós-traumático de guerra, que nuns se manifesta em ansiedade e agressividade, e noutros, em pesadelos quase diários (sonhos de vivência do teatro da guerra) e se sentem profundamente espezinhados pela esmola que nos é dada no mês de Outubro (variável entre 50.00€ e 150.00€), uma micro-reparação de que somos absolutamente discordantes.

3) Apesar do Estatuto do Antigo Combatente, agora aprovado pela Lei 46/2020 de Agosto, contemplar muitas coisas, e, até, pela primeira vez, nos considerarem Heróis Nacionais, a verdade é que esse mesmo Estatuto esqueceu que:

– A idade dos ex-combatentes, ainda vivos, situa-se entre 66 anos e 84 anos;

– Uma boa parte está confinado a uma cadeira de rodas;

– Uma grande maioria, por força da sua avançada idade, já não pode sair de Casa para usufruir dos benefícios agora atribuídos: - Transportes gratuitos, visitas a Museus; etc...

Esse mesmo Estatuto não lhes consagra uma reparação do rendimento dos poucos ainda vivos e que aguardam o fim da sua vida, sem nunca terem sido dignamente ressarcidos da sua heroicidade,

Nestes termos, vimos, ao abrigo do artigo nº 52 da Constituição da República Portuguesa, propor à Assembleia da República Portuguesa, a elaboração de legislação que dê aos ex-combatentes um final de vida com dignidade e lhes atribua uma pensão mensal vitalícia de montante não inferior ao Salário Mínimo Nacional, a partir de 01 de Janeiro de 2021,

**FAZENDO-SE ASSIM JUSTIÇA.**

# OE 21: sete medidas amigas de si

O ministro das Finanças, ao lado do secretário dos Assuntos Parlamentares, afirma no Parlamento que o orçamento “é bom para os portugueses”. Destacamos sete medidas amigas das famílias — e de si — porque os empresários continuam a lamentar-se.

Municípios têm reforço de verbas do Orçamento de Estado em 2021. Os do distrito de Braga recebem mais de 217 milhões de euros. Braga, Guimarães, Famalicão e Barcelos ficam com 117 milhões.

Barcelos, com 32 milhões e 742 mil euros é o Município do distrito de Braga que mais recebe dos cofres do Estado, seguido de Guimarães com 32 milhões e 664 mil euros.

O Governo estima em 550 milhões de euros as medidas que contribuem para melhorar o rendimento das famílias, através da redução da retenção na fonte do IRS, da descida do IVA na eletricidade e do retorno do IVA pago em restaurantes, alojamentos e ainda na cultura. Estas são as principais medidas da proposta orçamental para 2021 que mexem com o seu bolso.

A redução em 2% nas taxas de retenção na fonte de IRS vai permitir aos trabalhadores ficarem com mais dinheiro na carteira no final do mês mas, o reembolso do IRS será certamente menor no ano seguinte. Em certos casos, as famílias podem até perder o direito ao reembolso ou terem de devolver dinheiro ao Estado. A medida é neutral para a gestão orçamental, mas para as famílias pode ter um impacto de cerca de 200 milhões de euros.

A taxa de IVA na eletricidade baixa para consumos até 100 kWh (ou 150 kWh, no caso de famílias numerosas). A poupança das famílias pode chegar a 150 milhões de euros.

O IVA dos ginásios passa a ser deduzido no IRS, com um limite de 250 euros por agregado familiar, para estimular a procura de ginásios, afetados pela pandemia.

As creches das redes pública e social são gratuitas para os primeiros filhos das famílias integradas no 2.º escalão do IRS, abrangendo um universo de 65 mil crianças. Até agora, só contavam com este apoio as famílias do primeiro escalão, ou do segundo escalão mas a partir do segundo filho.

O IVA pago na restauração, alojamento e cultura é devolvido aos consumidores. A partir de 2021, as famílias recebem de volta o IVA despendido nestes setores, através de um crédito fiscal em vouchers, mas têm de gastar essa quantia no trimestre seguinte àquele em que foi aplicada, em qualquer um dos três setores. Um exemplo: um almoço de 30 euros, com uma taxa de IVA de 13% dará direito a um crédito fiscal de quase quatro euros, que pode ser gasto num bilhete de espetáculo. Segundo as contas do Governo, a medida terá um impacto de 200 milhões de euros. Esta medida vai estimular o pedido de recibo nestes serviços e combater a fuga fiscal das empresas destes sectores

O novo Apoio Extraordinário ao Rendimento dos Trabalhadores, que pode variar entre 50 e 501 euros, abrange mais de 170 mil portugueses afetados pela pandemia e sem acesso ao subsídio de desemprego. Nessa situação estão trabalhadores independentes com perda de rendimento de pelo menos 40%, domésticas e desempregados que não têm ou que ficarão sem subsídio ao longo de 2021. A medida custa aos cofres públicos entre 400 e 450 milhões de euros.

O valor mínimo do subsídio de desemprego vai subir em cerca de 66, de 439 euros para 505 euros mensais, ficando acima do limiar da pobreza (atualmente em 501 euros) e do valor da nova prestação social que será criada em 2021.

### OS NÚMEROS PRINCIPAIS

Depois da maior quebra económica do pós-guerra, o governo conta com uma recuperação acentuada no próximo ano para ajudar a reparar alguns dos estragos causados pela crise nas contas públicas.

O cenário é de “elevada incerteza” económica, mas o governo espera que o pior da crise provocada pela pandemia tenha passado e se consiga começar, a partir do próximo ano, a conter alguns dos estragos sofridos pelas contas públicas. Os apoios à economia devem manter-se, o que leva a despesa pública a bater máximos. Para fazer face a esse efeito, João Leão conta com uma recuperação das receitas fiscais e contributivas, em linha com a recuperação da atividade económica, e com alguns desembolsos dos programas de apoio de Bruxelas para poder evitar um maior desequilíbrio nas contas (1,52 mil milhões de euros).

Mas, apesar da expectativa de recuperação económica, é necessário manter medidas de apoio ao emprego e de proteção do rendimento. Para 2021, esse custo deve ser de 1,95 mil milhões de euros. Além dessas medidas, o governo promete aumentar significativamente o investimento de forma a tentar relançar a economia. Conta assumir despesas de quase 1,8 mil milhões de euros no próximo ano com investimentos estruturantes, divididos pela ferrovia, expansão de redes de metro e equipamentos de saúde.

O ano de 2020 terá a maior quebra do PIB das últimas décadas. O governo estima uma contração de 8,5% este ano, uma perspetiva pior que a queda de 6,9% projetada pelo ministério das Finanças em junho, no Orçamento suplementar. Será a maior queda desde o pós-guerra.

O Orçamento do Estado foi desenhado a pensar que, em 2021, se registre um crescimento de 5,4% e que em 2022 se alcancem “os níveis anteriores aos da pandemia”. O documento ressalva “o elevado nível de incerteza” destas projeções, associada à magnitude,



abrangência e duração da situação pandémica e do seu potencial disruptivo sobre a economia”

As medidas de mitigação dos efeitos sanitários, sociais e económicos da pandemia custam 5,36 mil milhões de euros este ano. Já o aumento da despesa e quebra da receita decorrentes da quebra da atividade económica tiveram uma fatura de 9,6 mil milhões. O défice deverá situar-se em 14,4 mil milhões de euros.

A expectativa do governo é que a recuperação da economia possa ajudar o défice a descer para 4,3% do PIB no próximo ano, correspondente a 9,1 mil milhões de euros. O documento da proposta do OE sublinha que a despesa relacionada com as medidas de apoio ao emprego e rendimento no âmbito da crise pandémica continuam a ter “um impacto muito expressivo”. Sem essas medidas temporárias, o défice orçamental seria de 2,6% do PIB.

A despesa total do Estado no próximo ano vai superar, pela primeira vez, a fatura dos 100 mil milhões de euros em contabilidade nacional.

Quanto recebe cada freguesia do concelho de Melgaço? A freguesia de Alvaredo é a que recebe menor verba do Fundo de Equilíbrio Financeiro entre as treze Uniãos ou Freguesias do concelho de Melgaço.

Veja a seguir a distribuição das verbas do Estado que cabem a cada uma delas:

Alvaredo – 32.652,00
Couso – 32.652,00
Cristoval – 32.652,00
Fiães – 36.511,00
Gave – 37.634,00
Paderne – 45.245,00
Penso – 32.652,00
S. Paio – 32.896,00
UF Castro Laboreiro e Lamas de Mouro – 128.191,00
UF Chaviães e Paços – 57.126,00
UF Parada do Monte e Cubalhão – 67.345,00
UF Prado e Remoães – 47.951,00
UF Vila e Roussas – 64.759,00



 [tupodesvisitaportugal](https://www.instagram.com/tupodesvisitaportugal)



# #TuPodes Visita muito por pouco

Visita o clássico, o moderno, a imponência de ontem e a simplicidade do amanhã e aproveita os descontos em experiências, alojamento, museus e viagens de comboio até 50% do valor.  
Visita Portugal, tu podes.

[VisitaPortugal.pt](https://www.VisitaPortugal.pt)



visita Portugal



# Melgaço somou mais 26 casos de desemprego entre Janeiro e Setembro. Há 133 casos registados no IEFP

João Martinho

De acordo com os registos mensais disponibilizados pelo IEFP, no final de Setembro de 2020 estavam registados nos serviços de emprego do continente e regiões autónomas, 410.174 desempregados.

A taxa de desemprego continua a subir e Melgaço tem uma pequena 'participação' nesta contagem, mas bastante residual. **No fecho das contagens de Setembro, o concelho mais a Norte tinha um total de 133 desempregados inscritos no IEFP, dos quais 63 homens e 70 mulheres.** 18 inscritos procuravam o primeiro emprego.

Em Janeiro de 2020, num período em que já circulavam notícias sobre a infecção viral SARS-CoV-2 mas ainda não se adivinhava o impacto que teria na vida das pessoas e na economia mundial, Melgaço tinha 121 desempregados registados no serviço público de emprego. 22 residentes procuravam o primeiro emprego e 99 um novo trabalho.

2019 fechou com 107 pessoas registadas no IEFP com indicação de residência em Melgaço.



Considerando as contagens de 2020 a partir do número de fecho de Dezembro de 2019 até às últimas contagens disponíveis de Setembro, Melgaço somou mais 26 casos de desemprego. Recorde-se que este levantamento tem apenas em conta os desempregados registados naquela base de dados, com inscrição activa.

Os estímulos ao empreendedorismo ou apoio ao emprego jovem parecem estar a controlar o fluxo do desemprego na faixa etária mais jovem, contudo, **o grupo etário entre os 35 e os 54 anos de idade é o que inspira mais cuidados, com um registo médio de mais dez casos em relação aos restantes.**



## LINHAS INTERNACIONAIS

Portugal  
zona norte



Paris



Lyon

Luxemburgo



Barquense



(+351) 258 454 303

BARQUENSE – AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, LDA. • RNAVT nº 1849

SEDE: R. DR. JOAQUIM M. DE BARROS, Nº3 • 4980-634 PONTE DA BARCA - PORTUGAL

INFO@BARQUENSE.COM • WWW.BARQUENSE.COM • FACEBOOK.COM/BARQUENSE.PT

## UKUBO

Imobiliária

### Administração de Condomínios

- Organização de documentação;
- Registos e inscrições do Condomínio;
- Abertura de contas bancárias;
- Elaboração de orçamento anual;
- Criação de mapa de quotas;
- Criação de um Relatório de Contas anual;
- Realização de Assembleias;
- Gestão de contas e compromissos do Condomínio;
- Representação do Condomínio junto de várias autoridades.

UKUBO Consultoria,  
O seu parceiro de negócios.

**Melgaço**  
R. Dr. António Durães, nº65 R/C Dto  
4960-522 Melgaço  
+351 251 418 322

**Monção**  
Rua D. Afonso Henrique, Ed. Domus Residence, R/C Lj 2  
4950-446 Monção  
+351 251 031 908

**Braga**  
Av. Robert Smith, nº19  
4715-398 Braga

info@ukubo.com   www.ukubo.com   www.imoukubo.com

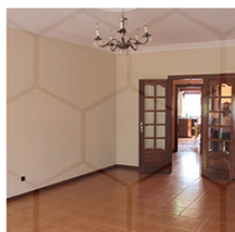
### Imóveis que lhe podem interessar

#### Apartamento T3

Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T3, amplo, com acesso facilitado para pessoas com mobilidade reduzida. Possui terraço e garagem fechada. Boa localização.

100.000€  
00609



#### Moradia V3

Paderne, Melgaço, Viana do Castelo

Moradia V3 com boa exposição solar, composta por r/c destinado a comércio e primeiro andar destinado a habitação. A propriedade dispõe de um terraço, garagem fechada e anexos. Excelente localização.

75.000€  
01010



#### Terreno com aptidão construtiva

Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Terreno com cerca de 5.000m2 de área, sendo parte construtiva (2.000m2), situado perto do centro da Vila de Melgaço, com boa exposição solar, bons acessos e excelentes vistas.

65.000€  
01568



#### Prédio no centro da Vila de Melgaço

Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Prédio para recuperação situado no centro da Vila, composto de r/c para comércio e 1º andar para habitação. Boa oportunidade de investimento.

35.000€  
01583



#### Moradia V5

Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Moradia V5 mobilada e equipada, situada numa zona habitacional calma. As divisões são espaçosas e a sala possui lareira. Tem ainda um espaço de lazer na zona exterior com churrasqueira e uma boa exposição solar.

250.000€  
01007



#### Moradia V2

Monção e Troviscoso, Monção, Viana do Castelo

Moradia com dois quartos, garagem, rossios com anexos, equipada com ar condicionado, localizada num local calmo e com ótimas vistas.

125.000€  
01029



#### Restaurante no centro da Vila de Melgaço

Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Restaurante localizado no centro da vila com 65 m² de área total e com capacidade para 34 pessoas. Este estabelecimento dispõe de uma cozinha totalmente equipada. Detém ar condicionado, teto com isolamento acústico, condutas de circulação de ar e sistema de som. Possui também armazém para arrumos.

80.000€  
01541



#### Moradia com dois pisos Mobilado e Terrenos

Cristóval, Melgaço, Viana do Castelo

Moradia bem conservada, ótima exposição solar, boas vistas, situada no centro de S. Gregório, junto a estrada nacional a 1km da fronteira. Casa com duas assoalhadas e diversas divisões.

230.000€  
01586





# Escrever algo sobre o D. José Pedreira é evocar uma personalidade, um pastor e um amigo

P. Manuel Domingues

Nasceu em Gondomil, Valença, terra de raras vocações sacerdotais, em 10 de Abril de 1935. Cedou ficou órfão de mãe, tendo o pai assumido toda a “carga” da educação dos vários filhos. Frequentou os Seminários Diocesanos de Braga com boas notas tanto escolares como de comportamento e ordenou-se padre em 12 de Julho de 1959. Ainda convivi com ele no Curso de Teologia, estando eu no primeiro ano e ele no quarto e fazíamos parte da “colónia do Alto Minho” e da patrulha de escuteiros “Camões”. Na qualidade de elemento da “colónia” também estive na festa da sua Missa Nova em Gondomil, para onde fomos de véspera.

Passou a fazer parte da equipa formadora do Seminário Conciliar, à rua de santa Margarida. Assim, de colegas que fomos, ele passou a ser meu prefeito. Respiro da sua personalidade as notas de **inteligência**, de  **piedade** e de  **amizade**.



Mas o **Colégio do Minho** foi o seu grande campo de acção, como **director, padre, professor e pedagogo**. A matemática era a sua especialidade enquanto professor. Para melhor exercício das suas funções, quis preparar-se matriculando-se e **licenciando-se em Psicologia** (valeu-lhe intervenções oportunas na Conferência Episcopal). No tempo que permaneceu em Lisboa foi pároco duma paróquia, creio que de criação recente e onde teve que se abalançar à construção duma igreja.

Da sua acção no Colégio do Minho nada posso testemunhar mas tive oportunidade de ouvir depoimentos de alguns dos ex-alunos, falando dele com muita saudade. Destaco o testemunho do oftalmologista Dr. Coutinho que, sempre que ia ao seu consultório, me falava e mandava cumprimentos para o D. José. Uma vez, já o D. José era Bispo Auxiliar no Porto, o Dr. Coutinho sentiu que alguém lhe dava um toque com os nós dos dedos da mão na cabeça e, evocando tempos do colégio, disse para consigo: “só pode ser o padre Pedreira!” Voltou-se e ...deram um abraço.

A sua personalidade “*deu nas vistas*” e custou-lhe ter que assumir uma mitra. Ordenado na Sé de Viana do Castelo em 19 de Março de 1983 foi para o Porto como

Bispo Auxiliar (e o seu coração nunca se desprende de aquele *primeiro amor*) mas, em 1997 assumiu a diocese de Viana do Castelo, vindo a resignar em 2010.

Uma das grandes preocupações do D. José eram os padres em *pôr do sol* da vida. Para tanto, lançou mãos à construção da Casa Sacerdotal onde viria a residir, escondido de todo o protagonismo, como Bispo Emérito. Aqui, foi meu conselheiro quando também eu entrei. Por ironia do destino, passei a ser eu o conselheiro dele, quando sentiu, e disso teve consciência, que as faculdades começavam a declinar. Com que humildade me pedia até, desculpem-me a inconfidência, ajuda para manusear a Liturgia das Horas, de que, aliás, estaria dispensado!

O “*fim de vida*” do D. José foi complicado e de muito sofrimento mas aceite com a maior naturalidade do mundo! Em nada queria privilégios: “*o normal, o normal!*” Em 14 de Outubro finou-se, no hospital de Braga. Teve exéquias solenes na Sé de Viana e sepultura no cemitério da cidade.

Pela sua acção pastoral, espiritual e material (e neste campo destaco a Casa Sacerdotal e o Auditório diocesano), bem merecia uma homenagem em forma de busto!

A minha homenagem, pobre, espontânea e saudosa, fica aqui neste testemunho.

## Aniceto Guilherme Lisboa

Carlos Nuno

**Não era natural de Melgaço, mas enamorou-se da nossa terra desde os tempos em que foi colocado em Melgaço, ele que era Agente da Polícia de Segurança Pública e ficou cedo viúvo com dois filhos pequenos.**

Casou-se com a Ilda de Barros, também viúva, que, em tempos, granjeava as terras do Teodorico, em Corções. Foram depois viver para Braga. Entretanto, a Ilda faleceu primeiro que ele.

Poucos dias antes do inesperado falecimento, ainda foi ter comigo à Igreja da Senhora-a-Branca, em Braga. Também outro conterrâneo e amigo, o Arménio de Melo, o tinha visto na rua poucos dias antes de todos ficarmos a saber da triste notícia pela Necrologia, no ‘Diário do Minho’.

Faleceu em 12 de Outubro, com 83 anos de idade. O funeral foi em São Vitor, no dia 13.

Era assinante do jornal e entusiasta de todos os assuntos nele versados que lia de ponta a ponta. Pro-

curava também cativar outros assinantes para o jornal.

Aqui a minha gratidão, os sentidos pêsames aos filhos e demais família e a certeza das minhas preces diante do bom Deus e Pai da Misericórdia em cujo seio espero se encontre já.



**VIVER MELGAÇO**

DESCUBRA PORQUÊ EM [WWW.MELGACO.PT](http://WWW.MELGACO.PT)

**melgaço**  
município



# +CO3SO EMPREGO: Vale do Minho apresentou 95 candidaturas

Seriam precisos 8 milhões de euros para efectivar propostas. Estado só disponibilizou 1 milhão na primeira fase

João Martinho

A corrida ao programa do Governo que promove o incentivo ao emprego no interior do país excedeu largamente os valores atribuídos para a primeira fase de candidaturas.

Melgaço recebeu a apresentação do programa de apoios lançado pelo Governo no mês de Junho, com a presença da Ministra da Coesão Territorial, Ana Abrunhosa e a Ministra do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social, Ana Mendes Godinho, e o Vale do Minho acabou por sair melhor do que a encomenda.

O Grupo de Acção Local (GAL) para o território fronteiriço, gerido pela ADRIMINHO [Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Vale do Minho] recebeu um total de 95 candidaturas para as três vertentes do programa, visando a criação de 194 postos de trabalho.

Por áreas de acção, o +CO3SO Emprego Interior recebeu 64 candidaturas, o +CO3SO Emprego Urbano recebeu 24 candidaturas e o +CO3SO Empreendedorismo Social obteve apenas sete.

Contudo, os montantes destinados ao território na primeira fase estão muito aquém das propostas recebidas. Recorde-se que, da dotação de 90 milhões de eu-

ros destinados ao programa para todo o país, a região Norte tem atribuído um envelope de incentivos na ordem dos 23 milhões de euros. Destes, o Vale do Minho receberá uma verba de 1.087.216,32€.

Em período de encerramento da primeira fase do programa, as contas da ADRIMINHO vão já muito para lá do milhão. O GAL contabiliza um montante previsto, considerando o total das candidaturas submetidas, na ordem dos 8,6 milhões de euros.

Especificando mais uma vez por áreas de acção, o grupo coordenador do Vale do Minho recebeu, para a ferramenta de apoio +CO3SO Emprego Interior, um volume de candidaturas para um valor previsto de 5.558.528,02€ (o valor a concurso tem um tecto de 400.000,00€); para o +CO3SO Emprego Urbano, um total previsto de 2.407.485,32€ (valor a concurso - 287.216,32€) e para o +CO3SO Empreendedorismo Social um total de 661.794,94€ (valor a concurso de 400.000,00€).

À altura da apresentação do programa, a Ministra da Coesão Territorial, Ana Abrunhosa, já admitia eventual necessidade de reforçar o programa com mais financiamento, o que, face à expressão dos números,



acabará por acontecer.

“De acordo com as informações da Sra. Ministra da Coesão Territorial e tendo em conta o sucesso do programa, está a ser estudado o reforço no sentido de conseguir apoiar aquelas [candidaturas] cujo mérito seja elevado e que se enquadrem na Estratégia de Desenvolvimento da DLBC Rural da ADRIMINHO”, indica Ana Paula Xavier, Coordenadora da Equipa Técnica Local da ADRIMINHO, a este jornal.

# Ressuscitou a Leonor das Marinhas

P. Abílio Cardoso

O título, provocante, é verdadeiro para quem crê. E justifica-se porque a vida foi provocação constante.

Como notícia, diremos apenas: Morreu a Leonor das Marinhas.

Precisamente no dia em que completava 78 anos de vida (8/10/1942 - 8/10/2020), a Leonor Sapateiro Gonçalves Patrão partiu para os braços d'Aquele que foi sempre a força na sua vida de sofrimento.

Após um longo calvário de quase 58 anos retida, paralítica, na casa da família, com períodos intermitentes de internamento hospitalar sobretudo nos últimos anos, cuidada pela família, de modo especial pela sua irmã Lurdes e filhos, eis que a Leonor morreu do modo como sempre vivera: esmagada pelo sofrimento, atenuado pela medicina, mas serena e confiante. Com a sabedoria dos justos, porque aprendera no sofrimento o que é a vida acolhida como dom e tornada dom para os outros.

A Leonor tem uma história única, que se conta em poucas palavras, apesar da riqueza espiritual enorme que foi acumulando: jovem ainda, aos 20 anos (11/12/1962), quando trabalhava numa saibreira com outros, eis que um aluimento de terras a deixou totalmente soterrada por um longo período, sendo resgatada e hospitalizada de seguida. O diagnóstico não podia ser pior: a fractura da coluna vertebral atingiu a espinal medula, deixando-a paralítica para sempre. Nem de uma cadeira de rodas pôde disfrutar.

De perto e de longe muitos a conheceram e visitaram. E saíam maravilhados com o seu sorriso contagiante, deixando adivinhar um falso bem-estar, só posto em causa com um «ai» que não conseguia evitar no sofrimento constante que procurava controlar. E soube resistir ao lugar de «santinha» em que a quiseram colocar. A santidade dela estava ali: no seu sorriso acolhedor, nos seus conselhos baseados no evangelho e na sua



devoção à Eucaristia e a Nossa Senhora, na dependência humilde e gradecida a todos os que a cuidavam, na paixão dolorosa que aceitava, resignada mas activamente oferecida a Deus, procurando ser digna de imitar Cristo a caminho do calvário.

A hora é de Louvor. A via da santidade da Leonor foi a do sofrimento. Precisamente a mais difícil, a mais incompreensível, a menos desejável e a menos comum. Fica-nos o heroísmo de uma Mulher que não se apagará das memórias dos que a conheceram. E fica-nos uma resposta única para a eterna questão que acompanha a história da Humanidade: porquê o sofrimento, porque Deus permite o sofrimento inocente?

**NOVIDADES**  
VINHOS  
QUEIJOS  
MEL  
CHÁS REGIONAIS

**“Da Costa Congelados, até ao seu prato”**

Rua Dr. António Durães, 119  
4960-522 Melgaço

Visite a nossa loja!  
251 031 438



# Explosão mortal na Aflex: ACT realizou “visita inicial” às instalações e tem inquérito em curso

João Martinho

“Em caso de acidente mortal, sempre que não seja de excluir a existência de responsabilidade criminal, [o MP] deve providenciar ‘pela imediata abertura de inquérito’”

A explosão de um autoclave (forno) de moldes de borracha, ocorrida no passado dia 19 de Outubro na Aflex Portugal, a fábrica de moldes instalada na Zona Industrial de Penso, deixou de luto a população daquela freguesia melgacense.

José Mário Costa, de 22 anos, natural de Penso, acabou por falecer na sequência da explosão, alegadamente por se encontrar “mais próximo do forno” que terá estado na origem do dramático desfecho, segundo notícia do jornal Correio da Manhã do dia seguinte.

O alerta para a explosão foi dado pelas 15h08 do dia 19, tendo sido deslocadas para o local duas ambulâncias de Suporte Imediato de Vida (SIV) – de Melgaço e Valença – a Viatura de Emergência Médica (VMER) de Viana do Castelo e uma unidade móvel de intervenção em psicologia de emergência.

À chamada de emergência acorreram 16 operacionais e cinco viaturas, entre elas dos Bombeiros de Melgaço.

**Martine Martinho, trabalhadora na mesma unidade fabril, terá sido atingida por “estilhaços” [se-**



**gundo o mesmo diário] resultantes da explosão e transportada “em estado grave” para o Hospital de São João, no Porto, informou fonte do Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM) à agência Lusa, no dia da ocorrência.**

Ainda no dia 19 de Outubro, o Comando Distrital de Operações de Socorro (CDOS) de Viana do Castelo avançou à agência noticiosa disse a explosão “não originou incêndio”, tendo sido comunicada à Autoridade para as Condições de Trabalho (ACT) de Viana do Castelo.

Contactado pelo jornal A Voz de Melgaço a 21 de Outubro de 2020, o **Centro Local do Alto Minho da ACT confirmou estar “em curso a realização desse inquérito, tendo sido já realizada visita inicial ao local de trabalho”**, embora, à altura da comunicação, não estar ainda concluído o “inquérito de acidente de trabalho”.

“O inquérito de acidente de trabalho, dadas as finalidades mencionadas, bem como a sequência proce-

dimental que lhe está associada pode estar abrangido pelo segredo de justiça (...). Nestas circunstâncias, pode ser necessário prosseguir a acção inspectiva para obtenção de elementos sobre a existência de infracções contra-ordenacionais, cabendo então à ACT o respectivo poder de direcção até à fase de recurso de impugnação”, esclarece a mesma autoridade, sobre acesso ao relatório da inspecção entretanto realizada.

A ACT defende a protecção do documento citando a lei, cabendo por isso apenas à autoridade judiciária as concessões essenciais e dá nota de que “o Ministério Público junto do Tribunal de Trabalho, em caso de acidente mortal [e] “sempre que não seja de excluir a existência de responsabilidade criminal” deve providenciar “pela imediata abertura de inquérito, nos termos previstos no Código de Processo Penal”.

Contactada por este jornal, **Fernanda Carvalho, Directora-Geral da Aflex Portugal, optou por não prestar declarações sobre a ocorrência.**

## Nas mãos de Deus - Manuel José Esteves

Padre Manuel Domingues

O Manuel Esteves, natural de Parada do Monte, há muitos anos que emigrou para Tibães, Braga. Foi num tempo em que a falta de condições modernas (electricidade, estrada e outras) “obrigou” muitos a venderem em Parada e comprarem noutra sítio com melhores condições. É interessante notar um evidente paradoxo: enquanto alguns vendiam para sair, outros comprovam por bons preços para ficar! Mas, adiante. O Manuel pertenceu a uma família chamada dos “Sufrinos”, deturpação de “Zeferino”, nome de algum ascendente. Era neto duma irmã da minha avó, por via paterna. Diremos nós, na gíria da terra, primos segundos. Casou com a Maria da Conceição Domingues, sobrinha do Padre Justino Domingues, por via materna.

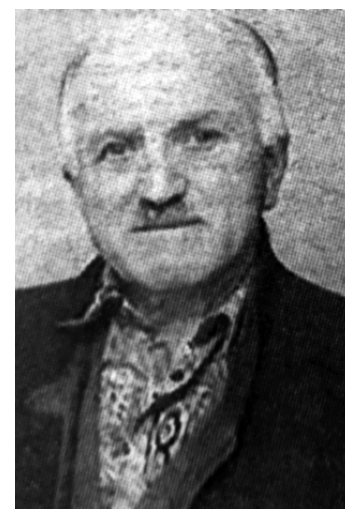
Há uns tempos que estava internado na Casa Sacerdotal São Martinho de Dume, em Braga, juntamente com a esposa. Também nessa casa está o filho,

padre José Zeferino Esteves. Teve 4 filhos, dois rapazes: José Zeferino e António Luís, que seguiram a via do sacerdócio. O padre António faleceu jovem, há cerca de 10 anos. O padre Zeferino reside na Casa Sacerdotal. E duas raparigas: a Maria Cândida, professora da Escola Secundária, Carlos Amarante, em Braga, casada e mãe de dois filhos: o Daniel e o Luís que, por sua vez, são já pais de António Luís e Camila, respectivamente; e a Margarida de Jesus, casada, residente em França e mãe do Filipe e da Letícia.

O Manuel de “Sufrino”, como era apelidado em Parada do Monte, foi um Homem de convicções fortes, boa formação cívica e cristã, trabalhador rico de potencialidades (admirei como ele conseguiu deslocar uma parede divisória dentro de casa sem a danificar!), foi emigrante em França, um marido e pai exemplar, bem como um encantador avô e prestável para toda a gente.

Ele e o meu tio padre António Domingues (primo do pai dele) adoravam-se mutuamente.

Do meu ‘retiro’ na Casa Sacerdotal de Viana, não o esqueci nem esqueço nas minhas orações, cujos frutos peço a Deus verta também sobre todos os seus familiares e os ajude a ler e interpretar cristamente a sua partida para junto do Pai.



### MIRA

Consigo desde 1850

NOVAS INSTALAÇÕES

Rua Rio do Porto, 53 – Melgaço | [www.mmira.pt](http://www.mmira.pt) | [geral@mmira.pt](mailto:geral@mmira.pt) | (+351) 251 404 014  
Serviço permanente: (+351) 963 095 087 | (+351) 251 416 237

Serviços funerários: funerais e transladações, cremações, repatriamentos, florista, burocracias relativas ao óbito.

Arte fúnebre: várias combinações de campas e jazigos (mármore ou granito), lápides e peças em bronze. Visite a nossa exposição.

Florista: flores para todas as ocasiões, flores para empresas e organização de eventos à sua medida.

Novidade: Serviços de manutenção e gestão de monumentos fúnebres (campas, sepulturas e jazigos). Consulte as condições em [www.mmira.pt](http://www.mmira.pt).

## Vendem-se

### Campo de Souto – Cristóval

2 casas de habitação, uma casa de arrumos e terreno circundante a ambas num total de quase 2 hectares.

**Têm muita água própria.**

**Contactos:**  
**251 414 973 / 969623094**



# A Serra da Peneda

## Descrição Geral da Serra [Parte 2]

Renato Raul Dantas Barreto

Em face da pobreza das terras das encostas da montanha e do rigoroso clima dos planaltos onde aparecem boas áreas cultiváveis e pastagens, viram-se os povos na necessidade de construir, nesses planaltos, instalações chamadas *brandas* ou *verandas* que são ocupadas apenas de verão. A freguesia de Castro Laboreiro possui mesmo três categorias de lugares: as *inverneiras*, nos vales abrigados, onde os habitantes passam o inverno, as *instalações a meia encosta* e as *brandas*.



É interessante rigorosamente cumprida a legislação que os povos estabeleceram para a exploração das pastagens, como se pode apreciar no estudo que sobre o Soajo fez Raquel de Brito (1953).

Geração após geração, tem prevalecido a lembrança de que a Serra da Peneda, aliás como as outras serras do Minho, se encontrava coberta por densas florestas que abrigavam abundante fauna cinegética (Costa – 1868 aponta a existência de lobos, raposas, martas, ginetas, tourões, javalis, veados, etc.), hoje quase completamente extinta.

Como o atestam numerosas *reliquias* em todas as montanhas minhotas, o carvalho roble foi a árvore dominante na paisagem serrana, mas o “cerquinho” nas maiores altitudes, o “bido” nos planaltos e nas corgas mais húmidas, o castanheiro nas baixas das vertentes abrigadas dos ventos frios, e o sobreiro no andar inferior das encostas expostas aos quadrantes mais quentes, deviam ter estado presentes em maior ou menor abundância – os nomes vulgares das plantas e as expressões entre aspas foram recolhidos na região. Outras espécies arbóreas se lhes associaram ou até predominaram em áreas mais restritas como parece indicar a toponímia referente a árvores hoje desaparecidas ou, por vezes, apenas representadas por raríssimos testemunhos. Nomes como: Aveleira, Azevinheiro, Carvalho, Cerdeiral, Corga dos Bidos, Costa da Maceira, Costa do salgueiro, Costa das Teixeira, Couto de Pinheira, Fonte do Bido, Lameira dos Carvalhos, Lameiras do Orvedeiro, Pereirinha, Pinheirinho, Salgueiral, Sanguinho, Saramagueira, Vidoal, etc., são suficientemente eloquentes e expressivos.

A Lameira dos Carvalhos, hoje despida de vegetação lenhosa e onde não há memória de se terem visto árvores, devia ter sido densa carvalheira como o testemunharam grossas e abundantes raízes de carvalhos que contruíram forte obstáculo à surriba dessa chã, para aí se instalar um viveiro florestal.

As pessoas mais idosas do lugar da Senhora da Peneda ainda se recordam do belo carvalho que cobria a encosta fronteira a esta povoação e que foi derrubado para dele se extraírem as madeiras destinadas às obras do Santuário. Hoje, em seu lugar, com dificuldade vegeta, sobre um solo esquelético, um mato decadente.

Como estes, outros factos podiam ser citados a comprovar a alteração que a fisionomia da vegetação serrana sofreu.

Portanto, seria a Serra da Peneda parcela privilegiada do eldorado que os Botânicos da Europa Central idealizam se não fosse a acção modificadora e devas-

tadora do Homem que, pela necessidade premente de alargar áreas agricultáveis e pastagens, destruiu, sem atender a consequências, a floresta natural.

Também ao machado do lenhador e ao “picareto” do carvoeiro se deve o desaparecimento ou a ruína dessa exuberante vegetação silvática. Além destes factores, os fogos, quer provocados pelo Homem quer devido a fenómenos atmosféricos, tiveram a sua parte na responsabilidade da dizimação do arvoredo.



Para quem vê a Serra à distância, ela mostra-se quase completamente despida de vegetação arbórea, em parte nua, mas em grande extensão coberta de matos. À medida que nos aproximamos, descortinamos os retalhos verde-claros dos prados e dos campos de cultura em volta das povoações e restos de carvalhais nas corgas mais abrigadas. Enormes afloramentos graníticos dominam as culminâncias e as encostas a sul de Outeiro Alvo e da Meadinha, a oeste, e Mistura das Águas a leste, e nas corgas que do Alto da Matança se dirigem para o maciço de Castro Laboreiro e para o Ribeiro de Cima, encontram-se restos de bem conservados carvalhais. Neles predomina o carvalho roble, associando-se-lhe o “cerquinho” que em povoamentos quase puros apenas se encontra em pequenas manchas na Serra da Gavieira. Nas corgas a que o acesso é mais difícil e nos planaltos húmidos restam alguns “bidos” quase sempre acompanhados por salgueiros de pequeno porte, e, menos vezes, pelo “piorno”. Em zonas idênticas encontram-se ainda belos exemplares de azevinho.

Por toda a Serra aparece o “pereiro”, também chamado “catapereiro” ou “escramboeiro”.

Na vasta e profunda encosta da Saramagueira ocorre o sobreiro que sobe até cerca de 800 metros; na zona

inferior, alguns velhos e decrépitos freixos parecem querer desafiar os violentos tornados que, por vezes, aí têm origem. Mais dispersos e mais raros são o “padreiro”, a cerejeira, o medronheiro, o sanguinho ou “sangrinho”, a “ameixoeira brava” e as silvas.

Dentro do perímetro florestal, só na Gavieira foi encontrado o castanheiro que pelo seu elevado valor bem merecia maior protecção e expansão. De propriedade particular apenas existem pequenos soutos em Cavaleiro Alvo e em Lobiô.

A maior parte da Serra está, como dissemos, coberta de matos, por vezes paupérrimos, que sucederam à exuberante vegetação arbórea destruída. Nas partes mais degradadas apenas vegeta a “carqueja” a “agostinha” e a “carrasca” ou “carrameja”. Nas encostas mais húmidas, e onde a destruição do solo não foi tão longe, nota-se maior pujança da “urze moura”, da “urze branca”, das “giestas”, do “tojo molar” das “silvas” e da “erva das sete sangrias”. Já na encosta da Saramagueira, de condições mais térmicas, desenvolvem-se o “pirliteiro”, o “trovisco”, a “gilbardeira”, o “sargaço”, o “tojo cruzado” e o “tojo arnal”.

Em todas as exposições, manifestando notável ubiquidade, abundam o “fento”, a “abrótea” e a “leituga”, que são testemunhos do estado de degradação geral em que a Serra se encontra.

Nas maiores altitudes, onde a superfície do solo, em área apreciável se apresenta plana ou em depressão, aparecem as pastagens naturais, pantanosas ou mais ou menos húmidas.

Junto dos lugares, ou próximo das *brandas*, faz-se a cultura da batata, do centeio, dos prados e do milho, este apenas nas exposições mais quentes ou já no andar basal.

Tais são os mais flagrantes aspectos que o manto vegetal da Serra apresenta. Da densa e rica floresta primitiva não restam senão alguns fragmentos de carvalhais, quase sempre mais ou menos castigados pelo Homem e perturbados pelo gado.” – (fim de citação).

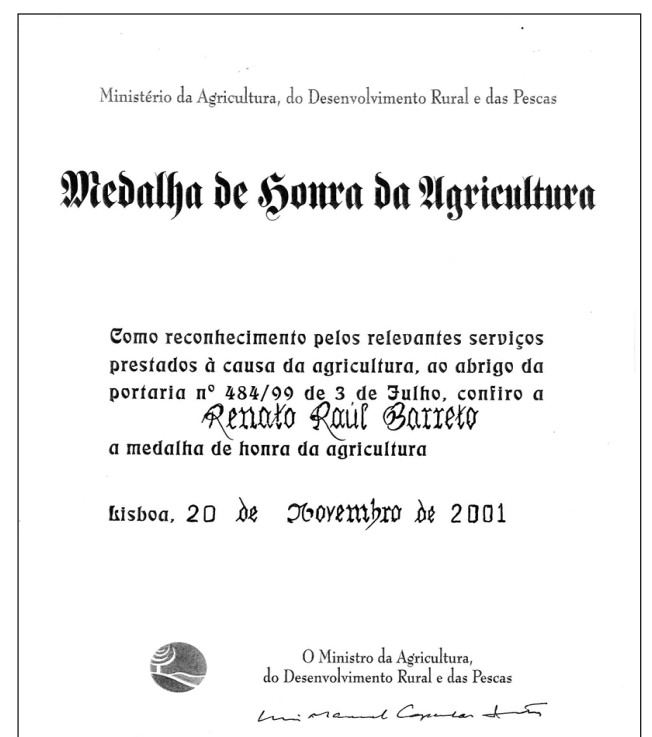
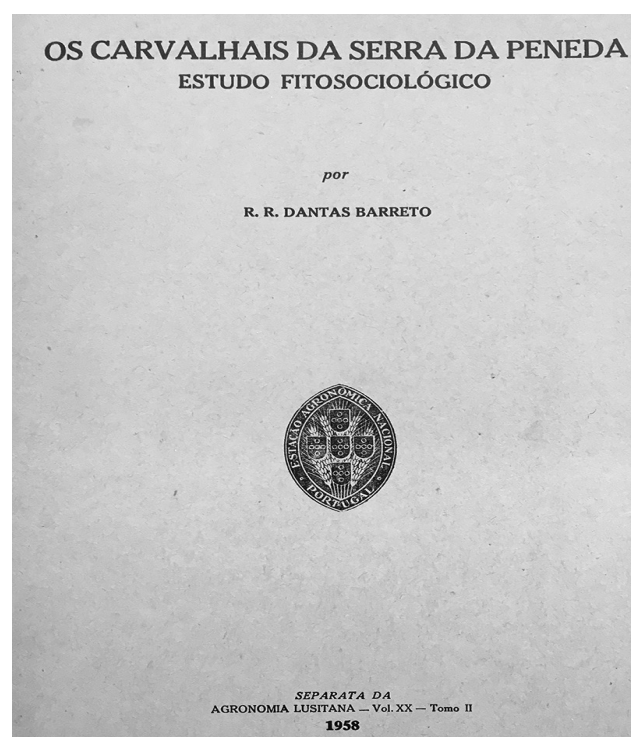
Eis, pois, um interessante estudo sobre a serra da Peneda, feito por um engenheiro silvicultor que ainda hoje é recordado na página oficial do Jardim Botânico do Porto, nos seguintes termos:

“Jardim histórico, para cuja monumentalidade muito contribuíram primeiro os Andresen e, depois da instalação do Jardim, o arquitecto paisagista alemão Karl Franz Koepp e o engenheiro silvicultor Renato Dantas Barreto”.

Escrevo como aprendi.

Braga, 11 de Setembro de 2020

Nota introdutória de José António Barreto Nunes







## As mais antigas referências documentais às terras de Chaviães (Melgaço)

A freguesia de Chaviães serão tanto ou mais antiga que a nação portuguesa. Para encontrar a mais antiga referência a um lugar de Chaviães, temos que recuar quase 900 anos, mais concretamente a 1155, onde encontramos num documento uma referência a uma propriedade em Gondufe.

A origem do topónimo CHAVIÃES parece derivar do nome próprio masculino Flaviano, comum na época romana. Assim, o nome desta freguesia poderia ter evoluído de [Villa] Flavianis, que significa “a quinta de Flaviano”.

Segundo PINTOR, M. (1975), “a freguesia de Chaviães já existia nos princípios da nossa autonomia nacional. Quando D. Afonso Henriques deu foral a Melgaço em 1183, anexou-lhe metade indivisa de Chaviães que era património da coroa, não se dizendo a quem pertencia a outra metade.

Nessa altura, já tinha a freguesia as suas estruturas firmadas, como podemos verificá-lo nos documentos de Fiães.

Em 1177, um tal Pedro Pires testou ao mosteiro de Fiães o seu corpo e metade de um casal em Chaviães sob a igreja de Santa Seguinha. Devia ser pessoa de categoria pois declara no documento que roborava por suas próprias mãos, o que nos dá a entender que era pessoa instruída, o que era raro.

Esta é a mais antiga referência que encontro à igreja de Chaviães e sua primitiva padroeira Santa Seguinha, que se encontra nos documentos desse tempo com a grafia Seculina em latim.

O grande investigador P. Pierre David notou essa invocação na diocese de Braga e chama-lhe Santa Segolène ou Sigolène d’Albi, do século XVII. A invocação de Santa Seguinha como padroeira de Chaviães ainda se mantinha quando se fez o tombo da freguesia em 1547, em que também se fala da igreja de Santa Maria Madalena.

No dizer de Pierre David, o culto de Santa Maria Madalena difundiu-se nestas paragens por efeitos dos peregrinos que se dirigiam a Compostela. Santa Seguinha era festejada antigamente na França a 24 de Julho e velhos calendários informam ter falecido no ano de 770.

Na Reconquista Cristã da península Ibérica, muito guerreiros de França vieram no espírito de aventura, lutar contra os mouros. Não só os guerreiros mas também os monges vieram para trabalhar na reconstrução religiosa.

Bem conhecido o fidalgo D. Henrique, pai do nosso primeiro rei, que era filho do duque da Borgonha, na França. Era bisneto de S. Hugo, abade do célebre mosteiro de Cluni, da ordem de S. Bento, mosteiro onde se filiavam centenas se não milhares de outros mosteiros que adotavam a mesma regra.

Há quem diga que o mosteiro de Fiães é mais antigo, mas eu não encontro notícias para antes do século XII. Este mosteiro, também era da ordem de S. Bento e veio a adotar a reforma de Cister, um ramo dos monges de Cluni de que foi expoente máximo o abade de Claraval S. Bernardo, contemporâneo do nosso primeiro rei D. Afonso Henriques, fundador do mosteiro de Alcobaça que foi em Portugal a casa mãe da ordem de Cister. O



mosteiro de Fiães, da ordem de S. Bento, cedo adotou a reforma de Cister, chamada de S. Bernardo, recebendo-a de Alcobaça.

Este fenómeno do mosteiro de Fiães e a Santa Seguinha de origem francesa a patrocinar a igreja de Chaviães levam-me a compreender que por estes lados se tenham fixado nobres vindos de França com o Conde D. Henrique, ou aventureiros procedentes daquelas bandas que por cá se tenham celebrizado.

Vários lugares de Chaviães se encontram mencionados no cartulário de Fiães. A mais antiga referência do lugar de Gondufe, em escritura de 1155, ano em que a 18 de Junho, um tal Nuno Dente doou juntamente com seus filhos ao Hospital de Jerusalém, metade da sua herdade no campo de Gondufe, com todos os seus edifícios, limitando por Fonte das Donas, por Parada e pela Vale até ao Minho. Já nesse tempo a ordem do Hospital de Jerusalém tinha casa em Valadares e a esta escritura assistiu Nuno Fernandes que lhe prestava obediência. Esta doação incluía quinhão de uma pesqueira em que também tinha parte a Leprosaria, que se não indica mas seria a de S. Julião, junto à vila de Melgaço. A Ordem do Hospital, cujo patrono é S. João Batista, passou mais tarde a chamar-se Ordem de Malta.

Há no cartulário de Fiães, várias escrituras de propriedades em Gondufe. Em 1178, o Padre Guilherme Nunes fez doação da sua herdade em Gondufe, sob o Monte da Aqueira ao de Cegos, ao corre da Fonte de Donas até ao rio Minho, metade para o Mosteiro de Fiães e metade para a sua servente Urraca Midis e filha, mas estas só com o usufruto, revertendo depois para o mosteiro.

Em 1183, esta Urraca Midis e sua filha Peironela doaram ao mosteiro de Fiães a propriedade que recebera de Guilherme Nunes em Gondufe. Pela róbora, que correspondia à confirmação do contrato ou escritura nos nossos dias, receberam cinco soldos em dinheiro, um anho e uma abóbora de vinho. Daqui vemos que neste tempo servia também as abóboras para recolher o vinho e não só as cabaças como nos nossos dias. Ainda há quem chame cabaças aos cocos e às abóboras. (...)

A escritura acha-se repetida no cartulário de Fiães, e na segunda em vez de abóbora de vinho escreveram cucurbita de vinho que vem a ser a designação científica e erudita da abóbora.

Em 1241, era pároco Pedro Martins e o seu capelão João Joanes que assistiram à venda de uma propriedade outorgada por Frei Lopo Pires de santa Maria da Orada.

Várias escrituras de Fiães mencionam propriedade em Cegos e Gondufe, e muitas outras o mosteiro devia ter em Chaviães, de que resultou um conflito com a Igreja local.

Não temos elementos para conhecer toda a extensão do conflito. No cartulário, arquivaram o acordo estabelecido entre o Dom Abade com o mosteiro de uma parte e o reitor Pedro Martins, clérigos e consortes da igreja de Santa Seguinha de Chaviães da outra parte, relativo a terras, vinhas possessões e outras coisas mais.

Tinha havido litígios e discussões, e por fim, nos termos das cartas vindas do Papa, o bispo de Tui, D. Lucas, nomeou árbitros a João Joanes, pároco de São Fagundo e procurador da igreja de Santa Maria da Porta, e Rodrigo Mendes, padre de Chaviães para que, em nome do bispo, restabelessem a paz e a concórdia, e ambas as partes obedecessem à sua decisão. Eles, ouvidas as alegações de ambas as partes e bem consideradas, mandaram que fosse observado o costume em uso entre as igrejas do bispado de Tui: dariam à igreja metade dos dízimos, e os que morassem fora do Couto de Fiães, dariam os dízimos por inteiro, tanto frades como leigos, exceto das propriedades que o mosteiro adquiriu antes do concílio geral do papa Inocência III das quais no satisfariam dízimos se as trabalhassem por suas mãos ou a expensas suas, como se contem em seu privilégio; e se alguns habitantes de Chaviães cultivassem dentro do couto do mosteiro, dariam também metade dos dízimos ao mosteiro, isto é pelo couto da Aqueira, pelo couto da Avelreira e do couto de Joazim.

Mas a bem da paz e para não ficar prejudicada a sobredita igreja, o mosteiro lhe daria para posse permanente toda a herdade que tinha em Cernadas e no Louridal com todos os seus direitos, e os interessados da igreja de Chaviães dariam ao mosteiro para posse permanente uma propriedade do monte Pousadoiro, que foi de Marinha Joanes filha, chamada Saldebosco, que a dita igreja tinha por testamento da referida senhora. Além disso, o Reitor de Chaviães desistiria de toda a questão por injúrias recebidas da parte do mosteiro até à data, e entregaria em mão ao abade os documentos que tinha para reclamar.

Este acordo de amigável composição foi realizado no mosteiro de Fiães em Julho de 1246. O documento foi redigido foi Múni Soares, monge de Ursária, a mando do Abade de Fiães, de Pedro Martins, reitor da igreja, e dos sobreditos árbitros João Joanes e Rodrigo Mendes.

Em Fevereiro de 1247, o padre Rodrigo Mendes (possivelmente, pároco de Paços) outorgou na vila de Melgaço ao mosteiro de Fiães uma doação de toda a herdade que tem por pai e mãe, contando-se entre as testemunhas presentes Pedro Martins, reitor de Chaviães e o capelão João Joanes.

As inquirições de 1258 pouco adiantam para a História de Chaviães. Era pároco João Joanes, que possivelmente seria o capelão que vimos de pároco em 1241, 1246 e 1247. Ele e mais alguns homens bons, devidamente ajuramentados, apenas informaram que metade de Chaviães de monte in fonte (terra culta e inculta), era reguengo, isto é, do património régio. (...)

A metade reguenga de Chaviães pertencia à vila de Melgaço nos termos do foral outorgado pelo primeiro rei, D. Afonso Henriques, embora as inquirições não o digam.

As inquirições de D. Dinis de 1290, 1301 e 1307 nada dizem que respeite a Chaviães. Na taxação das igrejas de 1320 figura Chaviães com 160 libras, a mais alta no velho concelho de Melgaço.

No igrejarío de D. Diogo de Sousa, de princípios do século XVI, encontra-se mencionada a igreja de Chaviães com a indicação de ser de padroeiros leigos, isto é, o pároco era escolhido por leigos, mas não mencionam quem sejam.

Em 1547, fez-se um tombo da paróquia de Chaviães, que alude a outro de 1502. Era abade de Chaviães Diogo Vaz que se intitulava “Capelão do Duque de Bragança”.

A igreja de Chaviães é muito antiga, talvez a que existia no século XII, e é de arquitetura românica. No andar dos tempos, foram-lhe acrescentadas a torre, a capela mor, a sacristia e a casa das confrarias.”

### Informações recolhidas em:

- PINTOR, Pe. M. A. Bernardo (1975) - Melgaço Medieval. Augusto Costa & C. Lda., Braga.



# OS DIAS DA SEMANA

## *Fratelli Tutti* e as redes sociais

Eduardo Jorge Madureira Lopes

Ficamos sempre sumamente deslumbrados perante a tecnologia. Qualquer coisa que ela nos ofereça, anunciada para suprir uma necessidade, mesmo que nunca a necessidade tenha sido sentida, é imediatamente adoptada. No domínio da tecnologia, tudo se apresenta virtuoso. Por isso, qualquer manifestação de sentido crítico é dissuadida; qualquer objecção é ridicularizada. A tecnologia é, portanto, frequentemente, o sucedâneo do palácio para o boi. O escrutínio do que fazemos com as tecnologias e do que as tecnologias nos fazem é, todavia, imprescindível.

Importaria por isso prestar atenção ao que, na encíclica *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco veio agora dizer – repetir, em alguns casos – sobre os perversos modos como se frequentam as redes sociais. O mundo virtual, observa o Papa, manifesta “formas insólitas de agressividade, com insultos, impérios, difamação, afrontas verbais até destroçar a figura do outro”. Para Francisco, a hostilidade atingiu um patamar tão elevado que, se tivesse uma tradução física, destruiria toda a gente. O nível de violência é, além disso, objecto de uma estranha e indesejável condescendência: “Aquilo que ainda há pouco tempo uma pessoa não podia dizer sem correr o risco de perder o respeito de todos, hoje pode ser pronunciado com toda a grosseria, até por algumas autoridades políticas, e ficar impune”.

*Fratelli Tutti* serve para denunciar os poderosíssimos interesses económicos que operam no mundo digital. Eles são “capazes de realizar formas de controlo que são tão subtis quanto invasivas, criando mecanismos de manipulação das consciências e do processo democrático”.

O Pontífice dá conta de um paradoxo: “Se, por um lado, crescem as atitudes fechadas e intolerantes que,

à vista dos outros, nos fecham em nós próprios, por outro, reduzem-se ou desaparecem as distâncias, a ponto de deixar de existir o direito à intimidade. Tudo se torna uma espécie de espetáculo que pode ser espiado, observado, e a vida acaba exposta a um controlo constante”.

O desaparecimento do silêncio e da escuta, que transforma “tudo em cliques e mensagens rápidas e ansiosas”, segundo explica Francisco, coloca em perigo “uma comunicação humana sábia”. Cria-se um novo estilo de vida, no qual cada um constrói o que deseja ter à sua frente, excluindo tudo aquilo que não se pode controlar ou conhecer superficial e instantaneamente”. A lógica intrínseca desta dinâmica “impede aquela reflexão serena que poderia levar-nos a uma sabedoria comum”. É que, como Francisco adverte, “a sabedoria não se fabrica com buscas impacientes na Internet, nem é um somatório de informações cuja veracidade não está garantida”. Deste modo, não é possível o amadurecimento no encontro com a verdade. “As conversas giram, em última análise, ao redor das notícias mais recentes; são meramente horizontais e cumulativas. Mas não se presta uma atenção prolongada e penetrante ao coração da vida, nem se reconhece o que é essencial para dar um sentido à existência. Assim, a liberdade transforma-se numa ilusão que nos vendem, confundindo-se com a liberdade de navegar frente a um visor. O problema é que um caminho de fraternidade, local e universal, só pode ser percorrido por espíritos livres e dispostos a encontros reais”.

“A conexão digital não basta para lançar pontes, não é capaz de unir a humanidade”, avisa o Papa Francisco, depois de explicar que “as relações digitais, que dispensam a fadiga de cultivar uma amizade, uma re-



ciprocidade estável e até um consenso que amadurece com o tempo, têm uma aparência de sociabilidade, mas não constroem verdadeiramente um ‘nós’; na verdade, habitualmente dissimulam e ampliam o mesmo individualismo que se manifesta na xenofobia e no desprezo dos frágeis”. *Fratelli Tutti* vem recordar a falta que fazem os gestos físicos, as expressões do rosto, os silêncios, a linguagem corporal “e até o perfume, o tremor das mãos, o rubor, a transpiração, porque tudo isso fala e faz parte da comunicação humana”.

Precisamos de menos interação com ecrãs e mais proximidade humana.

Nota: Uma primeira versão deste texto foi publicado no site *7 Margens*, no domingo passado, logo que findou o período de impedimento de divulgação do conteúdo da encíclica.

## Clínica OSTEO+



...onde a Osteopatia vale mais!!!

Nesta época do ano é sempre importante reforçar o seu sistema imunitário e principalmente na situação pandémica em que vivemos importa aumentar as nossas defesas e manter um estilo de vida saudável.

Uma alimentação equilibrada, rica em peixe, vegetais e citrinos é fundamental para a ingestão de vitaminas do grupo B e C, magnésio e potássio, entre outras, as quais fortalecem também o nosso sistema nervoso, muscular, articular e sanguíneo. Consulte-nos para mais informações sobre como reforçar o seu sistema imunitário!



MELGAÇO: Avenida Capitão Salgueiro Maia, 540 • 4960-513 Melgaço • Tel. 251 401 078  
www.osteomais.com • clinicaosteomais@gmail.com

OSTEOPATIA  
Dra. Cátia Rocha

ORTOPEDIA  
Dr. José Teixeira

PSICOLOGIA  
Dra. Vanesa Alvarez

SHIATSU  
Terap. Iris Fernández

FISIOTERAPIA • TERAPIA DA FALA • REABILITAÇÃO PSICOMOTORA  
FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE • WORKSHOPS

MONÇÃO: Rua da Breia, 393 • 4950-284 Mazedo • E-mail: osteomais@gmail.com • Tlm. 969 195 272



# “Fratelli Tutti”: um abanão aos ‘bons’ que nada fazem!

Costa Guimarães

*“Senhor e Pai da Humanidade, que criastes todos os seres humanos com a mesma dignidade, infundi nos nossos corações um espírito de irmãos. Inspirai-nos o sonho de um novo encontro, de diálogo, de justiça e de paz. Estimulai-nos a criar sociedades mais sadias e um mundo mais digno, sem fome, sem pobreza, sem violência, sem guerras.”*  
Papa Francisco, in *Fratelli Tutti*, 287.

A nova encíclica do Papa Francisco ‘Fratelli Tutti’ assume-se como um dos mais eloquentes documentos sobre a Fraternidade Humana, só ultrapassado pela Oração de S. Francisco de Assis e traduz a necessidade urgente de um recomeço da História da Humanidade.

“Para o triunfo do mal só é preciso que os bons homens não façam nada” — escreveu o famoso político inglês do século XVIII, Edmund Burke nas suas Reflexões sobre a Revolução em França, publicadas em Novembro de 1790.

Por isso, o Papa pede a todos os Homens de boa vontade que sejam tecelões de fraternidade. Essa é uma palavra bonita “tecelões”. Mas o grito dirige-se, em primeiro lugar e sempre, a cada cristão que é chamado a ser um tecelão de fraternidade.

Olhando para os grandes problemas do planeta Terra, sobe um degrau na denúncia bíblica: “a fome não é só uma tragédia, mas também uma vergonha. Em grande parte, é provocada por uma distribuição desigual dos frutos da terra, à qual se acrescentam a falta de investimentos no sector agrícola, as consequências das mudanças climáticas e o aumento dos conflitos em várias regiões do planeta. Por outro lado, se descartam toneladas de alimentos. Diante desta realidade, não podemos permanecer insensíveis ou paralisados. Somos todos responsáveis.”

## BELÍSSIMO SAMARITANO PARA OS TEMPOS DE HOJE

Centrada na eloquentíssima parábola do Samaritano, condena o hábito de “olhar para o outro lado, passar à margem, ignorar as situações até elas nos caírem diretamente em cima”.

A Encíclica alicerça-se num exemplo luminoso, o do bom samaritano, no segundo capítulo, “Um estranho no caminho”. Nele, o Papa assinala que, numa sociedade doente que vira as costas à dor e é “analfabeta” no cuidado dos mais frágeis e vulneráveis (64-65), somos todos chamados a estar próximos uns dos outros (81), superando preconceitos e interesses pessoais. De facto, todos nós somos corresponsáveis na construção de uma sociedade que saiba incluir, integrar e levantar aqueles que sofrem (77). O amor constrói pontes e nós “somos feitos para o amor” (88), acrescenta o Papa, exortando em particular os cristãos a reconhecerem Cristo no rosto de cada pessoa excluída (85). O princípio da capacidade de amar segundo “uma dimensão universal” (83) é também retomado no terceiro capítulo, “Pensar e gerar um mundo aberto”: nele, Francisco exorta cada um de nós a “sair de si mesmo” para encontrar nos outros “um acrescentamento de ser” (88), abrindo-nos ao próximo segundo o dinamismo da caridade que nos faz tender para a “comunhão universal” (95).

É aí que Francisco enquadra dois capítulos (segundo e quarto), aludindo a “vidas dilaceradas” (37), em fuga das guerras, perseguições, catástrofes naturais, traficantes sem escrúpulos, arrancados das suas comunidades de origem, os migrantes devem ser acolhidos, protegidos, promovidos e integrados. Nos países

destinatários, o justo equilíbrio será entre a protecção dos direitos dos cidadãos e a garantia de acolhimento e assistência aos migrantes (38-40). Especificamente, o Papa aponta algumas “respostas indispensáveis” especialmente para aqueles que fogem de “crises humanitárias”: incrementar e simplificar a concessão de vistos; abrir corredores humanitários; oferecer alojamento, segurança e serviços essenciais; oferecer possibilidade de trabalho e formação; favorecer a reunificação familiar; proteger os menores; garantir a liberdade religiosa.

## ANALFABETOS NO CUIDAR DOS MAIS FRÁGEIS

“Digamos que crescemos em muitos aspectos, mas somos analfabetos no acompanhar, cuidar e sustentar os mais frágeis e vulneráveis das nossas sociedades desenvolvidas”, refere Francisco, que fala numa “indiferença acomodada, fria e globalizada”, que afecta a humanidade e leva a “formas de individualismo sem conteúdo” alimentadas pela “necessidade de consumir sem limites”.

Contra este hábito incapaz de gerar liberdade ou igualdade, propõe o conceito de “amizade social”, um “amor que se estende para além das fronteiras”, como condição para “uma verdadeira abertura universal”.

A nova encíclica dedica um capítulo à parábola do Bom Samaritano, analisando as personagens propostas por Jesus Cristo: “Com quem te identificas? É uma pergunta sem rodeios, direta e determinante: a qual deles te assemelhas?”.

Diante de tanta dor, à vista de tantas feridas, a única via de saída é ser bom samaritano. Qualquer outra opção deixa-nos com os salteadores ou com os que passam ao largo, sem se compadecer com o sofrimento do ferido na estrada.”

“Vimos o que aconteceu com as pessoas de idade nalgumas partes do mundo por causa do coronavírus. Não deviam morrer assim. Na realidade, porém, tinha já acontecido algo semelhante devido às ondas de calor e noutras circunstâncias: cruelmente descartados”, denuncia Francisco.

## REINICIAR O COMBOIO DA HISTÓRIA HUMANA

Trata-se de um documento que “reiniciará o comboio da história que parou na estação da ordem mundial actual, enraizada na irracionalidade, com sua injustiça, orgulho e violência colonial”, afirmou Mohamed Mahmoud Abdel Salam, conselheiro do grande imã de Al-Azhar.

Para secretário-geral do Alto Comité para a Fraternidade Humana, a encíclica do Papa é um “forte elemento contra a falsidade, com todas as suas formas e expressões” e impulsiona o “nascimento de uma nova ordem mundial, baseada na inviolável dignidade e nos direitos humanos”.

Nesse sentido, apetece repetir: como é grande o Papa quando adverte os povos diante da nova forma de colonialismo que se vive na manipulação da democracia, liberdade, justiça e unidade, usando-os como meio de controlo, dominação e arrogância, esvaziando-os de seu significado, às vezes até mesmo para justificar seu trabalho!

Como é criativo ele quando fala dos direitos humanos, quando destaca as novas formas de injustiça e exploração do homem e da negação de sua dignidade, da injustiça contra as mulheres e de condições semelhantes à da escravidão, que tantas pessoas sofrem hoje!.



O Papa Francisco defende na sua nova encíclica ‘Fratelli Tutti’ que é preciso superar o “dogma de fé neoliberal” no mercado, que “por si só, não resolve tudo, embora às vezes nos queiram fazer crer neste dogma de fé neoliberal. Trata-se dum pensamento pobre, repetitivo, que propõe sempre as mesmas receitas perante qualquer desafio que surja”.

O papa destapa a “fragilidade dos sistemas mundiais que a pandemia evidenciou” assente na “especulação financeira”, marcada por uma “ganância do lucro fácil”.

“O direito de alguns à liberdade de empresa ou de mercado não pode estar acima dos direitos dos povos e da dignidade dos pobres nem acima do respeito pelo ambiente, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns”.

## IGUALDADE OU EQUIDADE

O Papa realça que as pessoas oriundas de famílias com boas condições económicas “seguramente não precisarão dum Estado activo e apenas pedirão liberdade” e “não se aplica a mesma regra a uma pessoa com deficiência, a alguém que nasceu num lar extremamente pobre, a alguém que cresceu com uma educação de baixa qualidade e com reduzidas possibilidades para cuidar adequadamente das suas doenças”.

Francisco retoma as suas críticas ao descarte, realçando que “partes da humanidade parecem sacrificáveis” e deitadas pela janela fora nas “crises que fazem morrer à fome milhões de crianças, já reduzidas a esqueletos humanos por causa da pobreza e da fome. Reina um inaceitável silêncio internacional”.

A nova encíclica não esquece e dedica atenção especial às pessoas com deficiência, “exilados ocultos”, tratados como “corpos estranhos à sociedade”.

Na lógica do Samaritano, o Papa Francisco propõe a criação de um fundo mundial contra a fome, financiado pelas actuais despesas militares, como parte de um ideal de não-violência, particularmente em relação à guerra e à pena de morte, considerando que estas “nada mais fazem que acrescentar novos fatores de destruição no tecido da sociedade nacional e mundial”.

“Às vezes deixa-me triste o facto de, apesar de estar dotada de tais motivações, a Igreja ter demorado tanto tempo a condenar energicamente a escravatura e várias formas de violência. Hoje, com o desenvolvimento da espiritualidade e da teologia, não temos desculpas”, aponta o Papa.

“É possível desejar um planeta que garanta terra, teto e trabalho para todos. Este é o verdadeiro caminho da paz, e não a estratégia insensata e míope de semear medo e desconfiança perante ameaças externas”, sublinha.

Continua na pág. seguinte



# Barbara Guimarães é a embaixadora da “Cuidar”, a revista da associação melgacense de apoio ao doente oncológico

João Martinho

A conhecida apresentadora de televisão do panorama nacional, Bárbara Guimarães, é a embaixadora da revista Cuidar, o projecto que tem como missão “humanizar a oncologia”, e que tem na sua origem a associação Heróis e Espadachins, que acolhe o Centro de Apoio ao Doente Oncológico (CADO).

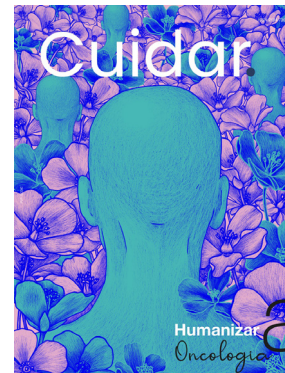
A melgacense Catarina Malheiro, directora e editora da revista, indica que “o maior propósito deste projecto é apoiar e ‘aliviar’, na medida do possível, a dor e a angústia dos doentes oncológicos, esclarecendo-os e aumentando a seu conhecimento, numa área onde a informação tem de ser rigorosa e positiva, mas sem esquecer os momentos de tristeza”.

Para cumprir o pressuposto, a equipa envolvida no projecto de comunicação, já na terceira edição, promete “criar conteúdos ricos em informação clara e fidedigna para o doente oncológico e para quem o acompanha”.

A revista Cuidar tem periodicidade trimestral e conta com uma componente solidária, já que uma parte do valor das vendas reverte para o Centro de Apoio ao Doente Oncológico, da Associação Heróis e Espa-

dachins. Estará disponível em todas as salas de espera dos Hospitais Portugueses e nas bancas nacionais.

Nas suas páginas os leitores encontrarão não só artigos sobre os diversos tipos de doença oncológica, escritos numa linguagem simples, mas também artigos sobre outros temas relacionados. “A revista conta com a colaboração de vários especialistas, entre oncologistas, psicólogos, enfermeiros oncológicos e assistentes sociais. Além disso, e porque é importante que se perceba que existe uma vida para além da doença, temos também seções dedicadas a artigos sobre bem-estar e hábitos de vida saudável”. Assim, os leitores podem contar com sugestões de receitas elaboradas por nutricionistas, bem como sugestões de



escapadinhas/retiros.

“O cancro é muito mais do que uma palavra, como também é muito mais do que uma doença. Centenas de palavras o definem, da mesma forma que muitas são as tipologias que o caracterizam, mas a nossa ambição com este projecto é transmitir informação rigorosa e positivismo porque acreditamos que o afecto é a base de tudo”, afirma Catarina Malheiro.

Continuação da pág. anterior

“Se todo o ser humano é meu irmão ou minha irmã e se, na realidade, o mundo pertence a todos, não importa se alguém nasceu aqui ou vive fora dos confins do seu próprio país”, indica, propondo que os projectos económicos, políticos, sociais e religiosos tenham em mente a “inclusão ou exclusão da pessoa que sofre” como elemento de avaliação.

Na ‘Fratelli Tutti’ com oito capítulos, 287 parágrafos, duas orações conclusivas e 288 notas, o Papa critica “sinais de regressão. Reacendem-se conflitos anacrónicos que se consideravam superados, ressurgem nacionalismos fechados, exacerbados, ressentidos e agressivos”.

O tema do quinto capítulo é “A política melhor” que protege o trabalho, “uma dimensão indispensável da vida social” e procura assegurar que cada um tenha a possibilidade de desenvolver as suas próprias capacidades (162). A verdadeira estratégia contra a pobreza, afirma a Encíclica, não visa simplesmente a conter os necessitados, mas a promovê-los na perspectiva da solidariedade e da subsidiariedade (187). A tarefa da política, além disso, é encontrar uma solução para tudo o que atenta contra os direitos humanos fundamentais, tais como a exclusão social; tráfico de órgãos, e tecidos humanos, armas e drogas; exploração sexual; trabalho escravo; terrorismo e crime organizado. Forte o apelo do Papa para eliminar definitivamente o tráfico de seres humanos, “vergonha para a humanidade”, e a fome, porque é “criminosa” porque a alimentação é “um direito inalienável” (188-189).

Desta forma — afirma o Papa —, pode-se passar de uma política “para” os pobres para uma política “com” e “dos” pobres (169).

## MILAGRE DA AMABILIDADE DE CHARLES DE FOUCAULD

Do sexto capítulo, “Diálogo e amizade social”, emerge o conceito de vida como “a arte do encontro” com todos, também com as periferias do mundo e com os povos originais, porque “de todos se pode aprender alguma coisa, ninguém é inútil, ninguém é supérfluo” (215). Particular, então, a referência do Papa ao “milagre da amabilidade”, uma atitude a ser recuperada porque é “uma estrela na escuridão” e uma “libertação da crueldade, da ansiedade que não nos deixa pensar nos outros, da urgência distraída” que prevalecem em época contemporânea (222-224). Perdão não significa impunidade, mas justiça e memória, porque perdoar não significa esquecer, mas renunciar à força destrutiva do mal e da vingança. Nunca esquecer “horrores” como a Shoah, os bombardeamentos atómicos em Hiroshima e Nagasaki, perseguições e massacres étnicos - exorta o Papa - devem ser sempre recordados, novamente, para não nos anestesiarmos e manterem viva a chama da consciência coletiva. E também é importante fazer memória do bem. (246-252).

O sétimo capítulo é sobre a guerra que representa a “negação de todos os direitos”, “o fracasso da política e da humanidade”, “a vergonhosa rendição às forças do

mal”. Além disso, devido às armas nucleares, químicas e biológicas que afetam muitos civis inocentes, hoje já não podemos pensar, como no passado, numa possível “guerra justa”, mas temos de reafirmar fortemente “Nunca mais a guerra! A eliminação total das armas nucleares é “um imperativo moral e humanitário”.

E que podem fazer as “Religiões ao serviço da fraternidade no mundo”? — pergunta Francisco nos capítulos oitavo e nono. Um caminho de paz entre a religiões é, portanto, possível; por isso, é necessário garantir a liberdade religiosa, direito humano fundamental para todos os crentes (279).

«Neste espaço de reflexão sobre a fraternidade universal, senti-me motivado especialmente por São Francisco de Assis e também por outros irmãos que não são católicos: Martin Luther King, Desmond Tutu, Mahatma Mohandas Gandhi e muitos outros. Mas quero terminar lembrando uma outra pessoa de profunda fé, que, a partir da sua intensa experiência de Deus, realizou um caminho de transformação até se sentir irmão de todos. Refiro-me ao Beato Carlos de Foucauld.»

«O seu ideal [Carlos de Foucauld] de uma entrega total a Deus encaminhou-o para uma identificação com os últimos, os mais abandonados no interior do deserto africano. Naquele contexto, afloravam os seus desejos de sentir todo o ser humano como um irmão, e pedia a um amigo: “Peça a Deus que eu seja realmente o irmão de todos”. Enfim, queria ser “o irmão universal”. Mas somente identificando-se com os últimos é que chegou a ser irmão de todos.»



Cartório Notarial  
de Melgaço

Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o 251 096 297 e o e-mail é [cnmelgaco@gmail.com](mailto:cnmelgaco@gmail.com).

## MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215  
4960-568 Melgaço  
Telf. 251404031 / 933291437

[rui.malheiro.seguros@gmail.com](mailto:rui.malheiro.seguros@gmail.com)

Urb. Quinta das Andorinhas, 83  
4950-855 Monção  
Telf. 251653224 / 933291437

[malheiro.seguros@gmail.com](mailto:malheiro.seguros@gmail.com)

AGENTE PRINCIPAL



GENERALI

TRANQUILIDADE

ZURICH

ageas



ALVARINHO

*Casa do Cerdedo*

a escolha certa dos mais entendidos

*Aroma, cor, paladar...  
Qual ressaltar eu não sei,  
Pois em qualquer atributo  
Casa do Cerdedo é rei.*

[casadocerdedo@gmail.com](mailto:casadocerdedo@gmail.com)

Tlm: 968 274 988 / 918 293 695

Tel: 251 825 341 / 251 402 138



# Angelina Gonçalves investigou a “Relação Homem-Lobo em Melgaço”

Ainda há velhos ódios... e quem não saiba se o lobo existe no concelho

João Martinho

Os lobos ainda existem? A pesquisa realizada em contexto académico pela melgacense Angelina Gonçalves, de 20 anos de idade, a frequentar o 3º Ano do curso de Biologia e Geologia na Universidade de Aveiro, revela que mais de cinco por cento dos 158 melgacenses (ou residentes) inquiridos acreditam que o lobo já existiu em Melgaço, mas que já não existe. Há ainda uma maior percentagem de habitantes (17,09%) que diz não saber se existem lobos no concelho.

Os dados recolhidos pela estudante da Universidade de Aveiro, compilados na pesquisa intitulada “Relação Homem-Lobo em Melgaço”, mostram que os mitos relacionados com o lobo na Península Ibérica ainda existem, assim como o possível confronto, quando a sustentabilidade da espécie conflitua com a sustentabilidade financeira dos criadores de gado da região.

A pesquisa revela que, do universo da população inquirida, “mais de metade (51,9%) dos melgacenses conhecem mitos e/ou contos e/ou histórias sobre o lobo” e que quase 45% já viu o lobo em liberdade.

62% dos inquiridos admitem que, mesmo perante um ataque do lobo às criações de gado, não admitiram o abate desta espécie em extinção e uma percentagem maior optaria pelo reforço na protecção do gado. Contudo “perto de 58% dos indivíduos discordam com o facto de que o pagamento de prejuízo diminuiria o desacordo existente entre Homem e lobo”, traduz a pesquisa.

Em linhas gerais, o estudo conclui que os residentes no concelho de Melgaço “possuem uma visão bastante positiva acerca do lobo” e tem “um conhecimento geral satisfatório da biologia da espécie”.

70% dos habitantes “concordam com a liberdade do lobo” e na possível “convivência entre pastor e lobo”, mas há ainda alguns ódios enraizados: 6% dos inquiridos optariam por abater o lobo em caso de ataque de gado.

O uso de cão de gado é uma medida de protecção que a maior parte da população inquirida aprova, mas alguns questionam a eficácia da medida ou a exposição do cão ao perigo do confronto.

“Quanto às cercas eléctricas para protecção do gado, mais de metade dos habitantes não identificam essa medida como adequada, podendo esta ferir ambos, o gado e o lobo. Além disso, perto de 58% dos indivíduos discordam com o facto de que o pagamento de prejuízo diminuiria o conflito existente entre Homem e lobo”, conclui a estudante de Biologia e Geologia na análise aos dados recolhidos.

Para formar este parecer, Angelina Gonçalves realizou um inquérito de dezoito questões destinadas a todos os habitantes, “desde criadores de gado, caçadores, a protetores da espécie”.



## PROTEGIDO EM PORTUGAL, (POR VEZES) CAÇADO EM ESPANHA

Gonçalo Brotas, Biólogo da ACHLI [Associação de Conservação do Habitat do Lobo Ibérico], traça um cenário menos ‘desesperante’ para o futuro da espécie, embora o risco de extinção ainda seja real e justifique alerta vermelho, pelo menos em Portugal.

Contactado por este jornal, o Biólogo esclarece que população de lobos no Alto Minho está “estável”, enquanto em Espanha dependerá da “gestão administrativa” de cada província.

As políticas de gestão adoptadas podem determinar diferentes níveis de protecção da espécie a Norte e a Sul do Douro (em Espanha), criando um espectro entre a proibição e a possibilidade de caça/abate do lobo.

Deixe-se deslumbrar pelo encanto do nosso espaço...





**RAO Adérito**  
restaurante  
capacidade para 250 pessoas





*casamentos • baptizados • comunhões  
aniversários • serviço de catering • diárias*

251 404 412 | 962 683 522 | 966 575 716  
restauranteoaderito@gmail.com  
Quinta do Pombal, 4960-330 Remoães | Melgaço

**Peso Paderne Melgaço**

**HB**  
HOTÉIS BOAVISTA  
★★★

**Alojamento e Restauração**




Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.

- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

**BONS PREÇOS**

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350  
geral@hotelboavistamelgaco.com  
www.hotelboavistamelgaco.com



# Grandes obras em Alvaredo

Meireles

Na última reunião de esclarecimento aos cidadãos de Alvaredo, o Presidente da Câmara e o da Junta de Freguesia apresentaram os grandes projectos de obras para a freguesia. São Eles:

## 1. Construção de nova Zona Industrial

No monte da Mota vai ser construída uma Zona Industrial que vai ocupar uma área de mais de 20 hectares de terreno. Os pavilhões, que se espera sejam construídos quanto antes, poderão ter uma altura de até 9 metros.

## 2. Acaba o Largo da Charneca

A Soalheiro vai custear as obras de alargamento da estrada de acesso à sua Adega e, para tal, o largo da Charneca deixa de ser largo.

3. Acaba o estaleiro da Junta e passa a ser um parque de estacionamento público (privado). As obras são custeadas pela Adega Soalheiro.

4. A Adega do Soalheiro vai ainda doar entre um metro e 1,5m de terreno ao longo da terreno onde tem

o depósito de bagulho para que, não se interrompa o trânsito quando os camiões carregam ou descarregam durante bastante tempo. Tal como está, não dá para passar um automóvel quando o camião está estacionado ali.

5. Alargamento da estrada do Padreiro à Sobreira  
A Câmara e a Junta vão promover o alargamento da estrada do Padreiro à Sobreira, para que os moradores não tenham que fazer marcha atrás quando se cruzam com outro veículo: da Presa ao Padreiro ou da Presa ao Maninho e vice-versa. O mesmo se diga do Maninho à Charneca e da Charneca à sobreira. Os camiões não conseguem fazer marcha atrás.

6. Conclusão da Corga que conduz as águas bravas ao Rio Minho.

O anúncio destas obras que realmente beneficiam os moradores da freguesia causaram geral contentamento na população que há muito as desejava.

## Respigando de “O Vinhateiro”, n.ºs 136, 138, 139 e 140

Alvaredo - 125,00 € para o restauro da Cruz Paroquial; 157,34€ de várias ofertas para obras; 45,40€ para as Missões.

Castro Laboreiro -478,00€ nas caixas de esmolas referentes aos meses de Julho/Setembro e 265,63€ do Lampadário.

Cousso.- 110,00€ de ofertas das colheitas; 62,72€ de oferta para as Missões.

Cristóval.- 90,00€ de ofertas para a Igreja e para obras, mais 110,00€.

Gave.- 94,76€ e 10,00 dólares para a Senhora da Guia; 1,010 euros para a Senhora da Cabeça; 160,00€ e mais 220,00€ para reparação dos sinos e 356,56€ na Capela de São Cosme e Damião. 62,95€ para as Missões.

Paderne.- 315,00€ para São José de Estivadas; 748,70€ de esmolas e ofertórios na Senhora do Rosário.

Parada do Monte.- 80,00€ para a Senhora da Boa Viagem; 150,67€ rendeu o ofertório para as Missões.

Prado.- 490,00€ de ofertas para obras na Igreja; mais 120,00€ para obras na Igreja (n.ºs 139 e 140); 62,20€, ofertório para as Missões; 7.734,74€ de saldo entregue pela comissão de festas de 2014.

Remoães.- 25,00€ do ofertório para as Missões.  
Rouças.- 100,03€ de ofertórios de Setembro; 130,00€ da Sagrada Família em Lobiô;

São Paio.-112,10€ de ofertas em São Bento de Barata; 103,35€ do ofertório para as Missões.

Vila.- 500,00€ de oferta na Senhora da Pastoriza; 39,56€ da Sagrada Família, na Barbosa; 50,00€ da Sagrada Família no Mascanho; 48,54€ do ofertório para as Missões.

## Correio do Leitor

Exmos. Srs.

Fiquei radiante ao ler a carta que a nossa conterrânea e emigrante escreveu aos nossos governantes, mas eu incluo [nesta carta] o nosso presidente da Câmara e o presidente da Junta de Freguesia de Cristóval, na qual sou residente.

Querida Ana Louro, muito obrigada, pois veio inspirar-me a escrever duas letras em que já há muito penso.

Moro em S. Gregório, talvez a dois quilómetros do tão falado Cevide. Tenho a via rápida [variante á EN 202] á parte de baixo da minha casa e á parte de cima a estrada que liga Melgaço a S. Gregório, que os nossos governantes, incluindo o presidente da Junta desconhecem.

Tenho mesmo á minha porta um cruzeiro, talvez centenário, e uma valente estrumeira mesmo em frente

à minha porta. Um bocadinho mais à frente, um parquezinho. Tinha uma lâmpada que, não sei, mas com o corte de uns eucaliptos, apagou-se. Uma mesa ficou no chão. Tudo isto desde o princípio do ano 2020.

A escuridão é amiga do ladrão.

Dona Ana; muitas felicidades e muito muito obrigada. Somos da mesma idade, que Deus nos ajude a andar mais uns anos por cá, para vermos estas misérias.

Cevide está lá bem no fundo da Freguesia de Cristóval, e todo o mundo o vê, graças ao nosso querido jornal “A Voz de Melgaço”.

Com os meus cumprimentos a todos,

Maria do Carmo Coelho Rodrigues  
Rua de S. Gregório - Melgaço

**MANUEL LUÍS D. RODRIGUES**  
TÉCNICO 28335



**INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS**  
AUTOMATISMOS PARA PORTÕES  
PORTAS SECCIONADAS  
VIDEOS PORTEIROS  
AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO TELEM. 969 065 676

SERRALHARIA  
**MANUEL RODRIGUES**



TODO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562



**Agência Funerária**  
**ORQUÍDEA**

**Auto Fúnebre Próprio**

Funerais e Translações para todo o País  
e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369  
Largo Hermenegildo Solheiro - Melgaço



## CONVOCATÓRIA

### Reunião Extraordinária

Aprígio Manuel da Costa, Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, a pedido do Provedor e Presidente da Mesa Administrativa, ao abrigo do disposto da alínea a) do número 4 do artigo 22º do Compromisso, convoca todos os Irmãos para participarem na Assembleia-Geral, para uma reunião extraordinária, com carácter de urgência, a fim de na mesma ser apreciada, discutida e colocada à aprovação da Assembleia Geral, um financiamento com garantia mútua, para apoio à tesouraria das Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS).

Por indicação da Mesa Administrativa a reunião terá lugar, no auditório da Casa da Cultura, sito na Av. Salgueiro Maia 264, na Vila e concelho de Melgaço, pelas 18:00 horas do dia 11 de Novembro de 2020, com o seguinte ponto único:

1. Discussão e aprovação do recurso à Linha Protocolada de Apoio ao Setor Social - COVID 19

Melgaço, 23 de Outubro 2020

- Se no dia e hora indicados não comparecerem número suficiente de irmãos, a reunião terá lugar meia hora depois, em segunda convocação, com qualquer número de irmãos presentes.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

  
(Aprígio Manuel da Costa)



## Convocatória

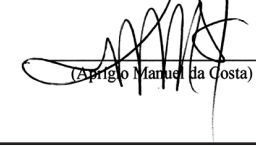
Aprígio Manuel da Costa, Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, ao abrigo do disposto da alínea c) do número 2 do artigo 22º do Compromisso, convoco todos os Irmãos para uma reunião ordinária da Assembleia-Geral, que terá lugar, no Pavilhão Gimnodesportivo do Centro de Estágios de Melgaço, sito na Av. 25 de Abril, pelas 14,30 horas do dia 21 de Novembro de 2020, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.º - Leitura e aprovação da ata da reunião anterior;
- 2.º - Apreciação, discussão e aprovação do Plano de Atividades e Orçamento de Exploração previsional e investimentos para o ano de 2021;
- 3.º - Candidaturas das obras de requalificação e ampliação das ERPIs ao Programa PARES
- 4.º - Apreciação e deliberação sobre o recurso a financiamento para ampliação do Cantinho dos Avós;
- 5.º - Apreciação e deliberação sobre a transmissão do direito de propriedade de uma parcela determinada, nas traseiras do edifício do CATL, para efeitos de retificação e/ou alinhamento de extremas com o proprietário do prédio confinante a norte.
- 6.º - Outros assuntos.

Se no dia e hora indicados não comparecerem número suficiente de irmãos, a reunião terá lugar meia hora depois, em segunda convocação, com qualquer número de irmãos presentes.

Melgaço, 28 de Outubro de 2020.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

  
(Aprígio Manuel da Costa)



# LIVRO DE RECLAMAÇÕES #01

João Martinho

No espaço que se segue procuramos dar resposta, comprometendo-nos a procurar esclarecimento adicional sempre que se justifique, às várias mensagens que nos chegam via e-mail ou através das redes sociais.

Tratando-se na sua maioria de mensagens breves a dar nota da falha de um determinado serviço ou fazer uma chamada de atenção, não gerando por isso suporte argumentativo para um texto maior, alinhamos sob esta rubrica algumas das “reclamações” a que nos propomos dar voz.

## ATM sempre ‘de baixa p’la Caixa’ em Castro Laboreiro



A mensagem foi-nos reencaminhada por vários seguidores da página do jornal “A Voz de Melgaço” no Facebook. A publicação, de Setembro último, é da autoria de Jacinto Silva Duro na mesma rede social, onde consta que, de passagem por Castro Laboreiro e perante a necessidade de levantar dinheiro no único terminal existente na vila castreja, se viu impossibilitado por uma “avaria” alegadamente persistente.

“Nada como fazer o Caminho de Santiago – ou até passear com a família em turismo – e, depois de um dia

extenuante, chegar a Castro Laboreiro. Não tens um cêntimo na carteira e o único multibanco, gerido por essa grande instituição que se chama Crédito Agrícola do Noroeste – o “banco” nacional com pronúncia local – está avariado há mais uma semana. Segundo as pessoas da localidade é muito comum... Com gente assim a velar pelos interesses das populações e a incentivar o turismo no território gerido pela Câmara Municipal de Melgaço percebe-se que está tudo em boas mãos”, manifestava o viajante na sua publicação.

Em reforço deste indignado protesto, que obriga os turistas a uma falta de liquidez num contexto onde não há outra caixa multibanco, também um dos arqueólogos que integrou a equipa de escavações no planalto de Castro Laboreiro confessava ter estado vários dias com poucas moedas no bolso, por não haver dinheiro naquele ATM.

O serviço foi instalado em espaço pertencente ao restaurante Miradouro do Castelo em 2015 e era uma pretensão da população, dos agentes de restauração, hotelaria e animação turística locais.

Convém é que realmente funcione como ponto de levantamento de dinheiro e não apenas como um género de aplicação para *smartphone* versão 1.0 para transferências e pagamentos de facturas, essencialmente nos períodos de maior afluência de público.

## Termas de Melgaço: Aquecimento da água do circuito

Um utilizador das Termas de Melgaço endereçou-nos uma mensagem via Facebook indicando que a temperatura da água da piscina no circuito termal estaria substancialmente abaixo do pretendido para este tipo de serviços. Pelas propriedades terapêuticas e zonas de hidromassagem instaladas no circuito, pede-se que a temperatura da água seja um pouco acima dos 24 ou 25 graus que o utilizador alegadamente terá sentido durante o período de permanência na piscina.

Recorde-se que já o anterior parceiro privado na



exploração das Termas de Melgaço se debatia com a dificuldade em manter o circuito em temperaturas que os frequentadores habituais de termas esperam.

Contactado pelo jornal “A Voz de Melgaço”, Paulo Freitas, General Manager da OCRAM, empresa privada que integra a Cura Aquae na exploração do complexo, esclarece que “essa redução pontual da temperatura” se prendeu com “questões exclusivamente técnicas” e que a água da piscina se encontra “usualmente, a 30 graus”.

## Há mais que um marco de fronteira N°1 em Melgaço?

Recebemos via e-mail uma ‘proposta’ de averiguação. O leitor indicava que, como comprovava em imagem [que não veio anexa à comunicação], “há mais um marco N°1” em Melgaço, mas desta vez “numa passagem de contrabando, em Alcobça (Freguesia de Fiães).

“Merece o devido respeito, tal como o marco de Cevide. Há que divulgar, porque também é parte da História de fronteiras e de Melgaço”.

Dias depois, no Facebook, a discussão estabeleceu-se em torno desta mesma proposta, tendo um dos intervenientes avançado o esclarecimento que teria a ver com a repetição dos marcos.

O marco 1 sem mais nada é o de Cevide, depois há outros como o de Puento Barios que tem 1B e assim sucederá eventualmente com o de Alcobça.

## Hospital de Augsburg cede camas articuladas eléctricas à Santa Casa



Vieram já 39 camas. Virão mais umas 80, graças ao empenho de portugueses amigos residentes na Alemanha.







**ADEGA SABINO**

Respeito pela **comida regional**  
paixão pelo **Alvarinho Monção e Melgaço**

[www.adeга-sabino.com](http://www.adeга-sabino.com)



## AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

**Eva Maria C. A. Magalhães**  
Vila | 94 Anos

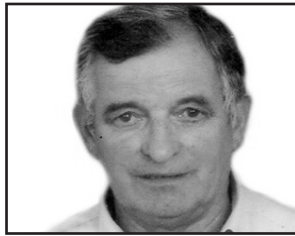
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Nelson de Almeida dos Reis**  
Paços | 75 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Fernando de Amorim Costa**  
Vila | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Fernando Esteves**  
Parada do Monte | 55 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Sérgio Armando Domingues**  
S. Paio | 68 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**António Manuel Gonçalves**  
S. Paio | 61 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**José Mário Rodrigues Costa**  
Penso | 22 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Aurora Alves**  
Viladraque - Paços | 96 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Rosa Alves**  
Prado | 96 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**António Manuel Rodrigues**  
Paderne | 52 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Augusta S. C. Santos**  
Vila | 50 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



## AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

**António José Soares**  
Carvão - Cristóval | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Justino Gomes Morais**  
Castro Laboreiro

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria Rosa Esteves**  
Castro Laboreiro | 94 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Armando Coelho**  
Cristóval | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



## CFAM Internacional Funerária (Vilarinho)

**António Sousa da Rocha**  
Chaviães | 76 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**António Manuel Afonso**  
Cousso | 57 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Justino Domingues**  
Gave | 67 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**José Abel da Costa Alves**  
Viladraque - Paços | 35 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Luís Orlando Alves**  
Cousso | 56 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**José Augusto Morais Esteves**  
Vila | 69 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Maria da Piedade Cerqueira**  
Paderne | 94 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**António Fernandes N. Castro**  
Cristóval

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Rosa Alves Sanches**  
Paderne | 94 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

**Anézia Augusta Guerra**  
Roussas | 92 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**«Numa altura tão dura em que somos privados de acompanhar pessoalmente os nossos amigos na dor da perda de um ser querido, aqui nos fazemos eco dos sentimentos de todos quantos fazem com que a ausência imposta legalmente seja vencida pela proximidade de uma presença em página impressa que dá a conhecer a muitos e permite que nos unamos em oração agradecida por quantos esperamos estejam já nos braços do Pai, e pelos familiares para que consigam superar momentos tão difíceis».**





«A Voz de Melgaço» 01/11/2020

EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dezassete de outubro de dois mil e vinte, exarado a folhas trinta e uma e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número DEZASSETE - M deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual JORGE MANUEL PEREIRA DE ALMEIDA e mulher FLORBELA MARIA RIBEIRO MARQUES ALMEIDA casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais ele da extinta freguesia de Vila, concelho de Melgaço, ela da freguesia de Massarelos, concelho do Porto, residentes na Rua Manuel da Silva Pinheiro, Edifício Europa, número 97, apartamento 500, União das Freguesias de Bougado (São Martinho e Santiago), concelho da Trofa, declararam que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, dos seguintes bens imóveis, não descritos na competente Conservatória do Registo Predial:

VERBA UM: Prédio Rústico, denominado "CANASTRO E ROSSIOS", sito no lugar de CARPINTEIRA, freguesia de SÃO PAIO, concelho de Melgaço, composto por Dependência agrícola com doze metros quadrados e rossios, com a área total de cento e vinte e dois metros quadrados, a confrontar de NORTE com Mário Gonçalves, de SUL com Maria Idalina Durães, de NASCENTE com Caminho de Servidão e de POENTE com Caminho

Público, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 6291, com o valor patrimonial tributário e atribuído de € 10,00; e

VERBA DOIS: Prédio Rústico, denominado "PONTE", sito no lugar de CARPINTEIRA, União das Freguesias de VILA E ROUSSAS, concelho de Melgaço, composto por terreno de pinhal e mato, com a área total de mil trezentos e oitenta metros quadrados, a confrontar de NORTE com Elias Manuel D. Afonso, de SUL com Limite de Freguesia, de NASCENTE com António Fernandes e de POENTE com Limite de Freguesia, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 152, que teve origem no artigo 160 rústico da extinta freguesia de Roussas, com o valor patrimonial tributário e atribuído de € 39,45;

Que desconhecem os artigos da antiga matriz rústica e entraram na posse dos citados prédios, em dia e mês que não conseguem precisar do ano de mil novecentos e noventa e nove, já no estado de casados, por doação verbal que lhes foi feita por Sara Alves, viúva, residente que foi no referido lugar de Carpinteira, que não chegou contudo a ser formalizada; Que no entanto há mais de vinte anos se encontram os justificantes na posse e fruição dos mencionados prédios, limpando-os, cortando a lenha, que aproveitam, sempre usufruindo de todas as suas utilidades e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade; Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio dos prédios desde o referido ano

de mil novecentos e noventa e nove conduziu à aquisição dos mesmos por usucapião, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, dezassete de outubro de dois mil e vinte. O Notário, Marco Gonçalves



«A Voz de Melgaço» 01/11/2020

EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dezassete de outubro de dois mil e vinte, exarado a folhas setenta e três e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número DEZASSETE - M deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual MARIA DE LOURDES FERNANDES, solteira, maior, natural da extinta freguesia de Castro Laboreiro, residente no lugar de Vila, União das Freguesias de Castro Laboreiro e Lamas do Mouro, todas freguesias do concelho de Melgaço, declarou que é **dona e legítima possuidora, com exclusão de outrem, do Prédio Rústico, denominado "ESCALA DE VIDO", sito no lugar de VILA, na dita União das Freguesias de CASTRO LABOREIRO E LAMAS DO MOURO, composto por terreno de lameiro e pastagem, com área de dois mil e cinquenta metros quadrados, a confrontar de NORTE com Maria Esteves Rodrigues, de SUL com Junta de Freguesia, de NASCENTE com Alziro de Jesus Vaz e de POENTE com Ange-**

lina Domingues, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 13111, que teve origem no artigo 12361 rústico da extinta freguesia de Castro Laboreiro, com o valor patrimonial tributário de € 22,05;

Que desconhece o artigo da anterior matriz rústica e o dito prédio foi por ela adquirido, em dia e mês que não consegue precisar do ano de mil novecentos e noventa e dois, por herança de sua mãe Filomena Fernandes, solteira, maior, residente que foi no referido lugar de Vila, sem que, contudo, tenha formalizado a partilha, pelo que não dispõe de qualquer título formal para o registar na conservatória;

Que, no entanto, entrou desde essa altura na posse e fruição do mencionado prédio em nome próprio, posse esta sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como sua dona por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, cultivando-o, colhendo os frutos, procedendo à sua limpeza e usufruindo de todas as utilidades possíveis, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de mil novecentos e noventa e dois conduziu à aquisição do mesmo por usucapião, que invoca para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, trinta de outubro de dois mil e vinte. O Notário, Marco Gonçalves



«A Voz de Melgaço» 01/11/2020

EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia vinte e nove de outubro de dois mil e vinte, exarado a cinquenta e sete e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número DEZASSETE - M deste cartório, foi Lavrada uma escritura de justificação na qual HERMENEGILDO ALBERTO DE SOUSA e mulher MARIA BELARMINA RODRIGUES RIBEIRO casados sob o regime de comunhão geral de bens, ambos naturais da extinta freguesia de Vila, concelho de Melgaço, residentes na Avenida das Tílias, número 60, União das Freguesias de Vila e Roussas, concelho de Melgaço, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do Prédio urbano, sito no lugar de PIGARRA, União das Freguesias de VILA E ROUSSAS, concelho de MELGAÇO, composto por CASA DE MORADA de rés do chão e primeiro andar, com área total de setenta e nove metros quadrados, área coberta de setenta e sete vírgula trinta e cinco metros quadrados e área descoberta de um vírgula sessenta e cinco metros quadrados, a confrontar de NORTE, NASCENTE e POENTE com proprietário e de SUL com Estrada, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, inscrito na respetiva matriz urbana sob o ARTIGO 2129, que teve origem no artigo 743 urbano da extinta freguesia de Vila, com o valor patrimonial tributário e atribuído de € 38.153,85;

Que o dito prédio foi por eles adquirido, já no estado de casados, em dia e mês que não conseguem precisar do ano de mil novecentos e noventa por compra verbal que fizeram a CRISTIANA RAIMUNDA DE CARVALHO GOMES e marido ABÍLIO MARTINS GOMES, residentes em Rio do Porto, Vila, Melgaço, a DEMOSTENES ARMANDO DE MORAIS, viúvo, residente em Rio do Porto, Rou-

ssas, Melgaço, a MARIA EDITE MORAIS MAGALHÃES e marido ARLINDO JOSÉ FERREIRA MAGALHÃES, residentes em Vila, Monção, a ANA MARIA VAZ DE MORAIS e marido HENRIQUE AUGUSTO GOMES, residentes na Rua Velha, Vila, Melgaço, a MARIA FERNANDA FERRAZ DE OLIVEIRA VAZ, viúva, residente na Avenida Cidade de Londres, Lote 72, sétimo esquerdo, Cacém, a JOSÉ JORGE DE OLIVEIRA VAZ e mulher ELISABETE DA PURIFICAÇÃO ANTUNES DA COSTA RODRIGUES VAZ, residentes na Rua dos Bombeiros, Oliveira do Hospital e a FERNANDO ANTÓNIO VAZ e mulher ANABELA DE JESUS VIEIRA LOPES VAZ residentes no referido lote 72, sétimo esquerdo da Avenida Cidade de Londres;

Que, contudo, nunca chegaram a formalizar devidamente a mesma, pelo que não dispõe de qualquer título formal para o registar na conservatória, mas desde essa data que entraram na posse e fruição do mencionado prédio em nome próprio, posse esta sem qualquer interrupção até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, habitando-o inicialmente, mantendo-o, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição;

Que assim, a posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde o referido ano de mil novecentos e noventa conduziu à aquisição do mesmo por usucapião, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do nº 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto. Melgaço, vinte e nove de outubro de dois mil e vinte. O Notário, Marco Gonçalves



**Daniela Afonso**  
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65      Telef.: 251 404 953  
4960 - 522 Melgaço      3590@solicitador.net

## Autarquia Convida Portugueses a “Viver em Melgaço” e apresenta pacote de apoios para quem se mudar

A realidade do Covid-19 mostrou-nos novas formas de viver. O trabalho à distância está a levar os portugueses a procurarem maior qualidade de vida e a abandonar os grandes centros. Queremos mostrar que Melgaço é uma boa opção para viver. Queremos acolher mais habitantes.» refere o autarca, Manoel Batista, realçando que «Melgaço tem condições excelentes. Sabemos que quem optar por viver em Melgaço vai encontrar aqui os serviços básicos necessários. A tudo isto acresce uma qualidade de vida saudável, muito diferente das grandes áreas metropolitanas e uma paisagem única. Estamos a criar um pacote ainda mais apetecível, para quem escolher Melgaço para Viver... e contamos com o Governo para nos apoiar neste desígnio...».

Manoel Batista destaca ainda o testemunho de um recém-habitante: «um novo habitante de Melgaço, confessou-me que aqui sente-se em férias permanentemente. Garantiu que o tempo que gastava no trânsito todos os dias, se transformou em tempo de qualidade com a família e lhe permitiu voltar a uma antiga paixão: a prática de desporto!».

A autarquia está a trabalhar num pacote de medidas aliciante para se VIVER EM MELGAÇO, apresentando desde já diversas razões económicas que classificam Melgaço como um bom local para viver:

– Isenção de taxas de urbanização e edificação para habitação própria e permanente para casais até aos 35 anos, para uma área bruta de construção de até 250 m<sup>2</sup>;

- Não se aplica derrama sobre o IRC das empresas;
- Disponível um fundo de apoio a micro-negócios (até 45.000 EUR), o Melgaço Finicia, com parte do capital sem juros;
- Apoios ao investimento específicos para territórios do interior;
- Medidas de apoio à natalidade, à primeira infância, às famílias numerosas e outros apoios inseridos no Plano de Desenvolvimento Sustentável e Solidário (PDSS).

A campanha acontece a nível nacional, através de diversos meios, nas redes sociais e no site municipal, onde constam todas as informações da campanha (www.cm-melgaço.pt).



# Se o calor mata, o Inverno esfola

Costa Guimarães

Depois do calor de Julho e Agosto, que foi responsável pela morte de quatro mil portugueses — enquanto o Covid matou cerca de 1800 pessoas — as temperaturas vão baixar de forma acentuada nos próximos dias e as autoridades não têm poupado esforços em alertar para os cuidados a ter com o frio.

O caso não é para menor preocupação uma vez que Portugal é dos países com maior variação sazonal no número de mortes.

Uma das comparações mais recentes foi publicada em 2016 no “Journal of Public Health”, com base nas estatísticas entre 1980 e 2013.

Num ranking do excesso de mortalidade no inverno em 30 países europeus, Portugal surge em segundo lugar, atrás de Malta, com um acréscimo médio de 28% nas mortes ocorridas entre dezembro e março face às que têm lugar nos meses mais quentes. Seguem-se Chipre, Espanha e Irlanda.

Carlos Dias, coordenador do departamento de epidemiologia do Instituto Ricardo Jorge, ajuda a perceber o quadro (cf. [www.dinheirovivo.pt/economia/nacional/portugal-com-mais-6-mil-mortes-em-2020-o-motivo-pandemia-e-calor-diz-a-dgs-12895705.html](http://www.dinheirovivo.pt/economia/nacional/portugal-com-mais-6-mil-mortes-em-2020-o-motivo-pandemia-e-calor-diz-a-dgs-12895705.html)).

Diariamente morrem, em média, em Portugal 300 a 350 pessoas.

No inverno, tendem a verificar-se mais 100 a 150 óbitos diários.

Se as ondas de calor também estão associadas a um aumento do número de mortes, no Inverno o efeito tende a ser mais alargado no tempo e o especialista explica que são vários os factores.

A descida das temperaturas contribui para a descompensação de doentes crónicos e idosos, pelo esforço que o corpo tem de fazer para se adaptar ao frio.

Há registo de maior complicações cardiovasculares nesta altura e o ambiente frio e húmido favorece a circulação de mais vírus e a sua propagação, porque a população tende a procurar espaços mais abrigados e fechados, com maior concentração de pessoas.

“A doença infecciosa inicia toda uma cascata de problemas respiratórios cujo combate se torna mais difícil sobretudo a quem já tem outros problemas de base”, continua o especialista. A gripe parece, porém, ser o factor mais expressivo. “Os dados nacionais sugerem que, do excesso de mortalidade que se verifica no inverno, a maior fracção tem a ver com a gripe”, diz Carlos Dias.

Nos registos do Instituto Ricardo Jorge, a época de 1998/1999 foi aquela em que se registou maior excesso de mortalidade no inverno, com mais 8514 mortes face à média registada nos mesmos meses em termos históricos.

Mais recentemente, a época de 2014/2015, marcada por uma sucessão de casos de doentes que morreram nos serviços de urgência enquanto esperavam por observação, regista o balanço mais elevado, com um excesso de 5591 mortes.

No inverno passado, apesar de actividade gripal ter sido moderada, registaram-se mais 3700 mortes face ao expectável, sobretudo entre pessoas com mais de 85 anos.

O que esperar deste ano? O número de mortes que até ao momento se encontra dentro do esperado para a época pode agravar-se nas próximas semanas, sublinhando a importância de a população seguir as recomendações sobre os cuidados a ter nestas alturas, em particular os grupos mais vulneráveis.

João Vasconcelos, investigador do Instituto de Geografia da Universidade de Lisboa, tem estudado o fenómeno da mortalidade associada ao inverno e nota que, “a nível europeu existe um paradoxo: é nos países menos frios que se morre mais no inverno e isto deve fazer-nos pensar”

Este docente do Instituto Politécnico de Leiria recorre a dados do Eurostat para traçar o retrato: “Em 2017, 20,4% da população portuguesa não conseguia manter a casa devidamente aquecida, é um quinto da população. Está melhor, em 2008 eram quase 35%, mas a média europeia é de 8,1%”, frisa.



Os municípios com maior pobreza sócio-material têm 71% de maior probabilidade de ter excesso de mortalidade no inverno. Haverá vários factores, mas um será a vulnerabilidade das habitações e é um problema que não podemos ignorar no país”. Comparando a evolução nos últimos 20 anos nos países do sul da Europa, a melhoria das condições de vida parece estar associada a um decréscimo do excesso de mortalidade, mas a descida em Portugal tem sido “insignificativa ou nula”, alerta Vasconcelos.

Por exemplo, no Reino Unido há subsídios para que seja garantido o aquecimento em casas que consideram vulneráveis, para idosos que vivem sozinhos. Em Portugal não há nada disto e importa mudar a visão portuguesa de que é normal ter frio.

## NÚMEROS CLAROS E INQUIETANTES

Os registos são claros: há mais mortes do que seria expectável em Portugal em 2020 — muito acima dos 1855 mortes por covid-19 anunciados até agora. A plataforma internacional EuroMOMO (rede de epidemiologistas) estima que houve em Portugal mais de 5 964 mortes do que seria expectável no período entre 25 de março e 25 de agosto de 2020.

Da lista apresentada e citada pelo Economist, Portugal é mesmo o 13.º com pior registo, ficando mesmo pior do que a Suécia ou a França, com uma média de 58 mortes a mais do que o previsto por cada 100 mil habitantes. O pior registo (e maior diferença face às mortes registadas por covid-19) foi mesmo no final de julho, seguindo-se o início de abril e a semana de 2 de junho.

O INE divulgou dados do mesmo sentido: entre 1 de março e 30 de agosto morreram em Portugal mais 5 882 pessoas que em igual período de 2019, uma variação resultante do aumento de mortes de pessoas com mais de 75 anos.

E qual o motivo? A Direção-Geral de Saúde (DGS), que demorou alguns dias a responder, admitiu que está a vigiar esse aumento de mortalidade, precisamente através da tal metodologia internacional EuroMOMO (que tem por base dados dos 5 anos anteriores).

A DGS separa este excesso de mortalidade desde março em três períodos. O primeiro, de final de março e princípio de abril, “coincide com o pico da epidemia de covid-19 em Portugal”. O organismo não tem “outra explicação robusta”.

O segundo e terceiro período de excesso de mortalidade (maio e julho-agosto) coincidiram com períodos em que se registaram temperaturas mais elevadas em Portugal. A DGS diz mesmo que o pior período foi “entre as semanas 28 e 31 de 2020 (de 6 de julho a 2 de agosto)”, em que o “sistema ÍCARO (instrumento de observação epidemiológica coordenado pelo INSA, que mede o efeito do calor na saúde) identificou precocemente um período de calor extremo, prevendo impactos significativos na mortalidade”.

De acordo com a EuroMOMO nas últimas duas semanas de julho houve mais 1278 mortes do que o esperado e só se registam 54 mortes no mesmo período por covid-19.

Dados oficiais do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA) revelam mesmo que julho de 2020 foi o mês (de julho) mais quente desde que há dados registados em Portugal (1931). Em termos de temperatura média isso significa que houve um aumento de 2,91

graus face ao normal.

A temperatura máxima média - que costuma ter maiores efeitos na mortalidade - foi de mais 4,61 graus, ou seja, 33,4 graus.

Comparativamente a julho de 2019, este ano foi bem pior já do que o ano passado.

Os números anunciados pela Ordem dos Médicos evidenciam com preocupação, a redução significativa de acesso às urgências hospitalares em Portugal. Não só as consultas presenciais nos centros de saúde caíram 36% no primeiro semestre do ano face a igual período de 2019, como as urgências caíram 27%, com menos 839 mil do que em 2019. As cirurgias tiveram uma quebra de 27% - 30% nas cirurgias programadas e 10% nas operações urgentes, algo que a Ordem dos Médicos e os administradores hospitalares indicaram esta terça-feira ser motivo de preocupação, com “o agravar da situação” em Portugal.

Mais de 70.000 pessoas acima das taxas habituais ocorreram no Verão de 2003 em 12 países da Europa afectados pela canícula, incluindo Portugal, de acordo com os primeiros resultados de um estudo divulgado quinta-feira.

Deste total, mais de 20.000 mortes acima do normal registaram-se em Junho e Julho, seguidas de 45.000 em Agosto, quando apertou mais a canícula, e outras 5.000 em Setembro.

São os primeiros resultados do projecto europeu “Canícula”, financiado pela União Europeia e coordenado pelo demógrafo Jean-Marie Robine, director de investigações do Instituto nacional francês de Saúde e Investigação Médica (INSERM) (cf. [www.rtp.pt/noticias/mundo/quase-tres-mil-mortos-em-portugal-no-verao-de-2003\\_n135835](http://www.rtp.pt/noticias/mundo/quase-tres-mil-mortos-em-portugal-no-verao-de-2003_n135835))

Os quatro países de controlo utilizados para o estudo, porque não tiveram uma mortalidade superior ao normal, foram a Dinamarca, Polónia, República Checa e Áustria.

De 01 de Junho a 30 de Setembro de 2003, Portugal registou o quinto maior aumento de mortalidade, 8,7 por cento, com mais 2.696 mortes, de acordo com os números registados pelo investigador.

Já em 2018 se registou um recorde: foi o ano com mais mortes em Portugal.

As causas mais óbvias podem ser, em primeiro lugar, o envelhecimento da população portuguesa – em 2015, 2,1 milhões de pessoas (quase 20% da população portuguesa) tinham 65 anos ou mais, numa tendência que irá subir: prevê-se que 2030 os idosos representem cerca de 26% da população.

A segunda causa pode estar relacionada com o pico de calor extremo sentido no país nos últimos dias, onde recordes de temperatura foram batidos: no sábado, dia 4 de Agosto de 2018, mais de 310 pessoas morreram (a maioria dos mortos tinha mais de 70 anos), tornando-se o dia de Verão com mais mortes este ano.

Até 2016, as mortes em Portugal rondaram o patamar dos 110 mil e há dez anos situavam-se nos 104 mil por ano. Foi em 2008 que a mudança demográfica se concretizou: o país passou a ter mais mortes do que nascimentos, um fenómeno sociodemográfico que atingiu um pico em 2017: a população teve um saldo negativo de cerca de 24 mil pessoas.

Há quase 70 anos que não se registavam tantos óbitos em Portugal, num fenómeno de aumento da mortalidade que os especialistas associam ao envelhecimento da população (cf. [www.tsf.pt/sociedade/ha-70-anos-que-portugal-nao-registava-tantos-mortos-estamos-em-risco-de-extincao-10846591.html](http://www.tsf.pt/sociedade/ha-70-anos-que-portugal-nao-registava-tantos-mortos-estamos-em-risco-de-extincao-10846591.html))

Em 2018, o país contou 113 mil mortos, mais 3% que em 2017. No entanto, mais do que a subida anual, o número registado no ano passado só tinha sido superado, pela última vez, segundo os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) consultados pela TSF, em 1949, quando se chegou aos 117.499 óbitos.

<https://www.tsf.pt/sociedade/ha-70-anos-que-portugal-nao-registava-tantos-mortos-estamos-em-risco-de-extincao-10846591.html>



# Um alentejano entre os gumuz

Costa Guimarães

O português Pedro Nascimento está há 16 meses junto dos gumuz, na Etiópia, integrando a equipa dos Leigos Missionários Combonianos (LMC), ao serviço da população local. Este povo ainda usa arco e flecha e vive da agricultura. Tem uma palhota para doze ou treze pessoas.

“Foi uma decisão muito pensada”, refere o missionário alentejano, natural do Ervedal (Concelho de Avis).

<https://agencia.ecclesia.pt/portal/outubro-missionario-um-alentejano-entre-os-gumuz-c-fotos/>

Depois de passar pelo norte de Moçambique, Pedro Nascimento sentiu o desejo de dar mais para a missão e dar mais de si: “Senti esta vocação e, depois de ter feito um curso de dois anos com os LMC, senti este desejo de partir”, explica.

Pedro Nascimento regressa à Etiópia por mais nove meses e “o que me motiva são as pessoas, a alegria da missão revela-se através das pessoas a que Deus nos envia, e através da oração que tem sido muito importante para mim neste tempo de missão”.

Os LMC são um Movimento de cristãos católicos que, tocado pelo chamamento de Deus e segundo o Carisma de São Daniel Comboni, se sentem impelidos a anunciar Jesus Cristo àqueles que ainda não o conhecem.

Sinal da missionariedade das Igrejas locais, partem para outros povos ou culturas, por períodos de 2 anos ou mais, num compromisso apaixonado que se mantém após o regresso.



A Etiópia foi um desafio assumido em março de 2019, data em que chegou à capital Addis Abeba, onde, durante, seis meses conheceu o país, aprendeu a língua principal e contactou com as Eucaristias no rito etíope.

Nós leigos, na Igreja e na nossa fé, para além deste desejo de ir ao outro, da solidariedade e da comunhão, também temos o desejo da fé, da evangelização, de anunciar Jesus Cristo com a nossa vida”.

Pedro Nascimento sublinha a importância dos leigos porque, no seu entender, “conseguimos chegar a áreas onde o religioso tem mais dificuldade” daí que considera que a Igreja deve apostar mais na ação missionária dos leigos.

O território de Missão que os Combonianos lhe res-



ervaram estava a 545 quilómetros de distância, perto da fronteira com o Sudão, onde descobriu um povo historicamente escravizado e que permanece à margem do desenvolvimento e que “há uns anos atrás ainda não tinha ouvido falar de Jesus”.

“É uma realidade dura, por vezes marcada pela intolerância étnica entre os povos vizinhos, mas é um momento único para falar de Jesus e para o anunciar com a nossa vida, o nosso testemunho e o nosso trabalho”, acrescenta.

O trabalho missionário na Etiópia é também condicionado pelas rivalidades étnicas que continuam a gerar violência entre os povos vizinhos, elevando o número de deslocados internos a mais de um milhão.

## Ser jovem em 2020 não é muito fácil

### As maravilhas da vida podem ser fatais a quem não resistir à Covid

Abílio Francisco Conde

Todas as sociedades precisam de festas e diversões. Os jovens parece que não querem aceitar as restrições necessárias para combater a pandemia que está a ameaçar todo o mundo. Essa vontade é alimentada pela ideia que são novos e que se forem infectados pelo vírus resistem melhor e não ficam com mazelas. Muitos até acreditam na imunidade. Fica, assim, difícil, sobretudo para quem é jovem, aceitar limitações aos seus momentos de lazer. Dizem que o vírus é só para os velhos. Há relatos que favorecem essa ilusão. Sucodem-se as notícias de ídolos dos desportos que são anunciados como infectados, no entanto, sem que passem por algum tormento de saúde. Instalou-se a noção de que a Covid lhes passa ao lado. Outros estão convencidos que o Covid é uma pequena gripe. Porém o problema é sério. Pelo menos 500 estudantes do Ensino Superior no país foram diagnosticados recentemente com Covid-19. Parte foi referenciado com origem em festas dos alunos Erasmus. O ócio nocturno é um risco para os jovens as-

sim como para todos são os casamentos, os baptizados ou as festas do ano, Natal e Páscoa, principalmente. É preciso defender-se porque as coisas maravilhosas da vida podem ser fatais e depois não há volta a dar. Por outro lado, verifica-se muito descontentamento popular na forma autoritária e discricionária do chefe do governo socialista, António Costa, ao demorar medidas de contenção eficazes para vencer a pandemia (2.a vaga) que ultimamente tem aumentado num ritmo alarmante, (quase 3.000 casos por dia). O registo desta última semana de Outubro foi de 6.368 pessoas internadas nos hospitais em Portugal por causa do Covid-19 e tinham a idade entre os 10 e 19 anos. O número de internados subiu para 16.605 na faixa etária entre os 20 e 29 anos. Para além do sofrimento e morte há o risco grave de contágio a quem é menos robusto para combater o vírus. Deste modo é imperioso estancar e dominar a nova vaga do vírus que anda à nossa volta, de norte a sul. Todos os dias os casos de infecção aumentam. Sem



vacinas tudo depende de cada um de nós. A missão é não deixar o vírus avançar. O uso da máscara, o lavar as mãos com desinfetante e a distância social de 1 a 2 metros são as armas seguras para derrotar o Covid-19. Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Outubro 2020

## PIZZARIA

T. 251 403 058



*Inovação é o que nos distingue*

## RESTAURANTE

Av Capitão Salgueiro Maia

**EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA**



MELGAÇO (CENTRO)

ESPAÑA S. GREGÓRIO

PESO MONÇÃO



# Covid-19 | Segunda Vaga

“Melgaço tem sabido mostrar que sabe cumprir as orientações. De momento o nosso concelho não inclui o número dos que ultrapassaram 200 contactos por 100 mil habitantes”

João Martinho

O município de Melgaço estava, até finais de Outubro de 2020, com menos de dez casos activos de SARS-CoV-2, o coronavírus que está na origem da pandemia Covid-19.

A autarquia reforçou as campanhas de sensibilização, via áudio e outdoor, mas o país continua a somar mais casos diários do que ao longo da primeira fase do surto pandémico.

Depois de um Verão que colocou o município melgacense entre os mais seguros da região, chegando aos zero casos activos registados, o período de vindimas iniciado em Setembro proporcionou uma série de contactos passíveis de transmissão da doença.

Desde o início da segunda fase e até 27 de Outubro, Melgaço não ultrapassou os dez casos de infecção na comunidade, situando-se, a par com Paredes de Coura, entre os concelhos do distrito com menos infecções.

“Seremos capazes de dar conta do recado. Tenho noção exacta de onde estão os casos de maior complicação. Infelizmente, não podemos comunicar a localização territorial dos focos”, notou o autarca de Melgaço, Manoel Batista, a este jornal, perspectivando uma redução de casos activos decorrentes do aumento relacionado com os trabalhos agrícolas, pela recuperação dos doentes testados que cumpriram o período de isolamento.

O presidente da Câmara congratulou o comportamento da população alto-minhota e os melgacenses

face à pandemia e sublinhou que só com o cumprimento destas orientações se poderá manter a estratégia de dinamização dos sectores-chave da economia local.

“Melgaço tem sabido mostrar que sabe cumprir as orientações. Há excepções, mas de uma forma geral tem sabido respeitar e isso faz toda a diferença no momento de contar os casos. Só assim podemos avançar com actividades que chamem públicos, mas para ambientes controlados e com segurança”, sublinhou.

## FESTA DO ESPUMANTE: TRÊS SEMANAS EM VEZ DE UM FIM-DE-SEMANA



A Festa do Espumante, um dos eventos que figurava no calendário de iniciativas dinamizadoras do turismo concelhio em época baixa, permanecerá em agenda, mas reconfigurado às novas exigências. Assim, em vez da habitual configuração de evento de fim-de-semana, no final de Novembro, será alargada a três semanas e passará da tenda comum na praça para a mesa de cada um dos restaurantes do concelho.

“Em vez de se confinar a um fim-de-semana, estende-se a um período de três semanas em que as pessoas são convidadas a vir a Melgaço, à nossa restauração, e aí serem presenteadas com os nossos espumantes. Aí têm a oportunidade de harmonizar a nossa gastronomia com os espumantes dos produtores”, concretizou Manoel Batista.

A capacidade de “reinventar” os eventos, mantendo a estratégia de comunicação e o evento vínico em questão, permitirá suportar até ao final de 2020 os sectores que mais perderam com a paragem total durante período do Estado de Emergência.

Manoel Batista considera

que, com a tendência decrescente do número de casos activos, inclusive nos municípios vizinhos com números mais expressivos, será possível manter a economia da região com “alguma normalidade” neste período. “Não tenho dúvidas de que vamos continuar a recuperar, não integralmente, mas em boa parte os prejuízos acumulados durante o período de Março a Maio”, frisou Manoel Batista.

## FECHO DE FRONTEIRAS: “Questão já foi discutida politicamente ao mais alto nível e posta de parte”

Durante o período de confinamento da primeira vaga da pandemia Covid-19 e com o fecho de fronteiras, o Agrupamento Europeu de Cooperação Transfronteiriça (AECT) Rio Minho, que representa os dez municípios alto-minhotos e 16 concelhos galegos da província de Pontevedra, acelerou a discussão em torno da criação de um Cartão de Cidadão Transfronteiriço. Entre outras vantagens, o documento facilitará a circulação de trabalhadores da zona raiana mesmo em contexto de pandemia, sem os constrangimentos que se verificaram durante o Estado de Emergência decretado entre Março e o início de Maio de 2020.

Manoel Batista refere que o cenário pandémico voltou a colocar essa pretensão na lista de desejos dos municípios agrupados ao AECT Rio Minho, mas a vontade já não é de agora. “São assuntos que vêm a ser tratados desde 2004, pelo menos”, garante o autarca, recordando



que se seguiram estudos relativos às condições desta mobilidade transfronteiriça encetados em 2007.

“Estas questões relacionadas com o Cartão de Cidadão Transfronteiriço, com a partilha de serviços de saúde, colocadas na última Cimeira Luso-Espanhola, são resultantes de todo este processo, e a pandemia veio dar nota de que estes assuntos são importantes e merecem reflexão. Esta região de fronteira teria tudo a ganhar se fossem encontradas soluções de partilha. Serviços de saúde, transportes e de haver um cartão do trabalhador transfronteiriço para mobilidade absoluta, em pandemia e fora dela”, realçou.

Face a um possível Estado de Emergência, embora não passe ainda de especulação e o Governo procure activar essa medida de confinamento apenas em último recurso, o edil de Melgaço diz ser improvável que a comunicação viária entre Portugal e Espanha volta a ser interrompida.

“Não me parece que essa questão se venha a pôr. Já foi discutida do ponto de vista político ao mais alto nível e foi posta de parte. Não vamos fechar fronteiras outra vez”.

Continua na pág. seguinte



**Dra. Dina Loureiro**  
Médica Dentista

**ESPECIALIDADES  
DE MEDICINA  
DENTÁRIA**

- > Branqueamento dentário
- > Cirurgia Oral
- > Dentisteria
- > Endodontia
- > Implantologia
- > Ortodontia  
(Damon Autoligável)
- > Ortodontia Invisalign
- > Próteses  
(Fixa e Removível)
- > Tratamento Bruxismo
- > Piercing Dentário
- > Medicina Estética  
(Ácido hialurónico e toxina botulínica)

**Rua Direita, nº 16 - Melgaço 4960-542 • 910 130 451**

(Clínica Curae Melgaço, junto à Igreja Matriz)

**medicinadentariamelgaco@gmail.com**

**Facebook.com/medicinadentariamelgaco**



Continuação da pág. anterior

## ORÇAMENTO MUNICIPAL PARA 2021 ULTRAPASSARÁ OS 20 MILHÕES DE EUROS Nova Zona Empresarial e Piscinas Municipais avançam no início do ano

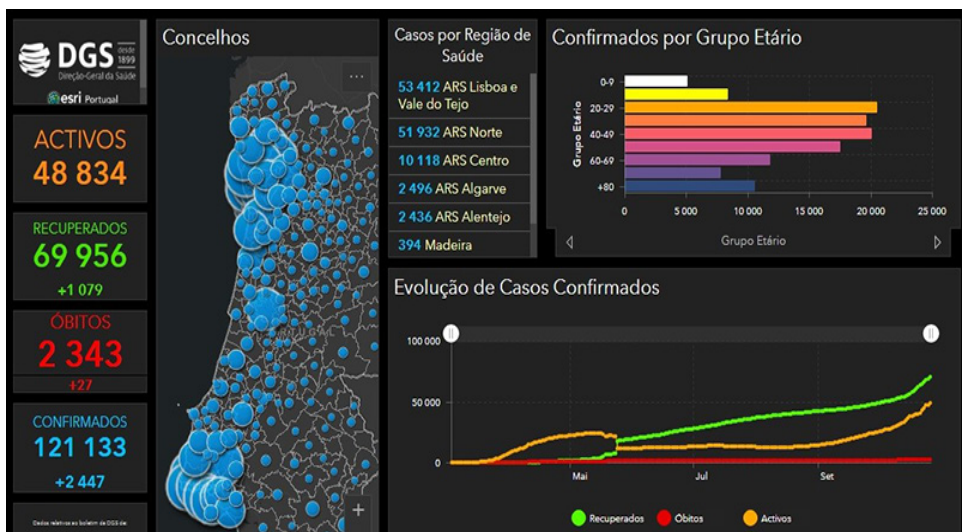
As transferências do Orçamento de Estado para os municípios prevêem para Melgaço um montante na ordem dos 8,2 milhões de euros, o que representa um crescimento face a anos anteriores, mas esperam-se mais verbas ao longo do ano.

No âmbito do Fundo de Recuperação pós- crise, Portugal receberá, já a partir do início de 2021, 15,3 mil milhões de euros em subvenções e tem de estar preparado (burocraticamente) para os receber.



Aos municípios caberá uma ‘fatia’ deste montante e pode ser a solução para os projectos consecutivamente lançados em orçamento, com rubrica aberta, mas sem suporte financeiro ou para avançar.

O Orçamento Municipal e Grandes Opções do Plano da Câmara Municipal de Melgaço para 2021 só vai a votação em Assembleia Municipal em Dezembro deste ano, mas a autarquia já tem projectos que poderão ser enquadrados neste quadro de apoios.



O projecto de revitalização da Piscina Municipal, em concurso público pela segunda vez este ano e que representa um investimento próximo dos dois milhões de euros e ainda “sem qualquer tipo de financiamento, apenas o crédito bancário via IFRRU [Instrumento Financeiro para a Reabilitação e Revitalização Urbanas]”, poderá vir a beneficiar deste fundo.

Manoel Batista considera que os apoios financeiros do fundo de recuperação poderão permitir “mais ambição” em “medidas concretas de incentivo à economia”, mas coloca no topo da lista de pretensões a curto prazo os pedidos que vem reiterando nos últimos tempos no âmbito das comunicações viárias e digitais.

“O fundamental para nós é que se oiçam as vozes dos territórios em matérias muito importantes, como são as ligadas às comunicações, digitais, móveis ou fixas”, observou.

Na rede viária, Manoel Batista espera que o “impulso” dado recentemente ao projecto para a ligação da A28 até Valença possa reforçar também o pedido de requalificação viária até Melgaço. “Não tiramos o pé do pedal, pelo contrário, vamos acelerar mais, porque este dinheiro pode perfeitamente ser enquadrado em investimentos deste género”.

## ZONA EMPRESARIAL DE ALVAREDO: Já há “empresas da região” a discutir condições de instalação

O crescimento do fluxo de turismo, transporte de mercadorias e de trabalhadores entre concelhos, mas também o expectável aumento devido à instalação de uma nova Zona Empresarial no concelho reforçam a urgência do pedido.

O edil de Melgaço justifica a pressão no “pedal” ao Governo com as expectativas “muito boas” relativamente ao eventual interesse dos empresários da região no parque empresarial a instalar em Alvaredo.

“Sonhar uma zona industrial é importante, desenhar-la e fazer projecto também, mas perceber que o que vamos fazer vai ter de imediato gente a querer instalar-se é muito mais importante. Tínhamos até há pouco tempo cinco empresas, relativamente próximas do território, interessadas em instalar-se cá”, explicou Manoel Batista.

O autarca esclarece que algumas propostas estão ainda em discussão mas avança que os sectores do vinho e da metalomecânica foram os primeiros a manifestar interesse. Contudo, há “uma outra área [de negócio] que pretende instalar-se na nova zona industrial”, avançou.

## TRANSFERÊNCIA DE COMPETÊNCIAS PARA OS MUNICÍPIOS: Estradas desclassificadas, educação e PNPG entre os casos mais ‘felizes’

O processo de descentralização implementado pelo Governo procura delegar aos municípios algumas gestões de recursos e desde 2019 que a Câmara Municipal de Melgaço tem vindo a aceitar a transferência das competências nas áreas que se coadunam com a dinâmica do território. As vias de comunicação, habitação,

património imobiliário público sem utilização foram algumas das gestões que a autarquia aceitou e cumpre-se, quase dois anos desde o acordo, perceber as vantagens desta gestão mais próxima.

A gestão das estradas desclassificadas poderá trazer boas notícias a curto prazo para o concelho. Manoel Batista avança que está em fase de encerramento “o processo de negociação da recepção da antiga Estrada Nacional 202, com envelope financeiro para requalificação integral dessa estrada”.

O autarca assegura que “vem dinheiro” para a intervenção e que a aceitação desta competência tinha como condição a existência de envelope financeiro para o efeito.

Na área da Educação, o município aceitou a “transição total” das competências que já vinha assumindo desde 2008, consolidando a competência em parceria com o agrupamento escolar e o investimento feito nos últimos anos.

Em 2020, com a assunção de competências relativamente às áreas protegidas e a realização de um investimento “na ordem dos cem mil euros” do fundo ambiental para a “qualificação da visita do Parque Nacional”, Manoel Batista diz que “há um novo horizonte de relações entre a tutela e as populações. Mais positivas do que tínhamos até agora”, frisou.

Manoel Batista reconhece em Sandra Sarmento, directora regional do Norte do Instituto de Conservação da Natureza e Florestas (ICNF) “uma outra forma de estar na relação com os municípios”.

## O COVID 19

Estamos a viver uma guerra  
E não conhecemos o inimigo  
Ninguém o viu chegar à terra  
E continua bem escondido

Não vemos armas a matar  
Só vemos gente a morrer  
Muitas pessoas a lutar  
Para o tentarem vencer.

Ataca por todo o mundo  
Mata sem dó nem piedade  
Leva as economias ao fundo  
E faz sofrer muito a humanidade.

Já estivemos confinados  
Em casa todos metidos  
Mesmo com todos os cuidados  
Continuamos a ser perseguidos.

Máscaras temos de usar  
O nosso rosto anda tapado  
Só os olhos podemos mostrar  
O sorriso fica abafado.

Grande tristeza vivemos  
Sem saber o que fazer  
Se esta luta venceremos  
Ou que fim vamos nós ter.

O mundo anda à procura  
Se uma arma para o matar  
Deus permita que a descubra  
Para a nossa alegria voltar.

Tristes notícias nós temos  
Todos os dias nas televisões  
Neste mundo em que vivemos  
Estão a morrer aos milhões.

Os profissionais da saúde  
São os heróis desta guerra  
Que nosso Senhor os ajude  
P’ra poderem acabar com ela.

Rezemos muita oração  
À Santíssima Virgem Maria  
Que nos livre desta aflição  
Acabando com a pandemia.

Virgínia do Carmo Ferreira

**CLÍNICA DE OTORRINO**  
LARINGOLOGIA  
Dr. Monteiro Marques

Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184  
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598

**hospital particular**  
Viana do Castelo  
258 808 030

www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º  
4950 - Monção  
251 652 756

Allianz Liberty Seguros LUSITANIA SEGUROS ageas seguros

**MCA – Mediação de Seguros Lda**

ASF N° 413392428

**Rigor no Preço.... Rigor na Protecção**

Escritórios:  
Rua Fonte da Vila S/n  
4960-546 Melgaço  
Tel : 251 402 903 Fax : 251 402 907  
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233  
4950-855 Cortes - Monção  
Tel / Fax : 251 656 232  
Tlm 936060133



 [tupodesvisitaportugal](https://www.instagram.com/tupodesvisitaportugal)



**#TuPodes**

# Visita muito por pouco

Visita as tuas origens e o seu artesanato, da costa ao interior e aproveita os descontos em experiências, alojamento, museus e viagens de comboio até 50% do valor.

Visita Portugal, tu podes.

[VisitaPortugal.pt](https://www.VisitaPortugal.pt)



visita Portugal



# “Forçado a usar máscara, mas não a calar a boca”

António Jorge Tavares

Está difícil o nosso viver nos dias de hoje, já não só pela pandemia que alastra pelo mundo fora, sem que a possamos estancar, o que vem provar mais uma vez que o homem é um ser falível e impotente perante uma catástrofe como esta.

Mais uma vez, desejo realçar o esforço de toda a classe médica, digna desse nome, assim como de enfermeiros e toda o pessoal hospitalar, desde o mais qualificado ao mais modesto, pois todas as tarefas para debater este mal são dignas do nosso apreço e reconhecimento.

Muitos deixaram-se andar embriagados numa sociedade consumista, num estilo de vida de ócio, com bens materiais de luxo, desde os andares de condomínio fechado, com grandes carros nas garagens, onde os ricos são cada vez mais ricos, os pobres cada vez mais pobres; e os necessitados têm felizmente a ajuda ainda de pessoas de boa-vontade que lhes levam alguns bens e comida a casa.

Não aprendemos a lição das muitas empresas que no período de férias fechavam e não voltavam a abrir as suas portas. Os jovens tinham festivais de música em vários locais do nosso país; frequentavam bares e discotecas até altas horas da noite, e agora tudo isso não passa de uma ilusão efémera que esta pandemia veio acabar.

Não tenhamos ilusões: nada será como dantes. Quando chegamos a esta situação em que este vírus, veio lançar a morte nos lares, por este país fora, deve-

mos parar e pensar no que será o dia de amanhã para os nossos filhos e netos.

A quantidade de idosos que permanecem nos lares sem visitas, há longos meses, dói muito. Contudo, muitos continuam a assobiar para o lado, porque não lhes toca o problema, mas esquecem-se que muito rapidamente ficarão velhos. O tempo corre veloz para todos.

Muitos insurgem-se contra as medidas discriminatórias que nos são impostas sobre o distanciamento social. O filósofo francês Bernard Henri Lévy, considera que “um dos principais objectivos da democracia é reduzir o distanciamento social, o distanciamento entre as classes, o distanciamento entre os poderosos e os humildes, entre os governantes e os governados. Não é uma coisa boa o distanciamento social”. Este filósofo num artigo escrito para a revista “Le Point”, contra “o fim do aperto de mão” que o mesmo considera ser este, “um símbolo de paz e de confiança”. A sua proibição preocupa-o.

Já aqui falei que a propósito das restrições que nos estão a ser impostas, estamos a perder (ou até já perdemos) a nossa privacidade. O uso e abuso dos “smartphones”, a isso deram azo. Toas essas grandes empresas tecnológicas, aproveitam os nossos dados pessoais, como o Facebook, o Instagram, a Google, Amazon, para acabar com a nossa liberdade, assim como também o Estado. Cada vez, somos menos livres e cada vez mais a nossa privacidade fica mais ameaçada.

Não quero deixar passar uma situação que me pare-

ce grave, relacionado com dia de Finados, onde se prevê o encerramento dos cemitérios (não sei se de todos) o que é uma verdadeira afronta, pela falta de critério. Deixa-se, realizar uma prova de Fórmula 1, em Portimão, para onde se deslocaram do norte do país, para sul, imensas pessoas, ainda por cima de zonas onde a pandemia tinha bastantes contaminados, e permite-se essas deslocamentos de pessoas que naturalmente criaram ajuntamentos acima daquilo que é permitido. Não se percebe.

A propósito do dia de Finados, circula nas redes sociais, a “revolta” de uma florista que se insurge com grande coragem contra a discriminação que sente neste momento, por não realizar o seu negócio da venda de flores. Quem teve oportunidade de ver esta intervenção desta florista que diz que tanto o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, como o Primeiro-Ministro, António Costa, deviam ter vergonha do que está a ser feito, para com os pequenos vendedores e feirantes, que lutam para sobreviver.

Esta revolta sentida desta mulher de coragem, dá para pensar que as coisas poderão não continuar bem, apesar da repressão que muitos sentem.

Assim, parafraseando o título que deu a este pequeno artigo, digo que temos que usar a máscara, mas não nos devemos calar quando a nossa liberdade está ameaçada.

Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

## Homem de Viladraque morre em Padrenda enquanto limpava terreno com moto-roçadora

### Trabalhador terá tido morte imediata após ser atingido na cabeça por um bocado de ferro

João Martinho

José Abel Costa Alves, de 35 anos, natural de Viladraque (Paços) faleceu na manhã de sábado, 24 de Outubro, após ter sido atingido na cabeça por um pedaço de ferro no momento em que realizava uma limpeza de mato num monte, na localidade de A Lavandeira, do município galego de Padrenda.

Segundo o informativo galego “La Región”, que cita fontes da Guarda Civil espanhola, o acidente laboral terá ocorrido pelas 10h10 do dia 24, quando o disco do moto-roçador com que José Abel Alves trabalhava terá embatido num bocado de ferro que estava entre o mato. A velocidade do disco terá puxado o ferro na direcção do trabalhador, atingindo-o na cabeça e provocado o desmaio.

Ainda segundo o diário de Ourense, o alerta terá sido dado por um colega de José Abel, que se encontrava no local a realizar o mesmo trabalho de limpeza do terreno. A emergência médica espanhola mobilizou para o local uma ambulância, um helicóptero, elementos da Guarda Civil e do Grupo de Emergências Supramunicipal (GES) de Ribadavia.

“Os profissionais de saúde tentaram a reanimação, mas não puderam fazer nada para salvar a vida do trabalhador, que faleceu praticamente logo após o incidente, considerando a gravidade das lesões provocadas pelo impacto do objecto”, avançou o La Región na sua edição on-line do mesmo dia.

Após autópsia, no Complexo Hospitalar Universitá-

rio de Ourense por ordem das autoridades judiciais espanholas, o funeral realizou-se no dia 27 de Outubro. Corpo esteve em câmara ardente na Igreja Paroquial de Paços, de onde seguiu para o cemitério da mesma Freguesia.



## Maledicência e anonimato matam mais que o COVID19

Estamos cheios de sites e páginas de facebook com nomes falsos que colocam toda a espécie de calúnias a correr, esperando que as autoridades próprias não sejam capazes de descobrir o(s) verdadeiro(s) autores. Além da tremenda cobardia que demonstram, com medo de a justiça os colocar no sítio, não olham a meios para denegrir quem lhes fez frente e não pactua com jogadas de interesses. Mas as notícias falsas e deturpadas/des-

contextualizadas correm o seu caminho e amedrontam as pessoas mais simples que não sabem distinguir uma notícia que pode ser contrastada e replicada, com pseudo-notícias para atingir injustamente pessoas que dão o melhor de si às instituições onde trabalham.

Esta é mais uma razão pela qual devemos optar por nos informarmos através de jornais com largo historial de serviço público e abertos à clarificação e rectificação

do que for julgado pertinente e conveniente.

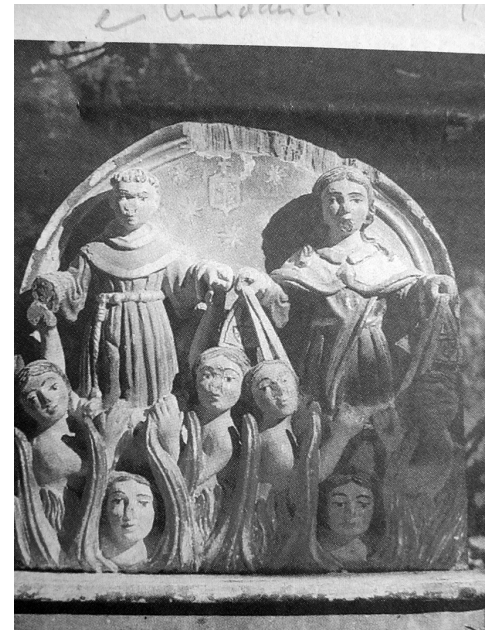
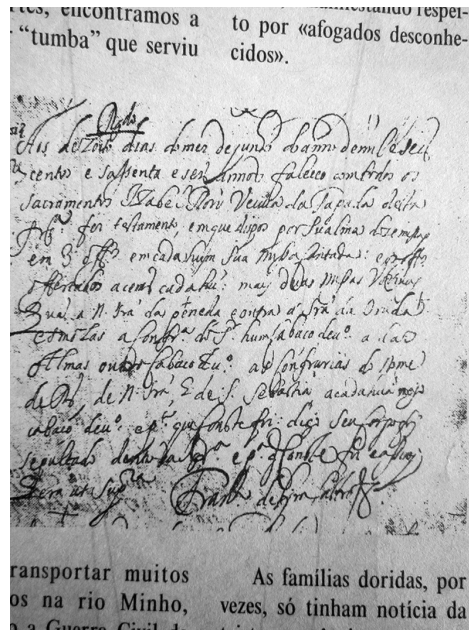
A história não se fará nem pode fazer com notícias sem credibilidade e que facilmente podem ser desmontadas. Mas no presente, é muito o dano que tais notícias postas a circular podem causar.

Bom era que houvesse um mínimo de escrúpulos e de recta consciência para convivermos civilizadamente e, quanto possível, até fraternalmente.



# Ritual do Acendimento e Jardins

José Rodrigues Lima



A solidariedade que se estabelece numa comunidade, quando se anuncia o falecimento de alguém, novo ou idoso, é significativa. A mobilidade social é uma realidade aquando o velório, o funeral e as missas pelas almas dos falecidos. Aliás, as ofertas em honra dos mortos, a encomendação das almas, a celebração do “cabo d’ ano”, influência da Galiza em terras do Alto Minho, o milho para as almas, a reza anual, as procissões ao cemitério, a cerimónia do “acendimento” na igreja paroquial de Castro Laboreiro e das obras noutras localidades, no domingo seguinte ao falecimento de alguém, são testemunhos eloquentes de que “os mortos pertencem aos vivos, conforme expressão popular.

O Padre Aníbal Rodrigues, pároco de Castro Laboreiro, registou o cerimonial do acendimento como contributo para a cultura castreja.

Algumas destas tradições foram-se perdendo numa sociedade em mudança.

A poetisa Teresa Rita Lopes escreveu, no seu livro “Cicatriz” que “o cemitério é lindo/na espuma de asseio/qual salinha de estar”.

O signo linguístico cemitério, conforme a origem do grego significa “dormitório”, e por derivação dos povos germânicos terá o significado de “jardim da igreja”. A referida literata acrescenta ainda; “desde que sento à minha mesa /mais mortos do que vivos/percebo a necessidade dos antigos/de imaginar, os deuses lares/de sentir sobre nós/os gestos protetores/dos antepassados/A sua bênção.”

A consciência da morte abre as portas do simbólico da fantasia e do imaginário com apelos ao inconsciente coletivo. Fustel de Coulanges afirmou que uma família era um grupo de pessoas às quais a religião permite invocar o lar e oferecer o mesmo banquete fúnebre aos antepassados.

## Testemunhos - A Lapa dos Defuntos

Desde o sítio de Cevide, em S. Gregório – Melgaço, onde se encontra um nicho das alminhas, mesmo onde o afluente Trancoso desagua o rio Minho, até ao planal-

to de Castro Laboreiro, onde o seu conjunto dolménico expressivo, e atravessando litoral minhoto, encontramos o dólmen da Barrosa e a mamoa da Eireira, bem como a pedra do repouso em Cardielos, constituindo testemunhos significativos do culto dos mortos.

Nas terras do Soajo são referências do culto aos antepassados o dólmen do Mezio, a Lapa dos Defuntos na Portela do Galo, e o monte da freguesia da Ermida na Serra Amarela.

No Lindoso localiza-se o penedo do descanso, ponto de paragem do cortejo fúnebre. Merece referência, ainda, “A cadeia da saudade”, utilizada na zona ribeira da cidade de Viana do Castelo.

O culto dos mortos é uma constante no Noroeste Peninsular, e tem merecido a investigação de José Mattoso, Pina Cabral, Marcial Gondar, Lison Tolosana, Mandianes de Castro, V. Risco, Taboada, Xivite, A. Fragas Fragas, Patrícia Galdey, Brian O’Neill, Margarida Durães, Gabriela Oliveira, Constantino Cabral, Clara Saraiva, Marino Ferro, Xosé Rego, entre outros.

Nas sociedades arcaicas, como refere F. Maria, os homens temiam o contágio da morte, simbolizada pela decomposição do cadáver, procurando evitá-la, ou apressá-la através de rituais e práticas funerárias que simultaneamente exprimem a angústia da morte e a aspiração à imortalidade.

Os símbolos da morte, a iconografia, as manifestações funerárias, os rituais em honra dos antepassados, fazem parte do quotidiano das populações, e apresentam uma diversidade antropológica e histórica.

Manancial abundante sobre a demografia histórica e a antropologia são os registos paroquiais, incluindo os livros das confrarias das almas, tão arreigadas no Alto Minho. Fazendo uma análise sobre a documentação referida, constatamos abundante informação e doutrinação sobre a morte. “Lembra-te da morte e não pecarás”; “Lembra-te homem que és pó. E em pó hás-de tornar-te”; “a vida muda-se, não acaba”. Mesmo assim, é de referir a persistência de alguns ritos pagãos. Nos atos mais solenes dos “vivos”, e a decorrer no calendário anual. O “mortos” estão presentes.

## Perspetiva Antropológica

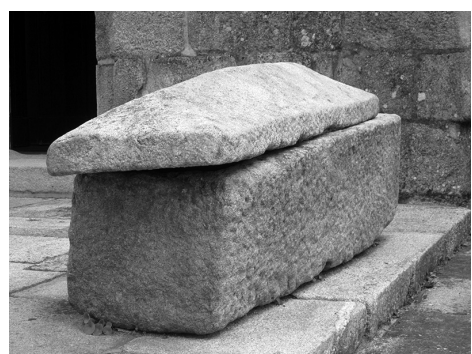
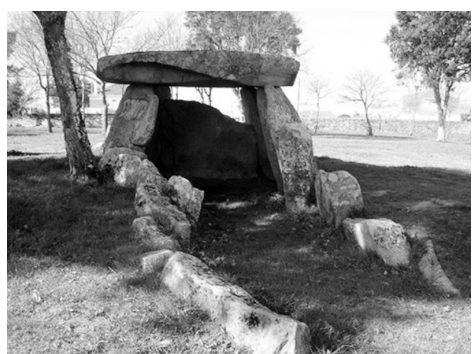
Segundo Mircea Eliade, a agricultura, como técnica profana e como forma de culto, encontra o mundo dos mortos em dois planos distintos. O primeiro é a solidariedade com a terra; os mortos como sementes, são enterrados, penetrando na dimensão clónica só a eles acessível. Por outro lado, a agricultura é, por excelência, uma técnica de fertilidade, da vida que se reproduz multiplicando-se, os mortos são particularmente atraídos por este mistério do renascimento.

Semelhantes às sementes enterradas na matriz telúrica, os mortos esperam o seu regresso à vida sob uma nova forma. É por isso que eles se aproximam dos vivos, sobretudo nos momentos em que a tensão vital das comunidades atinge o seu máximo, quer dizer, nas festas chamadas da fertilidade, quando as forças da natureza e do grupo humano são evocadas, desencadeadas e exacerbadas por ritos.

As almas dos mortos estão sedentas de plenitude biológica, de excesso orgânico, pois este transbordamento vital, compensa a pobreza da sua substância, e projeta-os numa corrente impetuosa de virtualidades e de gérmenes. M. Eliade acrescenta, ainda que o festim coletivo representa justamente esta concepção de energia vital, com todos os excessos que implica é, pois, indispensável, tanto para as festas agrícolas como para a comemoração dos mortos. Outrora, os banquetes tinham lugar perto dos próprios túmulos, para que o defunto pudesse participar do excedente vital desencadeado perto dele.

Citando alguns casos, aquele investigador refere que na Índia, o feijão era uma oferenda levada aos mortos. Na China, o leito conjugal encontrava-se no canto sombrio da casa, no sítio onde se conservavam as sementes, e por cima do lugar onde enterravam os mortos.

A ligação entre os antepassados, as colheitas e a sexualidade é tão estreita, que os cultos funerários, agrários e genéticos se interpenetram, às vezes, até à sua completa fusão. Nos povos nórdicos, o Natal (Jul) era a festa dos mortos e ao mesmo tempo, uma exalta-





# da Saudade

ção de fertilidade e da vida. É no Natal que se realizam banquetes copiosos, e muitas vezes, se celebram os casamentos e se cuida dos túmulos.

Os mortos regressam nesses dias para tomarem parte nos ritos de fertilidade dos vivos. Na Suécia, a mulher guardava no baú do dote um pedaço de bolo de casamento para o levar consigo para a cova. Da mesma forma, tanto nos países nórdicos como na China, as mulheres são amortalhadas nos vestidos de noivas.

## Rituais na Várzea

Entre nós, e bem localizada na povoação da Várzea, aldeia do Soajo, mesmo junto da raia portuguesa e galega, ainda há pouco tempo se conservava o costume referido por Mircea Eliade, pois o vestido de noiva acompanhava a defunta para a cova. Noutras localidades, também na noite de Ceia de Natal, os lugares à mesa contam sempre com o falecido ou falecida naquele ano, colocando as famílias pratos e talheres, para os que já partiram, como se estivessem em comunhão física. Em tempos praticou-se o costume de se dormir na cozinha, sobre a palha, na noite de natal, deixando as camas desocupadas para que “os antepassados” que comparecessem, se pudessem deitar e dormir na cama, conforme refere E. Veiga de Oliveira.

A mesa fica com comida, pois durante a noite, os antepassados vem associar-se à festa dos vivos. Aliás, faz parte da estrutura cultural desta zona do Ocidente, a comunhão com os antepassados sendo de sublinhar a Costa da Morte (Galiza).

## Comunhão com os Antigos

Procurando estar de acordo com o investigador Carlos A. Ferreira de Almeida, os castrejos depois de incinerarem os mortos, colocavam as suas cinzas dentro ou ao lado das suas casas de habitação. Uma sociedade consanguínea que não dispensa a comunhão com os antigos.

O interesse que os mortos da família e o culto das almas têm nesta zona, nos tempos modernos, e de que uma das mais originais expressões é a dos nichos das alminhas, tem assim longínquos antecedentes.

Conforme explica Teófilo Braga no livro “O Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições”, a expressão sapatos de defunto está relacionada com o compromisso numa confraria de Coimbra (1835), que regulando o enterro dos “irmãos”, diz que os sapatos do confrade morto ficariam “para o campaneiro”. Nestas confrarias ou irmandades, o campaneiro era o que avisava para o enterro, tocando a campainha pelas ruas, competindo-lhe essa gratificação. Na Escócia este costume está materializado em superstição. O escritor Watter Scott relata nos “Cantos Populares da Escócia” uma canção, a ser executada diante da pessoa falecida, e acompanha-a com esta notícia extraída de um manuscrito; “acredita-se que é bom dar uma vez na vida um par de sapatos a um pobre, porque após a morte, o defunto é obrigado a passar descalço através da sua grande braseira, cheia de espinhos, a não ser que pelos muitos méritos da esmola indicada, se resgate dessa penitência. À margem da braseira aparece

um velho e entrega os mesmos sapatos, que em vida lhe foram oferecidos. Assim, calcando-os, o benemérito poderá com eles atravessar os sítios mais ásperos. Em algumas zonas do país, ainda se conserva a expressão: “quem espera por sapatos de defunto, toda a vida anda descalço”

## Memória Paroquial

Consultando os registos paroquiais da freguesia de Chaviães, Melgaço, localizamos o livro misto de 1597, presentemente retirado à consulta, devido ao mau estado de conservação.

É de mencionar, que, em 1662, o Abade Francisco de Lyra Castro narrou o seguinte registo de óbito: “Aos vinte e oito dias do mês de Outubro do ano de mil seiscentos e sessenta e dois faleceu, com todos os Sacramentos, Domingos Rodrigues, da Portela do Couto, meu freguês, de uma bala com que foi passado, saindo da Praça de Melgaço a pelejar com o inimigo, o galego, que ao tal tempo veio em arrebalde da dita Praça. Seu corpo foi sepultado nesta Igreja. Fez testamento em que dispôs por sua alma dezoito missas repartidas em três ofícios. E para que conste de tudo fiz e assinei. Francisco de Lyra Castr. Abb”. À margem “Registado – 1º Estado 6; 2º Estado 6; 3º outros 6 – Domingos Rodrigues.

O mesmo abade “lavrou”, ainda, em 1666, o seguinte assento: “Aos dezoito dias do mês de Junho do ano de mil seiscentos e sessenta e seis faleceu com todos os Sacramentos Isabel Rodrigues, viúva da Tapada desta freguesia. Fez testamento em que dispôs por sua alma doze missas em três ofícios, em cada um sua missa cantada e os últimos ofertados cem reis cada um; mais duas missas votivas: uma a Nossa Senhora da Peneda e outra à Senhora da Orada. Esmolas à Confraria do Santíssimo um cabaço de vinho; à das almas outro cabaço de vinho; à Confraria do Nome de Deus, de Nossa Senhora e de S. Sebastião, a cada uma meio cabaço de vinho. E para que conste foi, digo, seu corpo foi sepultado dentro da igreja. E para que conste fiz e assinei. Era ut supra. Francisco de Lyra Castro.

Podemos constatar que naquela paróquia rural e raiana, bem como noutras, os registos de óbitos estão repletos de informações acerca de vontades testamentárias relativas aos denominados “bens da alma” e esmolas oferecidas para sufrágios.

## Afogados no Rio Minho

Do espólio da Confraria das Almas, da Paróquia de Chaviães, para além dos livros das atas, com as referências que vão desde o “beberete da irmandade”, o milho recebido, os juros do dinheiro emprestado, até aos estandartes, encontramos a singular “tumba” que serviu para transportar muitos afogados no rio Minho, aquando da Guerra Civil de Espanha e a emigração clandestina, também denominada “a salto”.

A comunidade dos crentes de Chaviães nestes casos, cumpria com próprios rituais aos irmãos da confraria, praticando a obra de misericórdia que ensina a enterrear os mortos, e assim testemunhava a caridade cristã, num sentimento de solidariedade profunda, e manifestando respeito por “afogados desconhecidos”.

As famílias doridas, por vezes, só tinham notícia da triste ocorrência passado algum tempo. É de registar, como pormenor, que muitas das vítimas afogadas aquando da guerra civil espanhola, eram deitados ao

rio Minho na ponte de Castrelos, junto a Ribadavia. Dos que tentaram a emigração clandestina, atravessando o rio, e aí morreram afogados, um era natural dos Açores.

## Relações Sociais

O antropólogo galego Martino Ferro, procedeu a uma recolha exaustiva da tradição oral, narrando as aparições dos mortos, registando o medo que produzem, e as relações entre vivos e mortos.

O referido antropólogo conclui que aquelas narrativas são uma criação cultural estimável, pois atenuam a angústia perante a morte, transmitindo normas básicas para a convivência e reforçando as relações sociais. A criação cultural depende dum lugar e dum momento histórico.

## Da Teologia à Ate Floral

No Alto Minho registamos, ainda, o canto às almas e o toque dos sinos pelas almas benditas, bem como os nichos das alminhas que se encontram ao lado dos caminhos.

Os vivos fazem penitência caminhando a um santuário. Os mortos são os romeiros do além que tem de purificar-se para chegarem limpos ao “santuário”

Percorrendo os cemitérios, “jardins da saudade” podemos afirmar que são também espaços culturais onde encontramos símbolos da teologia da esperança, manifestações da arte funerária, fotografias retiradas dos álbuns familiares, poemas de carinho, testemunhando-se o sentimento e as emoções com rituais e silêncios respeitosos.

Os aromas dos círios acesos e da lamparina de azeite, os sons pesados dos sinos e os tons de arte floral criam um ambiente de grande comunhão entre os presentes e os ausentes.

Assim, constatamos que uma das marcas culturais da nossa memória coletiva, é o culto dos antepassados no espaço dos vivos.

Os nichos das alminhas necessitam de revitalização, pois são importantes no âmbito do património cultural, merecem o devido relevo pelo seu significado e originalidade e são testemunhos de sufrágios às benditas almas.

Através do tempo, os homens de fé tradicional, tiravam o chapéu ao passar na frente desses monumentos, repletos de emoções saudosas, e muitas vezes surgia uma prece sentida.

## BIBLIOGRAFIA

- Ariés, Philippe e Duby Georges.  
 História da Vida Privada, 5º vol. - Porto Ed. Afrontamento 1991.  
 Essais sur L'histoire de la Morte en Occident dès le Moyen âge à nous jours Ed. Seuil, Col. Points de Histoire 1975.  
 Arquivo Paroquial de Chaviães – Melgaço.  
 Arquivo da Real Confraria do Espírito Santo de Paredes de Coura.  
 Braga, Teófilo – O Povo Português na sua crença, costumes, volume 1 – Lisboa, D. Quixote, 1985.  
 Cabral, João Pina – Os Cultos da morte no Noroeste de Portugal. In “A morte no Portugal Contemporâneo” trad. Ana Falcão Bastos e José Moura Carvalho, Lisboa, Quero 1985.  
 Duby Georges, O Purgatório, Lisboa, Editorial Estampa – 1992.  
 Eliade, Mircea – Tratado da História das Religiões, Lisboa – Ed. Cosmos 1970.  
 Ferro, Xosé Ramón Marino, Aparición e Santa Compans, Vigo. Edicions Quamio 1995.

Gonçalves, Flávio “Os painéis do purgatório e a origem das alminhas populares” in Boletim da Biblioteca Municipal de Matosinhos, 1959.

Le Roy, Ladurie, (Em-Manuel) L'Annuer et la Mort en Pay d'oc., Ed. Gal-Limard, Paris 1980.

Queirós, Francisco, “O cemitério de Viana do Castelo”, CMVC, 2017.

Matos, Sebastião José de Sá Matos, “Alminhas e cruzeiros de Barcelos”, 1994.





# A “Casa dos 24” – Um Conceito Singular

M. J. Lobo Elias

## A “Casa dos 24” desde o século XIV



A Mesa da “Casa dos 24” aqui fotografada tem 24 gavetas, 8 de cada lado mais comprido e 4 nos lados menores.

Na sequência da pesquisa para o enquadramento de “Lisboa Capital Verde Europeia 2020”, que começou para mim na casual descoberta da exposição sobre a obra do Arq. Paisagista Gonçalo Ribeiro Teles em Lisboa, realizada na “Casa dos 24”, em edifício próprio na Rua da Fé, bem no centro de Lisboa. A designação que é intrigante, conduziu-me depois, por curiosidade, para as origens, história, significado e alcance desta designação. Afinal representava todas as estruturas profissionais com a capacidade de participar e integrar decisões sobre Lisboa que hoje talvez disséssemos democrática.

A “Casa dos 24” foi criada em Lisboa a 16 de Dezembro de 1383, por D. João, Mestre de Avis na altura como Regedor e Defensor do Reino (futuro Rei D. João I), permitindo que os mestres-irmandades fossem dois representantes por cada área profissional, com poder de participar no governo da cidade de Lisboa.

A criação desta “Casa dos 24” traduz o reconhecimento do apoio dado por toda a classe profissional lisboeta ao Mestre de Avis, na grave crise de 1383-1385, que se gerou com o falecimento do Rei D. Fernando, para conseguir repudiar os castelhanos que nos iam fazendo perder a independência. A peste, que entretanto assolou os castelhanos que se envolveram no cerco a Lisboa, fê-los desistir dessa intenção e levantaram o cerco. Mas D. Nuno Álvares Pereira, o grande estratega

e comandante militar nessa altura, ainda teve de planejar e executar muitas acções militares pelo país fora para que Portugal continuasse dono e senhor, sem interferências externas, dos territórios invadidos, parte integrante do país.

É surpreendente constatar que eram os profissionais ou mestres designados em cada ofício, os representantes da respectiva profissão. Portanto a Casa dos Vinte e Quatro funcionava quase como uma assembleia municipal e possuíam poder deliberativo. Todas as medidas a serem postas em prática em Lisboa tinham que ser votadas e aprovadas pela maioria dos profissionais reconhecidos. Uma perfeita democracia em tempo de monarquia...

### As Bandeiras e os Ofícios

Houve uma Nova Regulação da Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa em 1771, a qual ficou constituída pelas seguintes bandeiras e respetivos ofícios de cabeça, ou principais, e os ofícios anexos a cada uma das principais.

Os seus representantes, por profissões, apareciam com grande destaque a abrir a Procissão do Corpo de Deus que atingiu grande importância.

No séc. XVIII, no tempo do Rei D. João V era um marco na vivência e identidade da cidade.

Os ofícios com bandeiras iam representados na Procissão do Corpo de Deus e abriam o desfile, eram os que indicam a seguir. A palavra Cabeça significa, em cada grupo, a profissão com mais estatuto e os Anexos as profissões com menos estatuto mas associadas ao mesmo grupo:

1. S. Jorge - Cabeça: barbeiros de barbear e barbeiros de guarnecer espadas. Anexos: ferradores, bate-folhas, ferreiros, fundidores de cobre, douradores, serralheiros, cutileiros e espingardeiros;

2. S. Miguel - Cabeça: livreiros. Anexos: serigueiros de agulha, luveiros, serigueiros de chapéus, conteiros, penteiros, fabricantes de fitas e galões e latoeiros de fundição (os últimos dois pertenciam antes à Bandeira de S. Jorge e substituíram o ofício de sombreireiro);

3. S. Crispim - Cabeça: sapateiros e curtidores. Anexos: surradores e odreiros;

4. Nossa Senhora da Conceição - Cabeça: correeiros. Anexos: seleiros e freeiros (pertenciam antes à Bandeira de S. Jorge);

5. Nossa Senhora das Mercês - Cabeça: pasteleiros. Anexos: latoeiros de folha branca, latoeiros de folha amarela e torneiros;

6. S. José - Cabeça: pedreiros e carpinteiros de casas. Anexos: canteiros, ladrilheiros e violeiros;

7. S. Gonçalo - Cabeça: tosadores. Anexos: tintureiros, tecelões e esteireiros;

8. Nossa Senhora da Oliveira - Cabeça: confeiteiros. Anexos: carpinteiros de carruagens e picheiros;

9. Nossa Senhora das Candeias - Cabeça: alfaiates. Anexos: algibebe e bainheiros.

10. Nossa Senhora da Encarnação - Cabeça: carpinteiros de móveis. Anexos: entalhadores e coronheiros.

Para lá dos ofícios integrados em bandeiras, também enviavam representantes à Casa dos Vinte e Quatro por exemplo, os tanoeiros, os cerieiros, os ourives de ouro e lapidários, os ourives de prata e lavrantes, os oleiros e sombreireiros, os cordoeiros de linho, os cordoeiros de esparto e piaçá e os esparteiros.

### As Origens da Celebração do Corpus Christi

Nos desdobráveis distribuídos pelo Museu de Lisboa que introduziam esta notável e rara exposição há informações de natureza histórica interessantes de onde destacamos algumas notas.

“Em Portugal as origens destas celebrações permanecem, em parte, desconhecidas. As primeiras liturgias de cariz popular terão sido por volta de 1265 e as primeiras procissões eucarísticas já no século XIV. A partir do reinado de D. João I (1385-1433) São Jorge – o San-



Na Rua de S. José, em Lisboa, no exterior da Casa dos 24, existe esta placa identificativa. O edifício contíguo, mas com entrada pela rua de S. José, é a Igreja de S. José dos Carpinteiros.



Nesta sala esteve instalada e funcionou, com o mobiliário que está à vista, desde meados do século XVIII até à sua extinção, em 1834, a Casa dos Vinte e Quatro de Lisboa. É célebre instituição cúpula dos mestres de Lisboa, criada em fins do século XIV, foi, ao longo da história, uma das mais duradouras e importantes instituições do terceiro estado. Por meio do seu dirigente chamado “Juiz do Povo”, participou activamente na Restauração da Independência Portuguesa, em 1640.



Legenda da Exposição em grande



Vista geral da Exposição do Corpo de Deus no século XVIII em Lisboa, no Convento da Graça, formada por cerca de 1500 figuras de barro pintadas



Irmandade de Nª Senhora da Quietação das Flamengas de Alcântara



Irmandade de Nossa Senhora da Saúde



Irmandade de São Marçal dos Pasteleiros da antiga freguesia de Santa Justa e Rufina



Procissão do Corpo de Deus – O Pálio que cobria a apresentação do Corpo de Deus na Custódia

Continua na pág. seguinte



# No Território do Alvarinho o enoturismo celebra-se todo o ano

## Soalheiro convida a conhecer Monção e Melgaço.

Condições especiais para reservas feitas até 8 de novembro 2020.

As visitas podem ser realizadas até 8 de novembro 2021.

No próximo dia 8 de novembro comemora-se o Dia Mundial do Enoturismo e, de forma a assinalar esta efeméride, o Soalheiro, primeira marca de alvarinho de Melgaço, decidiu brindar os visitantes com uma campanha especial e comemorá-lo durante todo o ano. O convite é para conhecerem o território da origem do alvarinho – Monção e Melgaço – a sua gastronomia, natureza e hospitalidade.

Para entrar nesta viagem pelos sentidos, que revelará todo o potencial da casta Alvarinho e do “The Pur Terroir”, basta escolher a prova que gostaria de realizar. A oferta é variada e inclui as diferentes dimensões Soalheiro. Por exemplo, a prova Nature desafia a conhecer a família dos Soalheiro Naturais. Irreverentes e “fora da caixa”, estes vinhos valorizam a biodiversidade e o ecossistema vitícola, fomentando a sustentabilidade

ambiental. Já a prova Fusion representa uma verdadeira fusão de sabores, onde o potencial do terroir é explorado no seu expoente máximo para que a aprendizagem seja contínua e a inovação esteja sempre presente. Mas se optar pela prova Premium terá a oportunidade de conhecer todas as dimensões do Alvarinho Soalheiro.

A campanha é válida para todas as marcações de provas de vinho, até 8 de novembro de 2021, desde que a reserva seja feita até ao próximo dia 8 de novembro de 2020. Os visitantes têm 10 euros à disposição no total da reserva e, as mesmas, podem ser feitas online, no portal [www.soalheiro.com/enoturismo](http://www.soalheiro.com/enoturismo), inserindo o código, 8NOVEMBRO, no campo “Aplicar promoção ou voucher”.

Todas as experiências estão desenhadas de acordo com as recomendações da Direção-Geral de Saúde e do Turismo de Portugal (“Clean & Safe”).



**Soalheiro**  
QUINTA DE SOALHEIRO  
PRIMEIRA MARCA DE ALVARINHO DE MELGAÇO  
FIRST BRAND OF ALVARINHO IN MELGAÇO

## Direito à indignação

Rui Pinho

Dirijo-me a todos vós para manifestar o meu sentimento de revolta, perante a injustiça de que fui alvo no processo em que fui arguido.

Em 2017, uns meses antes das eleições autárquicas a que concorri, o presidente da junta de então, fez uma denúncia ao Ministério Público, tendo por base acontecimentos ocorridos em 2015 e acusando-me de ter gasto dinheiro do erário público (junta de freguesia) em uma estadia com a minha esposa em Aveiro, aquando da minha participação num congresso da ANAFRE, assim como de ter oferecido, com os mesmos fundos, 3 bancos em granito num valor de 352 euros, ao Centro Social de Paderne, instituição a que, como todos sabem, presido.

Fui então acusado pelo Ministério Público e julgado por estes factos. Acontece que em relação à referida estadia em Aveiro, não foi feita prova da prática de crime e fui absolvido. No entanto, no que toca aos bancos de granito, que foram instalados no Centro Social e onde ainda hoje se encontram (não vieram para a minha casa

ou em benefício próprio), o tribunal decidiu pela condenação, atendendo ao facto de dirigir a instituição. Porém, o que esta sentença escamoteou, foi o acordo verbal que houve entre a Junta de freguesia de Paderne e o Centro Social, sobre esta compra e com benefício para ambas as partes “A Junta de Freguesia que também precisava de 3 bancos em granito para instalar na casa mortuária, pagaria o total dos 6 bancos e o Centro Social, ficaria encarregue do transporte desses bancos, desde Chaves (local da compra) até Paderne” e assim aconteceu. Recordo que o acordo foi verbal e 2 anos mais tarde, o então presidente da junta, dá o dito por não dito e volta atrás na sua palavra, alegando não se lembrar de nenhum acordo e desconhecer completamente o compromisso de pagar os bancos desta instituição. Fui então condenado pelo tribunal a pagar os ditos bancos, uma multa de 400€ e 3 anos e 2 meses de pena suspensa.

Como entendi que esta sentença não fazia justiça ao que realmente se passou, apresentei recurso ao Tribu-

nal da Relação de Guimarães. Nesse recurso, o Senhor Procurador do Ministério Público junto do Tribunal da Relação de Guimarães, deu parecer no sentido da procedência do recurso e pedia a minha absolvição mas, espantosamente, e nada o fazendo prever, o Tribunal da Relação de Guimarães manteve a minha condenação, escudando-se no princípio da livre apreciação da prova do Tribunal de Primeira Instância.

Não havendo possibilidade de recorrer deste acórdão, perante estes factos, quero mais uma vez referir que me sinto injustiçado, porque em momento algum agi pelas costas de ninguém ou obtive qualquer tipo de benefício próprio. Tenho a certeza que não cometi qualquer crime. Pagarei os famigerados bancos de granito do meu bolso, mas jamais prejudicarei a instituição de solidariedade social a que presido.

Aproveito para agradecer o carinho e atenção de todas as pessoas, que pelos mais diversos meios, têm manifestado a sua solidariedade para comigo.

Um grande abraço do amigo Rui Pinho

Continuação da pág. anterior

to Guerreiro-padroeiro de Portugal, ganhou particular destaque na procissão, sendo tradicionalmente representado à cabeça da procissão, montado num cavalo branco, acompanhado por pajem e alferes, seguido das muitas corporações de mestres agrupada na Casa dos Vinte e Quatro, distinguindo-se pelas suas insígnias, bandeiras, pendões e trajes. A acompanhá-las, toda a espécie de carros alegóricos, representando castelos, dragões, naus, entre outros”

“Esta procissão atingiu o seu esplendor máximo nos reinados de D. Manuel I (1495-1521) e D. João III (1521-1557) passando a participar então dezenas de confrarias religiosas, com os seus pendões e charamelas.”

Ao longo dos séculos XVII e XVIII as celebrações foram sofrendo mudanças, mas mantendo sempre a sua enorme importância e adesão popular.

No reinado de D. João V, já no século XVIII, são muitas as referências à decoração das varandas com colchas de seda, tapeçarias, e ornamentos dourados, e nas ruas pavimentação com flores, que seriam iniciativas custeadas pelos municípios.

Sempre a atravessar épocas de mudança, e algumas descontinuidades, a procissão do Corpo de Deus em Lisboa chegou ao século XXI! Um acontecimento de tradições identitárias...

### A Tradição da Procissão do Corpo de Deus em Lisboa

Uma tradição que se manteve até aos nossos dias pelas ruas do Bairro da Graça. Tive o privilégio de participar numa visita guiada ao Bairro da Graça há algumas semanas, orientada pela Prof. Margarida Calado, da Faculdade de Belas Artes que, ao abranger também a Igreja e Convento da Graça, nos proporcionou a maior das surpresas: a oportunidade de visitar uma exposição espantosa, da Procissão do Corpo de Deus no século XVIII na enorme casa do capítulo do Convento: um conjunto surpreendente constituído mais de 1500 pequenas figuras em barro com cerca de 15 cm de altura, pintadas, representando os participantes na procissão, reconstituindo assim a imponentíssima Procissão do Corpo de Deus em Lisboa, na Graça, no sendo rei D. João V.

Nesta procissão de miniaturas estão inseridas as representações de todos os grupos profissionais, religiosos e sociais existentes na cidade de Lisboa. Com lugar de destaque, a abrir a procissão, estão os representantes das profissões reconhecidas e activas pertencentes à “Casa dos Vinte e Quatro”.

Seguiam-se as irmandades, depois a representação de todos os conventos masculinos e femininos. A seguir vinham os representantes da nobreza, mais perto

do pálio, sob o qual seguia o Corpo de Deus e junto do qual ia o Rei. Absolutamente surpreendente.

### Preparação desta Exposição

Para preparar esta exposição a equipa de conservação e restauro do Museu de Lisboa tratou, durante quatro semanas, cada uma das 1587 figuras em barro não cozido que constituem este conjunto. Concebidas pelo empresário Diamantino Tojal foi sendo realizada aos poucos no início dos anos quarenta do século XX e pretendia cuidadosamente reconstituir e retratar a procissão do Corpo de Deus como teria sido no século XVIII, no reinado do rei D. João V. Muito interessante, esta visualização da vida de Lisboa, através da participação e representação de todas as classes sociais neste importante acontecimento.

### Uma “Visita Guiada”

A Paula Moura Pinheiro dedicou, a propósito desta magnífica exposição, um programa completo na sua série televisiva “Visita Guiada”. Muito interessante e que vale muito a pena ver. Por isso segue aqui, no fim deste texto, para facilitar o trabalho de pesquisa, o respectivo código de acesso <https://www.rtp.pt/programa/tv/p38667/e1>.

Espero que se surpreendam como eu me surpreendi.

Nov 2020



# Melgaço inaugurou a primeira torre de comunicações ilustrada com a identidade do concelho

Antigo edifício da PT vai ser reconvertido em incubadora tecnológica de última geração

João Martinho



Melgaço inaugurou, em Outubro, a primeira torre de telecomunicações transformada em obra de arte em espaço público.

A intervenção artística original e inovadora foi desenvolvida pelo artista espanhol Rafa López, no âmbito programa de Residência Artísticas do projecto Amar o Minho, uma iniciativa promovida pelo consórcio MINHO IN, constituído pelas Comunidades Intermunicipais do Alto Minho, Ave e Cávado.

Esta será a primeira de três torres de telecomunicações em processo de instalação no cumprimento do protocolo estabelecido entre o município e a Altice Portugal, para reforço do sinal nas comunicações digitais em três pontos distintos do território, nomeadamente, Vila (já inaugurada), S. Paio e Branda da Aveleira (Gave).

Na sessão inaugural, o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, congratulou a gigante das telecomunicações, representada nesta sessão por Luís Alveirinho, Chief Technology Officer da Altice Portugal, pelo compromisso firmado com o território e que permitirá concretizar um investimento “na ordem dos dois milhões de euros” na qualificação da ligação dos territórios de baixa densidade ao resto do mundo.

No âmbito desta parceria está ainda a cedência, por parte da Altice ao município de Melgaço, do edifício situado junto ao Largo Hermenegildo Solheiro, no centro da Vila e prevê a utilização das instalações a título gracioso por um período de cinco anos. As obras de melhoramento e capacitação do edifício da década de 80 (do séc.XX) para a instalação de uma incubadora tecnológica estão em curso e receberá um projecto de expressão transfronteiriça.

**“Quando esta torre ficar obsoleta, a obra de arte ficará eterna”**

Helena Pereira, Directora Geral da Zet Gallery, entidade coordenadora das Residências Artísticas em que a participação do artista espanhol Rafa López se inseriu, destacou a “hibridez” das influências que estiveram na base desta concepção registada para a posteridade. A arte contemporânea retratada na torre tecnológica resulta do “sentir Melgaço e a sua identidade” que o artista verteu para a enorme tela a céu aberto.

“Quando esta torre de telecomunicações deixar de cumprir a sua função, ficar obsoleta, a obra de arte ficará para sempre eterna. Tudo passa, mas a arte é a que fica e se eterniza”, notou Helena Pereira.

Rafa López assumiu o desafio como um dos seus

quadros. “Assumi-o tal como represento as minhas obras. Cada obra é um diário pessoal de cada um dos lugares que visito. É como se estivesse a deixar ler o meu diário pessoal”.

Durante duas semanas, o artista natural de Sevilha visitou o concelho e transpôs para o elemento tecnológico e artístico a identidade de Melgaço, com motivos mais ou menos panfletários, aquele que é então o relato da sua percepção do território. E deixa para que cada um os perceba e os sinta, já que admite não gostar de “explicar” os trabalhos que assinam.

**Incubadora tecnológica terá apoio transfronteiriço e promete ser referência regional**

Com a reconversão do antigo edifício da (anteriormente) PT em incubadora tecnológica, o município de Melgaço pretende mobilizar para aquele espaço os serviços de componente digital da autarquia e tornar esta valência um apoio para toda a região.

O projecto a desenvolver a breve trecho contará com o apoio de fundos comunitários no âmbito da CIM Alto Minho e do programa de cooperação transfronteiriça Interreg envolverá, além de Melgaço, os municípios portugueses de Paredes de Coura e Vila Nova de Famalicão, assim como o município espanhol de Ourense.

Manoel Batista destaca, em declarações a este jornal, a “experiência interessante” que o município galego tem desenvolvido no contexto “das incubadoras da área tecnológica” e pretende criar um espaço que apoie empresas, mas também a aproximação nas novas gerações à tecnologia de ponta.

“Permitirá que as gerações mais novas tenham ligação à tecnologia ao mais alto nível, àquilo que se faz em programação em impressoras 3D e em desenvolvimento tecnológico muito avançado”, avançou o autarca, em linhas gerais. Além da utilização formativa, os equipamentos a instalar poderão ser um suporte para aplicação associada “aos produtos locais” ou empresas ligadas à área tecnológica.

**5G: “Esmagadora maioria das pessoas não vai tirar partido dessa tecnologia”**

Luís Alveirinho, Chief Technology Officer da Altice Portugal, esteve em Melgaço para assinalar uma das primeiras concretizações da parceria firmada em Novembro de 2019 e garantir que Melgaço faz parte da rede de utilizadores ligados “às auto-estradas electrónicas de



comunicação”, cuja importância se evidenciou durante a primeira vaga da pandemia Covid-19.

Segundo o representante da Altice, a fibra óptica chega já a 5,4 milhões de casas do país, com 4 milhões de quilómetros de fibra – equivalente a cem voltas à Terra, que tem de perímetro 40 mil quilómetros – mas o salto para o 5G não será uma preocupação do utilizador comum nos tempos mais próximos.

A primeira das três torres a instalar no concelho tem a componente artística mas também olhos no futuro e preparada para instalar a tecnologia 5G... Quando chegar.

“Estas torres estão totalmente preparadas para que, quando houver 5G, possamos implementar essa tecnologia aqui. No entanto, a esmagadora maioria das pessoas, pela utilização normal no dia-a-dia, não vai tirar partido desse tipo de tecnologia. Nos primeiros anos, o 5G vai ter muito mais expressão nas empresas, na indústria 4.0, para automatização de processos industriais”, esclarece Luís Alveirinho.

Além das questões políticas, que tem chamado a atenção do mundo para o mercado desta tecnologia, prendem-se também algumas questões de hardware, para a utilização comum. “As pessoas terão alguma vantagem, mas para terem acesso à tecnologia 5G vão ter de alterar os seus equipamentos terminais, comprar outros telemóveis”, observou o representante da Altice Portugal.

Sobre a perspectiva de instalação de tecnologia de vanguarda no edifício cedido para utilização à autarquia, Luís Alveirinho admite que a empresa “vai acompanhar” o projecto e admite parceria. “Se houver projectos em que estivermos directamente interessados, vamos envolver-nos a fundo e trabalhar directamente com o município”, assegurou.